

A MITOLOGIA SAGRADA DOS DESANA-WARI DIHPUTIRO PÕRÃ

Diakuru

Kisibi

(Américo Castro Fernandes) (Dorvalino Moura Fernandes)

UNIRT / FOIRN



**A MITOLOGIA SAGRADA
DOS ANTIGOS DESANA
DO GRUPO WARI DIHPUTIRO PÕRÃ**

Diakuru

(Américo Castro Fernandes)

Kisibi

(Dorvalino Moura Fernandes)

UNIRT/FOIRN
Cucura do Igarapé Cucura - São Gabriel da Cachoeira
Amazonas - Brasil
1996

UNIRT - União das Nações Indígenas do Rio Tiquié
Povoado Cucura (Igarapé Cucura)

FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro
Avenida Alvaro Maia, 79
CEP: 69750-000 São Gabriel da Cachoeira
Amazonas - Brasil
Telefone/fax: (092) 471. 1349

© Américo Castro Fernandes e Dorvalino Moura Fernandes - 1996

Coordenação editorial, Revisão do Manuscrito e da Tradução, Nota Lingüística e Apresentação: Dominique Buchillet/ORSTOM

Revisão final do português: Geraldo Andrello e Aloísio Cabalzar Filho/ISA

Notas: Américo Castro Fernandes, Dorvalino Moura Fernandes e Dominique Buchillet/ORSTOM

Glossário de nomes científicos: Dominique Buchillet/ORSTOM

Digitação do original: Dominique Buchillet/ORSTOM

Mapa do alto Rio Negro: Alícia Rolla/ISA

Mapa dos lugares míticos: Pierre Gazin et Dominique Buchillet/ORSTOM

Foto da capa: motivo de cestaria desana. Pierre Gazin/ORSTOM

Design gráfico: Maria Helena Pereira da Silva

Editoração eletrônica: Elisabeth Duval/ORSTOM

Impressão e acabamento: Darantière

Este livro faz parte do termo de cooperação entre a FOIRN, o Instituto Sócioambiental/ISA e o IIZ-Instituto para a Cooperação Internacional/Campanha da “Aliança pelo Clima” (Áustria). A produção e a impressão foram inteiramente custeadas pela ORSTOM-Institut français de recherche scientifique pour le Développement en Coopération (França).

Primeira edição: agosto de 1996

Tiragem: dois mil exemplares

SUMÁRIO

Apresentação	7
Nota lingüística	15
A criação do mundo	19
A vida de Abe	27
Os Ūmarī mahsā não aceitam as estrelas como os seus líderes	27
A inveja de Buhpu, o Trovão	27
A vingança de Abe	29
Abe escolhe um lugar para morar no universo	33
A vida de Deyubari gōāmũ	35
A primeira mulher de Deyubari gōāmũ	35
Wanani gōāmũ et Deyubari gōāmũ abrem uma vagina para a mulher-cipó	39
A segunda mulher de Deyubari gōāmũ	41
Deyubari gōāmũ mata a Cobra-traira, Diá-doe	52
História da terceira mulher e a ascensão de Deyubari gōāmũ no universo	56
O fim de Diá-pĩrõ magõ	66
A vida das cunhadas de Deyubari gōāmũ	68
A vida de Baaribo	79

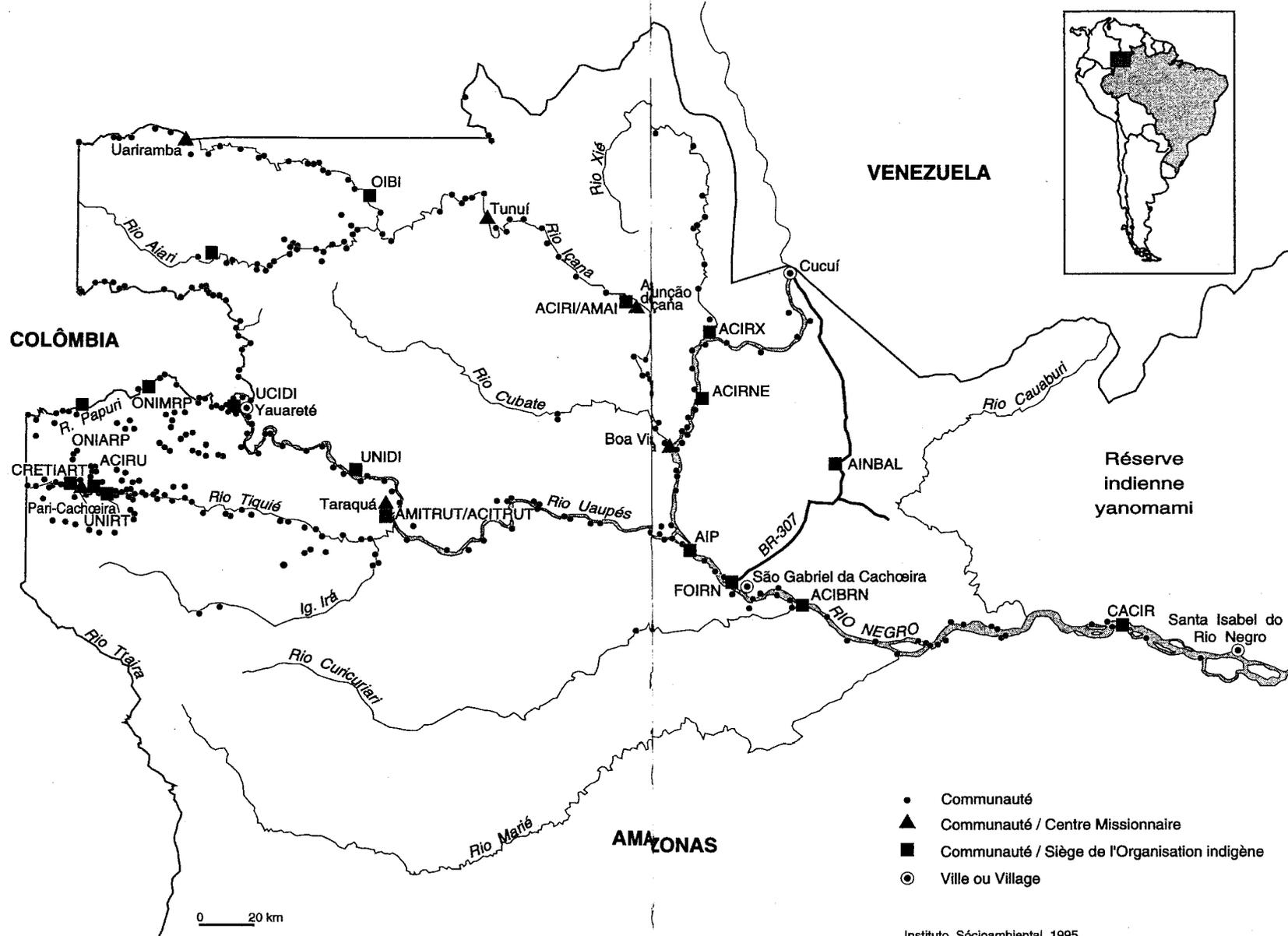
A vida de Buhsari gõãmu	93
Os Ũmurĩ mahsã procuram a noite	93
Ñamirĩ visita os seus cunhados	100
O grande castigo de Buhsari gõãmu	103
Buhsari gõãmu fica ilhado na maloca de Amo	106
Buhsari gõãmu morre mas ressuscita depois de três dias na forma de duas pessoas	112
Os Diroá matam os gaviões da avó Micura	118
A avó dos Diroá visita os seus parentes, os Koá-yeá	122
A ascensão dos Diroá para o céu	126
Origem do fogo	135
O ódio de Sê-pĩrõ contra os Ũmurĩ mahsã	139
Sê-pĩrõ faz alagar o mundo	139
Sê-pĩrõ faz cair o fogo sobre a terra	140
Origem das flautas sagradas e do caapi	143
A vingança de Mirupu ou Miñapõrã mahsã	147
Gãmõyeri wãhĩ acaba no fogo	150
As mulheres roubam as flautas sagradas	153
O líder dos Ũmurĩ mahsã reparte a alimentação e os instrumentos musicais	157
Os Ũmurĩ mahsã se transformam em seres humanos	163
Glossário de nomes científicos das plantas e animais citados na mitologia	193

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea de narrativas míticas é o segundo volume da coleção “Narradores Indígenas do Rio Negro. Memória, Identidade, Patrimônio cultural e Perspectivas para o Futuro” lançada pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro-FOIRN em abril de 1995 no quadro do seu programa de resgate e de revigoração da cultura tradicional dos vários povos que moram na região do Rio Negro.

Este volume reúne os mitos mais importantes da cultura dos *Umari mahsa*, “Gente do Universo”, assim como se auto-denominam os *Desana*, na versão do grupo de descendência *Wari dihpitiro porã*, os “Filhos de Cabeça Chata”.

Os *Umari mahsa* são um dos quinze grupos indígenas da família lingüística *Tukano* oriental que moram, com outros povos das famílias lingüísticas *Arawak* e *Maku*, na região do Rio Negro. A população total da região é estimada em aproximadamente 25.000 pessoas, vivendo em cerca de 500 povoados dispersos ao longo do Rio Negro e de seus principais tributários, os Rios *Uaupés*, *Tiquié*, *Papuri*, *Içana*, *Xiê*, bem como nas áreas de interflúvio. Os *Umari mahsa*, etnia de origem dos dois narradores deste volume, somam aproximadamente 1000 no Brasil, divididos em 50 comunidades espalhadas pelos Rios *Tiquié* e *Papuri*, afluentes da margem direita do Rio *Uaupés*, bem como ao longo dos seus principais tributários navegáveis, em particular os *igarapés Umari* e *Cucura* do Rio *Tiquié* e o *igarapé Urucu* do Rio *Papuri*. Eles estão ligados aos outros povos da região, da mesma ou das outras família(s) lingüística(s), por um estreito sistema de relações matrimoniais e/ou de trocas cerimoniais e econômicas.



Os Wari dihputiro pōrã, “Filhos de Cabeça Chata”, grupo de descendência de Diakuru (Américo Castro Fernandes) e Kisibi (Dorvalino Moura Fernandes), os dois narradores deste volume, moram na comunidade Cucura, no igarapé de mesmo nome, afluente da margem esquerda do Rio Tiquié. Como se lerá neste volume, o ancestral deste grupo Wari Dihputiro foi o chefe dos grupos de avós, isto é, dos rezadores ou sacerdotes (kumu) e dos guardiões dos enfeites cerimoniais e instrumentos musicais sagrados. Esse grupo de descendência é tradicionalmente um grupo de kumu ou rezadores. A eles cabiam as funções de proteção e de cura das doenças por meio de rezas, tarefas efetuadas ao pedido dos antigos chefes de malocas.

O conteúdo do livro foi inteiramente elaborado por Américo. “Esse livro somente conta o que os cinco líderes ancestrais dos Desana fizeram”, aqueles responsáveis pela criação do mundo, pela origem das plantas cultivadas, da humanidade, das línguas... Não inclui as histórias sobre animais, nem contos para crianças. Tal foi, desde o início, a decisão de Américo. São, portanto, os mitos mais importantes da mitologia dos Desana. Foi também Américo que decidiu da ordem de apresentação das narrativas míticas: da formação do mundo passando pela transformação da humanidade até a época atual.

Embora a mitologia apresentada neste volume esteja compartilhada por todos os grupos da família lingüística Tukano oriental, pode-se perceber diferenças significativas com as versões já publicadas, seja aquela dos Desana do grupo de descendência Kêhíripōrã, seja aquelas publicadas por missionários ou viajantes*, testemunhando mais uma vez a

* - Ver, por exemplo, Amorim, A.B. de. - “Lendas em Nheêngatu e em Portuguez”, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1926/8, 154 (100): 9-475; republicado em 1987 pelo Fundo Editorial da Associação Comercial do Amazonas, Coleção “Hiléia Amazônica”, vol. 1); Barbosa Rodrigues, J.B.- “Poranduba

complexidade e a grande riqueza cultural dessa região, que já foi celebrada por antropólogos como C. Lévi-Strauss em suas *Mitológicas*. Cada etnia e mesmo cada grupo de descendência têm sua própria visão, marcando em detalhes específicos, seja nos nomes de lugares, seja nos nomes ou no destino dos seres mitológicos, marcas de sua identidade étnica e cultural específica.

Os textos apresentados neste segundo volume são particularmente ricos, detalhados e completos: incorporam numerosos e inéditos fragmentos de rituais (rezas, cantos) que atestam a sofisticação do sistema terapêutico e ritual deste grupo indígena. Nesse aspecto, Américo fez questão de somente colocar no texto informações sobre as rezas que ele já experimentou como kumu ou rezador e, por essa razão, sabe que elas são eficazes. Não quis colocar informações sobre doenças que ele nunca teve a oportunidade de curar e, por esse motivo, ignora se as rezas correspondentes “funcionam”. Com efeito, para os Desana, como aliás para os outros grupos da mesma família lingüística que moram nessa região, cada mito dá origem a várias doenças. Essas doenças são geralmente a consequência ou o resultado, muitas vezes involuntário, de uma ação específica de um dos heróis míticos. Os Desana costumam dizer que as rezas, bem como as pragas, derivam dos episódios míticos causadores das doenças que afetam a humanidade de hoje.

amazonense ou Kochiyma-vara Poranduba”, Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (1886-1887, vol. XIV (fasc. n. 2): 1-224); Brüzzi Alves da Silva, A.A.- Crenças e Lendas do Uaupés (1994, Quito/Abya Yala; Manaus/Inspeçtoría salesiana Missionária da Amazônia/Centro de documentação etnográfico e missionário-CEDEM); Stradelli, E.- “La Leggenda del Jurupary” e outras lendas amazônicas (1964: São Paulo, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, Caderno n. 4); Umušĩ Pārōkumu e Tōrāmũ Kēhĩri.- Antes o Mundo não existia. Mitologia dos antigos Desana-Kēhĩripōrã (1995, São João Batista do Rio Tiquié/São Gabriel da Cachoeira; primeira edição pela livrária Cultura Editora em 1980).

Esse livro foi redigido em português por Dorvalino, filho maior de Américo. Cada noite, Américo ia contando em desana para seu filho os mitos que este traduzia e escrevia diretamente em português durante o dia, em pequenos cadernos de escola, após o trabalho de caça ou de pesca. Quando um caderno estava pronto, Dorvalino traduzia tudo de novo para seu pai que, então, corrigia, desmentia um ponto particular, concordava ou pedia para que Dorvalino recomeçasse tudo. Dorvalino fez vários rascunhos, sempre submetendo a tradução a seu pai e jogando no lixo os caderninhos que “não prestavam” na avaliação de Américo. Eles demoraram cinco anos para chegar a esta versão final que cabia em quatro pequenos cadernos de escola.

Os mitos foram revisados com os narradores pela antropóloga Dominique Buchillet da Orstom (Institut français de Recherche scientifique pour le développement en coopération) em 1993, na ocasião de seu trabalho de campo na região. O trabalho consistiu essencialmente em melhorar o português, esclarecer pontos obscuros ou ininteligíveis particular e rever a escrita das palavras em desana. O mito da formação do mundo contém inúmeros fragmentos de rezas: a tradução foi revista a partir do desana pela antropóloga com os dois narradores. Optou-se por ficar o mais perto possível da fala desana das rezas, o que explica as diferenças no nível da estrutura e do ritmo entre o texto dos mitos e o das rezas.

Uma vez o manuscrito datilografado, ele foi mandado de volta aos dois narradores para uma última revisão. Dorvalino retraduziu tudo de novo para seu pai que fez então algumas correções. Estas se referiam notadamente aos nomes das malocas de transformação, alguns foram mudados, e forneceram alguns detalhes complementares sobre a preparação da transformação da humanidade. Todas essas correções foram inseridas na versão agora publicada.

As notas que aparecem ao longo do texto no pé das páginas foram, na sua grande maioria, elaboradas por Américo e Dorvalino. Fornecem detalhes etnográficos sobre a origem mítica das doenças e das curas xamânicas de grande interesse para os antropólogos que pesquisam na região do Rio Negro. Algumas foram redigidas pela antropóloga Dominique Buchillet, de modo a esclarecer pontos etnográficos particulares. De modo a distinguí-las das notas dos narradores, elas foram assinaladas com a menção entre parenteses (N, do R.), isto é, “Nota do Revisor”. Foi também acrescido, ao final deste volume, um glossário de nomes científicos dos animais e das plantas citados na mitologia quando eram conhecidos. Esse glossário usou essencialmente como fontes a obra de Rodolpho Von Ihering, Dicionário dos animais do Brasil (1968, São Paulo, Editora Universidade de Brasília), o Novo dicionário da língua portuguesa de Aurelio Buarque de Holanda Ferreira (s.d., Editora Nova Fronteira), e o livro de Berta G. Ribeiro, Os Índios das águas pretas (1995, São Paulo, Companhia das Letras/ Editora da Universidade de São Paulo). No texto, os nomes dos animais e das plantas que aparecem no glossário são assinalados por um asterisco. Como no primeiro volume da série, o sistema de transcrição das palavras em desana inspirou-se da Proposta para uma grafia unificada da língua Tukano (1992), elaborada durante vários seminários por professores tukano da região, sob a coordenação da lingüista da Orstom, Odile Lescure, conforme aparece mais detalhadamente ao final desta Apresentação. A revisão final do português foi efetuada por Geraldo Andrello e Aloísio Cabalzar Filho, ambos do Instituto Sócioambiental/ISA de São Paulo.

Os narradores

Américo Castro Fernandes (Diakuru) e seu filho maior Dorvalino Moura Fernandes (Kisibi) quiseram publicar essas narrativas por vários motivos: em primeiro lugar, queriam expor aos outros povos da região a visão do grupo Wari dihputiro pōrã da criação do mundo e da humanidade. Américo esclareceu em várias ocasiões que “queria contar toda a verdade” e que a versão aqui publicada representa “a versão verdadeira” dos Wari dihputiro pōrã.

Cientes do esquecimento crescente e do desinteresse da jovem geração para com a cultura tradicional, Américo e seu filho maior Dorvalino decidiram escrever esse livro em vista de sua publicação a fim de que “as narrativas míticas não se percam”. Querem, outrossim, que esses mitos sejam incluídos nos currículos escolares da região de modo a suprir a relativa ausência de material pedagógico dessa natureza. Neste sentido, os dois narradores encontram-se plenamente de acordo com os objetivos da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro/FOIRN que tem como uma das linhas de ação prioritária resgatar, preservar e revigorar a cultura dos antigos, em particular através de publicações das narrativas míticas e cuidando para que elas estejam incluídas nos currículos escolares da região.

Diakuru, com nome português Américo, é kumu e o atual tuxaua da comunidade Cucura localizada no igarapé Cucura, na margem esquerda do Rio Tiquié. Kisibi (Dorvalino) é, desde o ano passado, Presidente da União das Nações Indígenas do Rio Tiquié/UNIRT, uma das dezenove associações locais filiadas à FOIRN. Foi, até o ano de 1994, professor na escola de Nova Fundação, comunidade Maku localizada na cabeceira do igarapé Cucura. Decidiu parar de lecionar para se dedicar ao trabalho de escrita dos mitos e das rezas do seu grupo Wari dihputiro pōrã.

NOTA LINGÜÍSTICA

O sistema de transcrição das palavras em desana adotado neste livro inspira-se na Proposta para uma grafia unificada da língua Tukano (1992), elaborada por um Grupo de Trabalho, formado por professores Tukano da região do Alto Rio Negro, em vários seminários sob a coordenação da lingüista Odile Lescure.

O alfabeto compreende 21 letras: **a, b, d, e, g, h, i, k, m, n, ñ, o, p, r, s, t, u, u, w, y, ?**. Há ainda dois signos gráficos: o til (~) em cima de uma vogal indica nasalização (mahsã “gente”) e o acento agudo (´) em cima de uma vogal indica o tom alto (diá “rio”). As vogais nasais são escritas sem til quando ocorrem numa sílaba na qual a consoante é **m, n** ou **ñ** (mahãna “moradores”, mani “nós”, ñahsã “maracá”).

Algumas letras representam sons próprios em desana como o **u** vogal central, fechada, não arredondada (pagu “pai”) ou ’ consoante glotal (wi’í “maloca”). Outras têm pronúncias diferentes do português, como por exemplo:

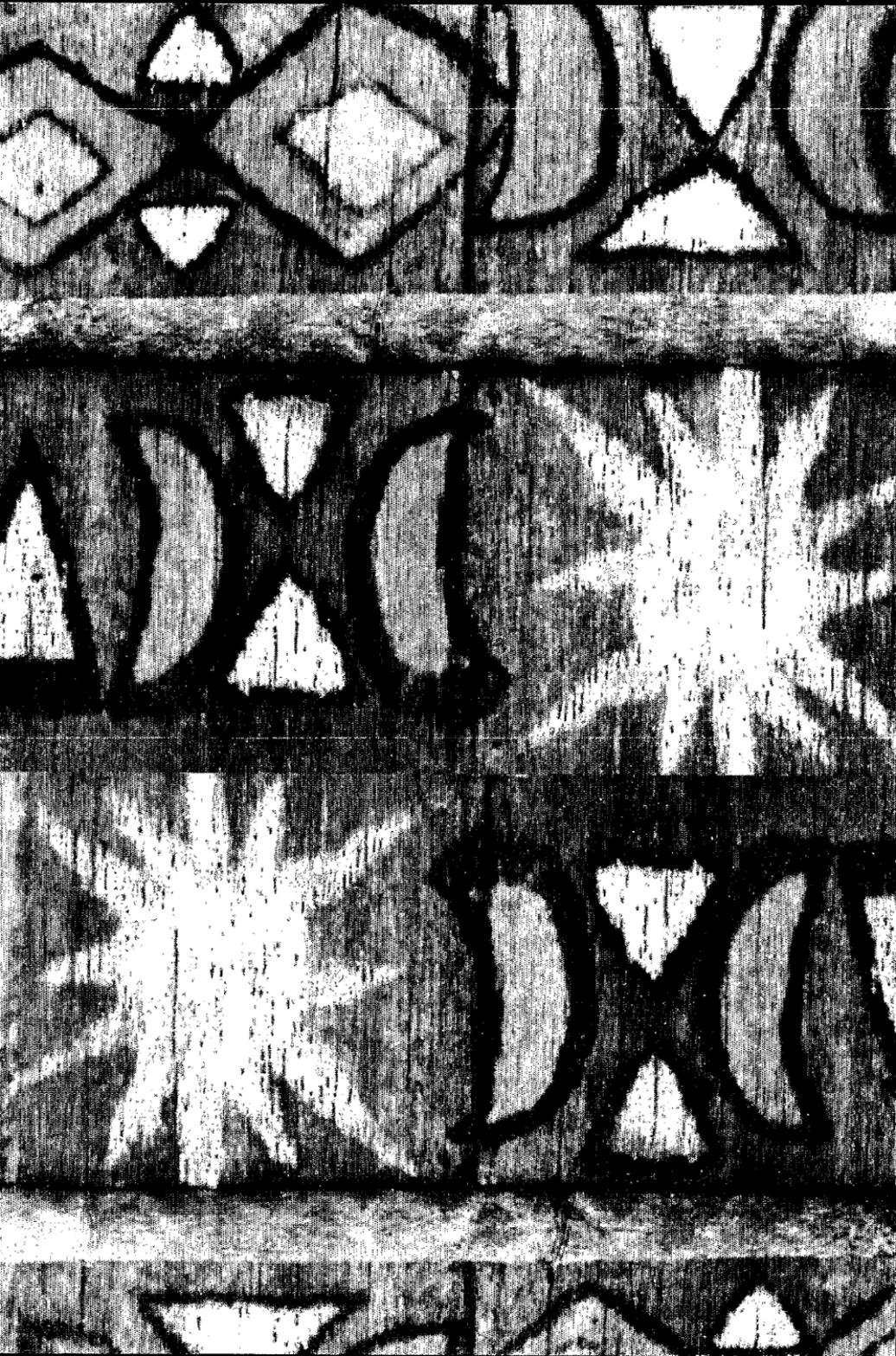
/g/ pronuncia-se [g] quando vem acompanhado por uma vogal oral (pagu “pai”) e [ŋ] quando vem acompanhado por uma vogal nasal (ñagi “miçangas”);

/h/ representa uma aspiração, sendo diferente da letra **h** do português. Essa aspiração tem várias realizações fonéticas: aspirada [h], como no exemplo uñtã “pedra”, ou fricativa [x], como na palavra yuhku “pau”;

/ñ/ sua pronúncia varia entre [ñ] et [y];

/r/ quando a letra **r** aparece em posição intervocálica, seguida por uma vogal nasal, sua pronúncia difere conforme as variações dialetais do desana, podendo ser pronunciada pelo locutores [r̃], [r̃̃] ou [n]; e

/w/ se pronuncia [w] quando é seguida pelas vogais **a, e, o, u, u**; e [u] quando acompanha a vogal **i**, como em wi’i “maloca”.





A CRIAÇÃO DO MUNDO

Umurĩ ñehkũ, o Avô do Universo, era um ser que apareceu por si mesmo no universo. Um dia, cansado de viver sozinho, ele disse a si mesmo:

— “Farei outros seres com a minha aparência que se chamarão Umurĩ mahsã, “Gente do Universo”. Eu sou um criador, eles também terão a capacidade de criar. Eu sou sábio, eles também serão sábios”.

E ficou pensando nisso durante muito tempo.

Antes não havia terra, nem água, matas, rios, animais, peixes e seres humanos. Só existia a escuridão. Por isso, Umurĩ ñehkũ disse:

— “Eu farei primeiro a terra para a Gente do Universo morar”.

E se pôs a pensar sobre como deveria ser feita a terra. No fim, começou o seu plano de trabalho.

Em primeiro lugar, ele pegou dois bastões lança-chocalho que ele cruzou e, em seguida, jogou pelo espaço. Os dois bastões formaram a base da terra. Ele os abençoou, dizendo:

— “Esses bastões segurarão a terra. Um será osso de mulher, o outro, osso de homem. Desses bastões nascerão e crescerão filhos nessa terra que não terá fim¹”.

Logo a seguir, Umurĩ ñehkũ pegou uma peneira tecida de uarumã* de sapo², a jogou em cima da cruz de bastões e, girando-a, abençoou:

1 - Daqui deriva uma oração para fortalecer os ossos da pessoa e/ou para acompanhar o seu desenvolvimento físico (gõãrĩye amo bayiriye).

2 - Moaweru wuhũ siburũ. O uarumã ou arumã é uma fibra vegetal que serve para tecer balaios e diversos outros artigos usados no processamento da mandioca (N. do R.).

— “Essa peneira de uarumã de sapo formará a primeira camada da terra. Essa peneira gerará a Gente do Universo. Essa peneira será o ar puro, a carne, o osso, o sangue e a saúde da Gente do Universo, o leite e o mel que nunca terão fim³”.

Umurĩ ñehkũ pegou em seguida uma peneira de uarumã de cobra⁴ e, jogando-a em cima da primeira, abençoou:

— “Essa peneira de uarumã de cobra formará a segunda camada da terra. Essa peneira gerará a Gente do Universo. Essa peneira será o ar puro, a carne, o osso, o sangue e a saúde da Gente do Universo, o leite e o mel que nunca terão fim”.

Depois, pegando uma peneira de uarumã de água⁵, ele a jogou em cima das duas primeiras, abençoando:

— “Essa peneira de uarumã de água será os rios e lagos de crescimento da Gente do Universo, dando-lhes a bebida e a saúde que nunca terão fim”.

Naquele momento, apareceram mares, rios, lagos, igarapés e lagoas. Umurĩ ñehkũ pegou então uma peneira de uarumã de massa de mandioca⁶ e jogando-a em cima das outras, ele abençoou:

— “Essa peneira de massa de mandioca será a peneira das frutas do mato. Essa peneira dará comida e saúde que nunca terão fim para a Gente do Universo”.

Ele formou assim a quarta camada da terra. No fim, pegou uma peneira de uarumã de fartura⁷ e, jogando-a em cima das outras, abençoou:

3 - Foi a partir desta época que a gente volta a ser terra depois da morte.

4 - Pírō wuhũ siburu.

5 - Dehko wuhũ siburu.

6 - Ōsū wuhũ siburu.

7 - Bo wuhũ siburu.

— “Essa peneira de uarumã de fartura será também terra. Essa peneira será o alimento e a saúde da Gente do Universo que nunca terão fim”.

A partir desse momento, a terra e a água começaram a existir. A primeira terra feita por *Umurĩ ñehkũ* tinha a forma de um amontoado de peneiras redondas⁸. Vendo que tudo tinha dado certo, o Avô do Universo abençoou mais uma vez a terra:

— “Terra de ar puro, terra geradora da Gente do Universo, terra sadia, (eu) a purifico. Paris⁹ de crescimento da Gente do Universo, paris de ar puro, paris de leite, paris de mel, paris de saúde”.

Dizendo isso, ele abriu os paris e os espalhou por cima da terra¹⁰. Assim que *Umurĩ ñehkũ* acabou de abençoar a terra, apareceu uma mulher.

Essa mulher chamava-se *Yebá buró*, a “Velha da Terra”. *Yebá buró* era o primeiro retrato da mulher-mãe, da qual as mães das gerações futuras iriam se assemelhar. Voltando-se para *Umurĩ ñehkũ*, *Yebá buró* o chamou “*Umurĩ ũgũ*”, isto é, “Irmão maior do Universo”. Ele a chamou “*Umurĩ ñehkó*”, isto é, “Avô da Terra”. Ele a chamou assim para que ela fosse

8 - É por isso que quando a gente cava a terra, pode-se ver várias camadas. Essas camadas são as peneiras colocadas por *Umurĩ ñehkũ* para formar a terra.

9 - Termo *nheengatu* que designa o cercado para a pesca feito de varas e talas. É também o cercado de proteção da família na ocasião do nascimento de uma criança, ou ainda da mulher menstruada (N. do R.).

10 - Antes de abrir um novo sítio ou de construir uma casa, o *kumu* recita a oração chamada *wi'igoro amoniye bayiriye*, “oração para preparar o lugar da casa”. Nesta oração, ele faz como o Avô do Universo fez no início dos tempos. Essa oração é feita para as mulheres serem férteis e também para elas gerarem crianças sadias. Depois dessa oração, o *kumu* recita outra para matar os insetos que moram dentro da terra para que não causem doenças (tumores, verminose, fazer comer terra). Por fim, ainda por meio de uma oração, ele espalha sobre a terra os paris de proteção que *Umurĩ ñehkũ* espalhou no início dos tempos de modo a tampar os insetos. O Avô do Universo benzeu a terra como se fosse uma mulher, para ela gerar filhos.

a avó das gerações futuras do universo. É dessa maneira que eles se saudaram.

Os dois procuraram durante muito tempo o meio de fazer a Gente do Universo. Um dia, Umurĩ ñehkã disse para Yebá buró:

— “Olha, Avó do Universo, eu vou prosseguir com a minha criação!”

— “Termine o seu plano de trabalho, Irmão maior do Universo”, ela respondeu.

O universo para eles era uma grande maloca. Dentro dessa maloca Umurĩ ñehkã principiou a sua cerimônia. Primeiro, ele abençoou assim:

— “Banco¹¹ de quartzo branco, banco de ouro, banco de pedra preta, banco de leite, banco de mel, banco de descanso, banco de saúde da Gente do Universo”.

Dizendo isso, ele fez aparecer o banco, colocou-o no lugar onde queria sentar, fez diminuir seu calor e sentou. Sentado no banco, ele continuou a benzer:

— “Banco de crescimento, banco de leite, banco de ar puro, banco de saúde da Gente do Universo¹²”.

Depois, pegando o suporte de cuia¹³, ele o abençoou:

— “Suporte de cuia de quartzo branco, suporte de cuia de ouro, suporte de cuia de pedra preta, suporte de cuia de descanso da Gente do Universo, suporte de cuia de saúde da Gente do Universo”.

11 - Esse banco (seró) será para as gerações futuras sentarem.

12 - Aqui ele está se referindo à placenta (nihi seró) na qual senta-se a criança dentro da barriga da mãe. É dessa maneira que o kumu reza para uma mulher por ocasião de sua primeira menstruação ou no seu primeiro mês de gravidez, usando a oração do Avô do Universo para que gere crianças sadias.

13 - Para os velhos, a parte inferior do corpo da mulher, da barriga até as coxas, tem a forma de um suporte de cuia (yuhiro). Dizem também que o útero (nihi suriro) está sentado num suporte de cuia dentro da barriga da mãe.

Dizendo isso, ele colocou o suporte de cuia no chão. Depois, pegando duas cuias redondas de mesmo tamanho, ele as abençoou:

— “Cuia¹⁴ de quartzo branco, cuia de ouro, cuia de pedra preta, cuia de leite, cuia de mel, cuia de crescimento da Gente do Universo, cuia de descanso da Gente do Universo, cuia de saúde da Gente do Universo, do leite e do mel, aparecerá e se amamentará a Gente do Universo. Com o mel das frutas dos cipós tōpa*, yuratō, peyotō, diatō e ubitō¹⁵, dessas frutas grandes e pequenas, dessas frutas de cor branca, vermelha e preta, crescerão e amamentar-se-ão os Ūmurī mahsā”.

Terminando esta cerimônia, ele levou as duas cuias, colocou uma delas no suporte de cuia, cobrindo-a com a outra de mesmo tamanho¹⁶. Feito isso, Ūmurī ñehkū pegou a forquilha de cigarro e abençoou:

— “Forquilha¹⁷ de quartzo branco, forquilha de ouro, forquilha de pedra preta. Com o cigarro¹⁸ do homem encaixado nela, cigarro de leite, cigarro de mel de abiu, serão gerados os Ūmurī mahsā”.

14 - Aqui ele está se referindo ao útero da mulher, abençoando a cuia como se fosse o útero feminino.

15 - Plantas-cipós de capoeira (da família Rubiaceae) cujas frutinhas são usadas para fortificar a pessoa depois de uma doença grave ou a criança recém-nascida para ela ter um crescimento sadio (N. do R.).

16 - Por isso, os velhos dizem que a terra tem também a forma de uma fruta-cuia presa num suporte de cuia (yuhiro) por uma corda de miçangas (ver mito de Ñamirī mahsū neste volume). Primeiro a terra tinha a forma de uma peneira. Depois desta última cerimônia, a terra tomou a forma de duas cuias viradas. Por outra parte, a fruta-cuia é símbolo do útero da mulher. Por fim, como vimos, o útero está também assentado num suporte de cuia.

17 - Oresuari dūhpā. Os Antigos fumavam cigarros de até 30 cm de comprimento dentro de grandes forquilhas ou cigarreiras (N. do R.).

18 - Para os velhos, os braços da forquilha (waigōārī) representam os lábios grandes e pequenos da vulva feminina. O cigarro do homem (muru yuhku) é o símbolo do pênis. Ele é encaixado entre os lábios da vulva da mulher para gerar e produzir os Ūmurī mahsā. O clitóris da mulher representa o lugar onde o Avô do Universo encaixou o cigarro e o abençoou. Os velhos dizem que o clitóris e o pênis são como dois irmãos, as partes mais sensíveis na relação sexual devido a essa oração de Ūmurī ñehkū. Por fim, o esperma se parece com o suco ou o mel da fruta abiu. Por isso, fala-se dessa maneira na oração.

Acabando de abençoar, ele levou o suporte de cuia, com a cuia coberta com a outra de igual tamanho, até a porta dos paris interiores da maloca¹⁹. Depois disso, ele foi sentar na porta do nascente da maloca do universo, em cima do banco já abençoado. Sentado no nascente, ele começou a soltar a fumaça do cigarro, abençoando-a, em direção da cuia. Naquele momento, entrou Yebá buró, perguntando:

— “O seu plano de trabalho deu certo, Irmão maior do Universo?”

— “Eu não sei ainda”, respondeu ele.

Pouco depois, eles foram até a cuia e destampando-a eles olharam para dentro: nada viram. Não havia sinal de vida, não havia sinal de gente. Yebá buró disse então:

— “Você sendo um homem sábio não soube formar os primeiros ʘmurĩ mahsã. O que vamos fazer agora?”

ʘmurĩ ñekhũ queria fazer tudo sozinho, mas não havia dado certo. Por isso, ele respondeu para Yebá buró:

— “É melhor não desanimarmos. Agora chegou sua vez de tentar fazer os primeiros ʘmurĩ mahsã”.

— “Está bem”, assentiu Yebá buró.

Depois de cobrirem novamente a cuia com a outra de tamanho igual, Yebá buró apressou-se em sentar na porta do nascente da maloca, no banco já abençoado por ʘmurĩ ñekhũ. Ela pegou o cigarro, o encaixou na forquilha, e iniciou a oração repetindo as palavras e os gestos de ʘmurĩ ñekhũ. Quando acabou de abençoar, ela soprou a fumaça do cigarro em direção da cuia como fizera ʘmurĩ ñekhũ²⁰. Enquanto isso, o Avô do Universo estava abençoando Yebá buró, dizendo:

19 - É atrás desses paris que as mulheres se refugiam quando os homens sopram as flautas sagradas fora da maloca (N. do R.).

20 - A fumaça é o símbolo do esperma.

— “Faço dessa cuia a cuia da vida, a cuia de saúde da mulher²¹ e a deito sobre as suas coxas²²”.

Assim que terminaram a cerimônia, os dois correram até a cuia que destamparam. Olharam então para dentro. Viram nela sete sinais de gente, parecendo-se larvas²³.

— “Agora sim, nós conseguimos formar a Gente do Universo”, disse Yebá buró.

— “Muito bem! Quero saber agora quem será o líder suprêmo desses sete sinais de gente”, retrucou Ūmurī ñehkū.

Ele ficou algumas horas pensando nisso. No fim, ele disse:

— “O primogênito será Abe²⁴”.

Aproximando-se da cuia, ele disse:

— “Você Abe será a luz que nunca terá fim. Você será a luz, que fará o bem para os seus irmãos. Você dominará a terra inteira”.

Abrindo a cuia, ele ordenou :

— “Abe, saia da cuia transformadora e comece agora o seu trabalho!”

Abe saiu da cuia e, no mesmo instante, surgiu a luz. Pouco depois, apareceram também as estrelas²⁵.

Depois Ūmurī ñehkū voltou-se de novo para a cuia e disse :

— “O segundo irmão será Deyubari gōāmū. Você Deyubari gōāmū será o dono da caça e da pesca, você inventará os

21 - Isto é, Yebá buró.

22 - Como vimos, o Avô do Universo estava abençoando a cuia (isto é, a terra) como se fosse o útero de Yebá buró. É devido à essa oração de Ūmurī ñehkū que a mulher grávida, quando está sentada, tem a sua barriga sobre suas coxas.

23 - Yebá buró acertou porque ela é a imagem, o retrato, das mães das gerações futuras dos Ūmurī mahsā já que o Avô do Universo abençoou a cuia como se fosse o útero dela.

24 - Isto é, “Sol” na língua desana.

25 - Por isso, os velhos dizem que o sol e as estrelas formam uma só família.

instrumentos de caça e de pesca para que as gerações futuras se alimentem. Agora, saia da cuia e comece o seu trabalho conforme eu lhe ordenei!”

Deyubari gōāmū saiu da cuia transformadora e, com ele, apareceram os animais, os peixes e as aves.

Umurī ñehkū voltou-se de novo para a cuia e disse:

— “O terceiro irmão será Baaribo. Você Baaribo será o dono das plantações, você ensinará para os seus irmãos como plantar e colher. Agora, saia da cuia transformadora e comece o seu trabalho conforme eu lhe ordenei”.

Baaribo saiu da cuia para iniciar o seu trabalho.

Voltando-se novamente para a cuia, Umurī ñehkū disse:

— “O quarto irmão será Buhsari gōāmū. Você Buhsari gōāmū²⁶ será o mestre da natureza. Você tomará conta de todos os seres vivos do universo. Agora, saia da cuia transformadora e comece o seu trabalho conforme eu lhe ordenei!”

Buhsari gōāmū saiu da cuia e, com ele, apareceram as matas, as serras, os campos e os animais que, logo, se puseram a falar com ele.

Voltando-se para a cuia, Umurī ñehkū disse:

— “O quinto irmão será Wanani gōāmū. Você, Wanani gōāmū será o dono do veneno²⁷. Você tomará conta de tudo o que é veneno. Agora, saia da cuia transformadora!”

Então Wanani gōāmū saiu da cuia com esse poder. Voltando-se, por último, para a cuia transformadora, Umurī ñehkū disse:

— “O sexto e o sétimo serão mulheres. Uma, Amo, trabalhará no nascente dos rios e igarapés, a outra, Yugupó, na foz dos rios. Vocês duas mulheres serão grandes criadoras e seus trabalhos serão muito prestigiados pelas gerações futuras”.

26 - Os Umurī mahsā, isto é os Desana, são os descendentes de Buhsari gōāmū.

27 - Uhpū mahsū em desana. Como veremos, Wanani gōāmū se tornará mais tarde Mīrupu que se transformará em Mīñapōrā mahsū (N. do R.).

A VIDA DE ABE

Os Ūmurī mahsā não aceitam as estrelas como os seus líderes

Depois de ter saído da cuia transformadora, Abe tinha dois problemas para resolver. Os seus irmãos, que saíram também da cuia transformadora, não aceitavam as estrelas como seus primogênitos. Consideravam-nos como caçulas, por não terem aparecido da cuia, embora houvessem saído junto com a luz do sol. Mas Abe não prestou atenção às reclamações dos seus irmãos. Por isso, os descendentes das estrelas sofreram muito com as gerações de Ūmurī mahsā. No fim, perderam o seu poder, acabando por ficar servos de todo mundo. Desde aquele tempo, a Gente-estrela foi sempre a inimiga dos Ūmurī mahsā.

A inveja de Buhpu, o Trovão

Quando Abe ia iniciar o seu trabalho, conforme lhe havia ordenado Ūmurī ñehkū, ele se deu conta que existia um outro ser no mundo que se chamava Buhpu, isto é, “Trovão”. Buhpu tinha uma filha mais conhecida como Buhpu magõ, isto é, “Filha de Trovão”. Buhpu e sua filha apareceram no universo através da rotação das primeiras nuvens e se transformaram em gente. Por isso, eles são também conhecidos como Imika mahsā, isto é, “Gente das Nuvens”. Por isso também, as nuvens são para Buhpu como uma maloca.

Buhpu era um ser muito perigoso para os Ūmurī mahsā. Ele só pensava em acabar com eles, pois queria ficar como dono do universo inteiro. Ele tinha, naquele tempo, muitos poderes.

Abe não ignorava as idéias maléficas de Buhpu em relação aos Ūmurī mahsā mas, mesmo sabendo disso, ele não soube

impedir que Nekamã, o líder da Gente-estrela que ele considerava como o seu irmão, se amigasse com a filha de Buhpu e ficasse com ela. De fato, Nekamã não estava preparado para lidar com os poderes de Buhpu e de sua filha.

Quando ele se amigou com a filha de Trovão, admirou-se ao ver nela uma mulher formada, completa. Com efeito, Buhpu magõ tinha todos os órgãos genitais para ter uma relação sexual. Por isso, não era preciso abrir-lhe uma vagina, como se fazia com as outras mulheres daquele tempo. Todavia, Buhpu magõ era uma mulher muito perigosa. Nos seus pêlos púbicos havia insetos venenosos como escorpiões, tocandiras, aranhas e todo tipo de formigas. O seu clitóris era um dente de jararaca* e o seu útero podia gestar insetos venenosos e jararacas. Mas não dava para vê-los. Todos esses insetos eram invisíveis.

Toda vez que Nekamã fazia amor com a filha de Buhpu, o clitóris da mulher picava o “pê” do seu pênis. Na hora da relação sexual, a filha de Buhpu transformava o seu clitóris em dente de jararaca. Da mesma maneira, ela colocava escorpiões, formigas, aranhas no seu monte de vênus para picar o pênis do seu amante. Mas não dava para perceber nada.

Muitas vezes, ela fingia tirar piolhos da cabeça do seu amante, aproveitando esse momento para enfiar um pêlo púbico na nuca dele. Ela fazia isso para provocar nele dor de cabeça.

Ela o levava também para pescar nos igarapés. Chegando lá, ela mostrava um tronco de paxiúba oco no fundo do igarapé, dizendo:

— “Deve haver muitos peixes nessa paxiúba! Vai buscá-los para a gente comer”.

De fato, havia muitos peixes, mas somente peixes com esporões.

Nekamũ mergulhava, trazendo de volta o tronco oco de paxiúba. Tampava o tronco com as mãos para que os peixes não escapassem. Mas os peixes enfiavam os seus esporões nas mãos dele²⁸. Nekamũ não se dava conta de nada no momento porque isso não acontecia na realidade. Tudo isso era estratégia da Filha de Buhpu. Pouco a pouco, todavia, ele começou a ficar amarelo e acabou por cair doente. Emagreceu muito, tinha sempre dor de cabeça e andava com o corpo todo amassado. Por fim, ele morreu²⁹.

A vingança de Abe

Abe chorou muito a morte terrível do seu amigo Nekamũ e jurou vingá-lo. Ele se sentia pronto para enfrentar e vencer os poderes de Buhpu e de sua filha. Uns tempos depois, Buhpu magõ veio falar com ele:

— “Olha! eu estou grávida do filho do seu amigo e irmão, Nekamũ. Quem vai cuidar do meu filho?”

— “Eu tomarei conta da criança e você ficará como minha esposa”, respondeu Abe.

Ele tinha dito isso com a idéia de vingar a morte do seu irmão Nekamũ. A filha de Buhpu fez de conta que aceitava a decisão de Abe. Ela planejava matar Abe como havia matado Nekamũ. Todavia, havia um pequeno problema: Abe não

28 - É por isso que, às vezes, pode aparecer um tumor nos ossos da pessoa, em qualquer parte do seu corpo. Esse tumor chama-se muru yuhku turimaye bihiribu. Isso se deve ao fato de que Nekamũ usou um tronco de paxiúba oco como matapi. É um tumor muito perigoso. Se o kumu não souber benzer, o doente pode ficar paralisado. Há uma oração especial para curar essa doença (muru yuhku turimaye bihiribu bayiriye).

29 - É por isso que, às vezes, as mulheres recém-casadas ficam logo viúvas: como a filha de Buhpu, elas estão cheias de veneno. Para elas não ficarem viúvas outra vez, recita-se uma oração especial (wahpewiõ bayimuye bayiriye). Essa mesma oração se recita também antes de qualquer casamento para isso não acontecer.

costumava pescar, nem caçar. Para pôr em prática o seu plano, Buhpu magõ disse para seu marido:

— “Eu estou com muita fome. Vamos apanhar bacabas no mato. O cacho de bacabas que eu vi, quando o seu irmão ainda estava vivo, deve estar maduro agora!”

— “Vamos lá”, ele disse.

Os dois começaram a sua caminhada pelo mato. Chegando no primeiro igarapé, ela disse:

— “Aqui, no fundo desse igarapé, há um tronco oco de paxiúba. Nele costumam entrar muitos peixes. Vai tirar esses peixes para a gente comer na volta com chibé de bacabas”.

— “Está bem!”, respondeu Abe.

Abe sabia o que iria acontecer. Por isso, antes de mergulhar na água, ele começou a se proteger. Com uma oração, ele calçou botas de pedras preciosas. Eram botas de quartzo branco, de ouro e de pedra preta. Depois, ele transformou a sua mão esquerda em pedras preciosas, em quartzo branco, em ouro e em pedra preta. Só então é que ele mergulhou para buscar o tronco de paxiúba. Tampando o tronco com a mão esquerda, ele o trouxe de volta para a superfície da água. Enquanto fazia isso, ele transformou a palma de sua outra mão, a mão direita, num cabo de enxó³⁰ a fim de matar os peixes que se encontravam dentro do tronco de paxiúba. Como antes, ele o fez de pedras preciosas. Passou a despejar os peixes no chão e a matá-los, um por um, com golpes de cabo de enxó que era sua própria mão. Havia somente peixes miúdos com esporões. Depois disso, ele os recolheu dentro de um aturá que entregou em seguida para a mulher. Vendo isso, Buhpu magõ ficou muito triste e começou a chorar, percebendo que estava perdendo o seu poder

30 - Yohoka dūhpu em desana. É uma arma de guerra que os Ūmurī mahsā usavam antigamente (N. do R.).

com Abe. Todavia, não deixou que o marido notasse seu descontentamento.

Logo depois, os dois retomaram a sua caminhada pelo mato. Depois de algumas horas, Abe e a sua mulher chegaram a um igarapé maior:

— “Aqui também há troncos ocos de paxiúbas. Neles somente entram peixes grandes”, ela disse.

A mulher havia dito que nesses troncos de paxiúba havia peixes grandes. Isso era verdade. Todos esses peixes eram grandes e eles também tinham esporões. Abe fez como na primeira vez: matou-os todos e os entregou em seguida para a mulher, pedindo que ela os carregasse, como se faz de costume. Recebendo os peixes mortos, Buhpu magõ pensou consigo mesma:

— “Você conseguiu escapar dos meus dois primeiros feitiços, mas não me escapará da próxima vez!”

Eles prosseguiram a sua caminhada pelo mato. Pouco depois, Buhpu magõ parou num lugar limpo, dizendo:

— “Abe! vem perto de mim! olha como esse lugar é limpo! é aqui que seu irmão fazia amor comigo. Chegou o momento de mostrarmos o nosso amor um ao outro!”

Mas ele se negou a deitar com ela. Ela tentou convencê-lo de todas as maneiras possíveis, mas ele sempre se recusava a deitar com ela, dizendo:

— “Não! nós vamos apanhar bacabas* primeiro! Depois é que faremos amor!”

A filha de Buhpu tornou a pensar consigo mesma:

— “Você conseguiu me escapar outra vez mas, digo-lhe, você não conseguirá escapar do meu último feitiço”.

Continuaram a sua caminhada pelo mato. Por fim, chegaram ao lugar onde estava a bacabeira:

— “Olha aqui o pé de bacabas de que eu lhe falei. Olha como o cacho de frutas está bem pretinho! Abe, vai logo trepar no pé!”, disse ela.

No cacho havia jararacas, escorpiões, aranhas, tocandiras, cabas e todo tipo de formigas. Antes de trepar na bacabeira, Abe fez uma oração especial, cobrindo-se de um vestido de pedras preciosas. Nos pés, calçou botas de pedras preciosas e, nas mãos, colocou luvas, também elas de pedras preciosas. Assim vestido, ele começou a trepar na árvore, levando consigo o cabo de enxó para cortar o cacho de bacabas. Chegando no cacho de frutas, ele começou a matar, com uma oração, os bichos venenosos que ali se encontravam. Cortou, em seguida, o cacho de bacabas, segurando-o pela mão. Com uma oração, colocou nele o peso de todos os tipos de pedras que existem no universo. Depois disso, é que ele começou a descer devagarinho da árvore, dizendo para a mulher:

— “Vem mais perto da árvore para segurar o cacho de bacabas assim que eu chegar perto do chão!”

A mulher fez conforme ele havia ordenado e começou a se aproximar da árvore. Quando faltavam uns três metros de altura para ele chegar até o pé da bacabeira, Abe jogou com toda força o cacho de frutas na barriga da filha de Buhpu, fazendo-a explodir e causando, dessa maneira, a sua morte. O útero de Buhpu magõ saiu pela sua vagina e, com ele, vários tipos de jararacas. Abe tentou matá-las, mas algumas conseguiram fugir. São estas:

1. Diasó e diakara: elas caíram nas águas do igarapé onde se esconderam. É por isso que, hoje em dia, elas vivem mais nas beiras dos igarapés;

2. Moaweru wuhũ aña, “jararaca de uarumã de sapo”: ela se escondeu dentro das águas do rio. Hoje em dia, essa jararaca costuma viver na beira dos rios.

3. Sumenugũ aña, "jararaca de raiz de uacum" e gurabe w̃aro aña, "jararaca de cú grande": se esconderam dentro das raízes e nas folhas caídas das árvores. Hoje em dia, essas duas jararacas costumam viver nesses lugares.

4. Aña dihpuru, "cabeça de jararaca", ʘmuanobã, "jararaca do alto" e wehko aña, "jararaca-papagaio": subiram nas árvores que é o lugar de morada delas.

Várias outras cobras venenosas conseguiram fugir³¹. No fim, Abe arrancou o útero da filha de Trovão e o jogou em seguida nas águas do rio. Este se transformou então numa arraia*. É por isso que, hoje em dia, a arraia é venenosa.

Na realidade, enquanto Abe estava matando Buhpu magõ assim como os peixes e as cobras venenosas que estavam saindo de sua vagina, ele estava acabando com o poder de Trovão. Este ficou somente com os poderes do trovão e do relâmpago. Depois disso, Abe abençoou a terra e almadicoou as jararacas que conseguiram fugir dele, levando-as a se esconderem para sempre nos lugares fechados. Finalizando o seu plano de vingança, ele se purificou tomando banho no rio e esfregando-se com a casca de sabão de selva* chamado em desana dihpusiri.

Abe escolhe um lugar para morar no universo

Depois de ter vingado a morte do seu irmão Nekamu, Abe resolveu procurar um bom lugar para morar sossegado. Conversou então com os seus irmãos ʘmuri mahsã para saber onde ele poderia ficar para tomar conta de todos eles. No fim,

31 - Por isso, na oração para curar a mordida da cobra jararaca, deve-se invocar todos os tipos de jararacas que conseguiram escapar de Abe naquele tempo. A tonteira provocada pela mordida de jararaca é igual à tonteira provocada pelo caapi* (sīgābu numino). No caapi, a gente tem visão de sangue. A pessoa mordida de jararaca derrama sangue pelo corpo inteiro. Visões de caapi são muito perigosas! O caapi é uma coisa venenosa para nós!

resolveram que Abe, sendo seu primogênito, fosse morar no centro do universo. Dessa maneira, ele poderia tomar conta de todos os seus irmãos. É para lá que, com seus enfeites, Abe, o líder suprêmo dos Ūmurĩ mahsã, se dirigiu. No centro do universo é que ele foi para iluminar o mundo inteiro. Os velhos dizem que ele tem na mão um tipo de tocha feita de penas de arara* e de japu*, com a qual ele foca o universo. Quando cai a tarde, o sol vai entrando: o céu tem cor de penas de arara. Quando está amanhecendo, o sol se levanta e o céu parece ter cor de penas de japu. Abe, o líder suprêmo dos Ūmurĩ mahsã é imortal. Ele é o símbolo da vida e da saúde da Gente do Universo.

A VIDA DE DEYUBARI GÕÃMŪ

A primeira mulher de Deyubari gõãmu

Deyubari gõãmu e Wanani gõãmu ficaram juntos durante muito tempo. Um dia, sem dizer nada para o seu irmão, Wanani gõãmu começou a tecer um puçá com fibras de tucum*, mantendo em segredo suas intenções. Aprontou o puçá em poucos dias. O puçá era o primeiro instrumento que ele usaria para arrumar uma mulher de que os dois precisavam muito. Um dia, numa conversa com Deyubari gõãmu, ele lhe explicou a sua idéia. Começou dizendo que os dois precisavam de uma mulher boa para o trabalho caseiro e para gerar os seus filhos. Deyubari gõãmu concordou plenamente com a idéia do seu irmão e apoiou a decisão. Logo após essa conversa, Wanani gõãmu começou a procurar uma mulher. Um dia, passando perto de cipós, ouviu risadas de mulheres. Como as outras mulheres que já havia encontrado, quer da família das cutias*, das borboletas, quer da família dos peixes sarapó* ou dos besouros*, estas também não prestavam. Foi assim que ele resolveu procurar entre a Sîgã mahsã, isto é, a Gente-cipó, uma boa mulher para ele e seu irmão. Transformou-se então num carapanã* e entrou no mato.

No mato, encontrou primeiro o cipó ôsu sîgã-dá, “cipó de massa de mandioca”. Picou nele, mas a mulher-cipó nem se mexeu quando ele a picou. Por isso, ele concluiu que ela era preguiçosa e que não poderia servir para eles. Seguiu mais adiante. Passando aquele cipó, ele encontrou um outro chamado goro-dá, isto é, “cipó ambé-açu*”. Picou nele. Enquanto estava fazendo isso, a água do cipó começou a coçá-lo. Por isso, ele concluiu que essa mulher também não prestava por ser leviana³²

32 - Chama-se yewahkîgo, “coceira de sexo”, uma mulher que procura aventuras.

e ele seguiu mais adiante. Encontrando um outro cipó chamado mahã pĩgõ-dá, isto é, “cipó rabo-de-arara”, ele picou nele. A mulher tremeu e ele ficou também se coçando. Por isso, ele concluiu que essa mulher também não prestava por ser brava e leviana. Prosseguiu na sua busca e encontrou o cipó wabe-dá, isto é, “cipó de-timbó*”. Picando nele como de costume, ele viu que esse cipó era muito curto e cheio de dobras. Por isso, concluiu que essa mulher teria vida curta e não poderia servir para eles. Correu para a frente e encontrou um outro cipó chamado ñama sīgã-dá, isto é, “cipó-títica”. Quando estava picando nele para testá-lo, o cipó se enrolou. Wanani gõãmũ não gostou. Essa mulher era muito brava e ele resolveu ir adiante. Por fim, ele chegou até o pé de cunurizeiro* e viu que este carregava cinco tipos de cipós³³. Quando picou neles, viu que as cinco mulheres-cipós poderiam servir para um homem. Nenhum delas reagiu ao ser picada. Por outra parte, todas eram muito bonitas. Wanani gõãmũ gostou de todas elas, mas ele precisava escolher uma só para ficar com ele e com o seu irmão.

Uma vez feito isso, ele retomou a sua forma primitiva e, antes de voltar para a sua casa, escolheu no mato três tipos de ervas. Eram para Deyubari gõãmũ beber e vomitar de madrugada (como se fazia antigamente) e, assim, escolher como esposa uma das mulheres que aparecerá na reflexão das cuias. Primeiro, ele tirou os cipós chamados sīgã-sõ-dá, nekame e wehkũ gubude-dá. Em seguida, ele raspou o sabão da selva dos paus chamados dihpusiri-gũ e kera dihpusiri-gũ³⁴. Mais adiante, ele tirou três tochas de

33 - São esses: puĩ sīgã-dá, “cipó-títica”; wera sīgã-dá, “cipó tapioca”; sīgã pũrĩ-dá, “cipó reto”; sīgã diri-dá, “cipó enrolado” e sīgã pata-dá, “cipó chato”.

34 - Antigamente, para encontrar uma mulher bonita, os meninos costumavam vomitar de madrugada com a bebida preparada a partir desses três cipós misturados. Quem não fazia isso casava com mulher preguiçosa, brava ou mandona. As meninas também eram obrigadas a fazer a mesma coisa para encontrar homens bonitos. Antigamente, as lideranças desana casavam ao mesmo tempo com cinco mulheres. Depois de um certo tempo de vivência com elas, escolhiam a melhor delas para morar com eles e entregavam então as outras para os seus parentes da maloca. Todavia, eles ficavam com todos os filhos destas.

turi*: oma muhpñi, “tocha de rã”, umupeí muhpñi, “tocha de japu” e sei muhpñi, “tocha de piaba”. Voltou em seguida para a maloca. Parou no porto. Botou então no chão as cinco cuias que carregava consigo e começou a preparar o chá. Ele raspou os cipós, os amassou, os misturou com água e, por fim, os coou nas cuias. Fez em seguida a mesma coisa com o sabão da selva. Depois disso, ele foi esconder as cinco cuias cheias num lugar seguro e voltou para a maloca.

Entrando na maloca, ele entregou as tochas de turi para Deyubari gõãmũ, dizendo-lhe:

— “Meu irmão, cuide dessas tochas. Deixe secarem bem. Eu encontrei cinco mulheres bonitas e espertas conforme nos queríamos. Por isso, amanhã de madrugada, desce para o porto com as tochas acesas. Em tal lugar você encontrará cinco cuias”.

Dizendo isso, ele lhe indicou o lugar onde havia escondido as cuias:

— “Essas cuias contêm chá de cascas de pau e de cipós do mato. Cada uma dela contém um chá preparado com um cipó ou com uma casca de pau diferente. Por isso, você focará com as tochas cada cuia em seguida e verá cada vez nelas um rosto de mulher diferente. Todas essas mulheres são bonitas mas você deverá escolher uma delas, somente uma, aquela de que você mais gostar, para viver com a gente. Depois de ter escolhido uma das mulheres, pega a cuia onde viu o rosto dela e bebe o conteúdo até vomitar. Você não deverá comer nada depois de vomitar. Lhe darei nesse momento outras indicações”.

De madrugada, Deyubari gõãmũ fez conforme Wanani gõãmũ lhe havia ordenado. No porto, encontrou as cinco cuias no lugar indicado. Em cada uma delas havia um chá diferente. Focando-as de perto com as tochas, ele viu o reflexo de rostos de mulheres que pareciam muito simpáticas. Os cinco rostos eram também muito bonitos. Vendo-os, ele se apaixonou pelas

cinco mulheres ao mesmo tempo, por isso não conseguia escolher qual delas iria ficar com eles³⁵.

Ele esperou alguns minutos e tentou de novo escolher a mulher mais bonita, focando com a tocha ainda mais perto dentro das cuias. Quando estava focando a cuia do meio, ele aproximou o mais perto possível a tocha da cuia, acabando por deixá-la cair na água. A tocha se apagou e ele ficou no escuro. Ele decidiu então ficar com essa cuia e fez como o seu irmão lhe havia ordenado³⁶.

Quando amanheceu, Wanani gōãmũ diz para o seu irmão:
— “Agora você vai no mato!”

E ele lhe indicou o lugar onde iria achar o pé de cunurizeiro carregado de cipós bonitos e retos:

— “Agora você vai lá. Toma muito cuidado! Chegando no lugar, tire os cipós um por um, deitando-os bem retos no chão. Não faça um monte de cipós cheio de dobras. Depois, faça um feixe dos cipós que você arrebentou e carregue-o no seu ombro. Volta então para a maloca sem se virar para trás. Quando chegar perto da maloca, a mulher que você escolheu esta madrugada na água da cuia lhe fará um sinal, pisando no feixe de cipós. Mesmo assim, não se vire para trás. Deixe os cipós caírem no chão e siga rumo até a porta da maloca. Assim, você entrará na maloca com uma mulher. Somente aí, você poderá ver a mulher que escolheu nesta madrugada. Depois, faça como quiser!”

35 - Daqui deriva uma praga (nomea duriye) para estragar um rapaz que abandonou sem nenhuma razão, antes do casamento, a mulher com que estava amigado. O pai da mulher, bravo com o acontecimento, faz o rapaz ver mulheres bonitas. O rapaz, não conseguindo escolher, acaba casando com ninguém e morre solteiro. Há uma oração para reverter essa situação (bayi muniye bayiriye).

36 - É por isso que algumas mulheres, quando são gestantes, antes ou depois da menstruação ou, enfim, depois do parto, sentem dores de barriga, e podem abortar (nihi sianiye). Há uma oração especial para acabar com essas dores (nihi sianiye bayiriye).

Depois de ouvir isso, Deyubari gōāmũ foi pelo mato. Chegando no pé do cunurizeiro, ele começou a fazer como lhe ordenara o seu irmão. Ele não demorou nem um segundo para tirar os cipós do pé de cunuri. Na sua cabeça estava o rosto da mulher que havia escolhido no reflexo da água. Por isso, ele estava muito ansioso em revê-la. Ele se pôs a arrebentar os cipós com tanta pressa que se esqueceu das recomendações do seu irmão e fez um monte de cipós cheio de dobras. Depois de terminar de sacar os cipós, ele os endireitou no chão. Mas ele já havia criado uma doença³⁷. Ele fez um feixe de cipós que carregou no ombro sem se virar para trás, conforme lhe ordenara o seu irmão e retornou assim para a sua maloca. Chegando perto dela, sentiu alguém pisando em cima do feixe de cipós. Logo, ele o deixou cair no chão sem olhar para trás e entrou em seguida dentro da maloca que Wanani gōāmũ já havia abençoado³⁸.

— “Encontrou uma mulher?” , perguntou Wanani gōāmũ.

Deyubari gōāmũ, antes de responder, virou o olhar para trás e viu a mulher que havia escolhido de madrugada na cuia de chá. Foi assim que ele conseguiu a sua primeira mulher com a ajuda do seu irmão.

Wanani gōāmũ e Deyubari gōāmũ abrem uma vagina para a mulher-cipó

A mulher-cipó não tinha vagina. Um dia, Wanani gōāmũ foi colocar várias iscas com cupins na beira do igarapé Macucu³⁹, nas pequenas entradas de água, para depois pegar com um puçá

37 - É por isso que, às vezes, para algumas mulheres grávidas, as veias saem fora do lugar formando dobras (deyubari gōāmũ sīgã suara turimaye). Há uma oração para desmanchar essa doença.

38 - Aqui há uma oração para benzer a casa (wi'i bayiriye) antes das crianças recém-nascidas entrarem. Wanani gōāmũ tinha feito essa oração para a mulher-cipó não estranhar e morrer.

39 - Diábũgũye em desana. É um afluente da margem esquerda do Rio Papuri (N. do R.).

os peixes que comem nas iscas. Ele botou cinco iscas e voltou para a maloca:

— “Nos vamos pescar esta tarde?”, perguntou-lhe o novo casal.

— “Vamos pescar! eu coloquei cupins nas pequenas entradas de água, devem estar correndo muitos peixes nestes lugares. Vamos pegá-los com o puçá que eu preparei. Vocês vão me ajudar para remar”.

Eles responderam que iam acompanhá-lo com muito prazer. Arrumando a canoa, Wanani gōām̄ ordenou à mulher-cipó que se sentasse bem no meio. Enquanto isso, ele ficou na popa e Deyubari gōām̄ na proa. Este último ficou encarregado de pegar os peixes com o puçá. Baixando pelo rio, eles iniciaram a pescaria. Eles passaram no primeiro lugar onde Wanani gōām̄ havia colocado a primeira isca, depois no segundo lugar com isca. Chegando no terceiro lugar, eles viram um aracu pintado* comendo a isca. Wanani o cercou com o puçá no queixo. O aracu pulou e caiu bem entre as coxas da mulher, furando-a com a cabeça, abrindo um canal e desaparecendo por dentro. Só ficou de fora o seu rabo. A mulher estava semi-morta.

Para retirar o peixe, Wanani gōām̄ e Deyubari gōām̄ pegaram a forquilha de cigarro e, usando-a como um tipo de navalha, fizeram um corte no lugar de entrada do peixe. Em seguida, prenderam com os braços da forquilha o peixe e o sacaram para fora. Pegaram então a casca de paus amargos, benzeram-na e, com ela, curaram a mulher-cipó⁴⁰.

Voltando para a casa, a mulher-cipó estava pronta para ter relações sexuais. Ela passou muito tempo com Deyubari gōām̄

40 - Devido ao furo feito pelo peixe aracu entre as coxas da mulher para abrir-lhe uma vagina, esta pode perder muito sangue, sem parar, pela vagina (gōrē matari turimaye). Há uma oração especial para curar isso (gōrē matari turimaye bayiriye).

e, com ele, teve vários filhos. Um dia, ela morreu com seus filhos. Ela não se acostumava à comida de Deyubari gōāmũ, por isso ela morreu junto com os seus filhos.

A segunda mulher de Deyubari gōāmũ

Estava se aproximando o tempo do inverno. Deyubari gōāmũ estava esperando a grande enchente dos rios e dos igarapés chamada Yohoka dũhpũ puiuru, isto é, “Enchente do Cabo de Enxó”. Ia chegar também o tempo da piracema dos peixes dos igarapés. Por isso, antes dessa enchente especial, ele resolveu tecer matapis⁴¹. Mas, antes de tudo, ele foi escolher um lugar limpo para fazer esse trabalho. Depois de encontrá-lo, ele começou a tecer os matapis. Enquanto tecia, ele viu um pequeno bando de pássaros voando em direção da terra em forma de roda. Pousaram um momento na terra. Depois retornaram por onde haviam chegado. Sem demorar muito, tornaram a descer como antes, mas desta vez, eram numerosos bandos de pássaros⁴² que estavam chegando.

Deyubari gōāmũ estava observando o vôo dos pássaros, estranhando o seu jogo. Depois que o bando de pássaros retornou para o céu, ele foi olhar no lugar onde eles haviam pousado. Aproximando-se do lugar, era um lugar limpo, ele viu mal enterrada uma mulher muito bonita e logo se apaixonou por ela.

Primeiro, ele tirou um pouco de ipadu* da boca e o colocou na boca da mulher. Fez, em seguida, uma oração para reunir a vida dela que se havia espalhado no norte, no sul, no leste e no oeste⁴³.

41 - Arubu, em desana. É uma armadilha de pesca (N. do R.).

42 - É por isso que os velhos dizem que os pássaros descem em bandos antes da piracema dos peixes.

43 - Essa oração chama-se ohokari gāmeñeaniye bayiriye. A mulher havia morrido de uma doença chamada yuyuri turimaye. Essa doença, que ataca somente as mulheres, provoca muita febre, dor de cabeça, bem como um tipo de asma. A mulher acaba por morrer, sem conseguir mais falar e sem abrir os olhos.

Depois de ter benzido a mulher, ele voltou para o lugar onde estava tecendo o matapi. Sem demorar, a mulher chegou perto dele e perguntou:

— “O que você está fazendo?”

— “Estou tecendo um matapi”, ele respondeu.

Assim ficaram conversando, cada um contando a sua história. A mulher ficou esperando Deyubari gõãmu acabar de tecer os matapis. Assim que aprontou dois matapis, eles voltaram para a casa dele.

Chegando lá, Deyubari gõãmu começou a abençoar a casa, jogando para fora todas as visões que não prestam, assim como todas as tonteiras, fazendo com que nessa casa somente passe ar puro, leite e mel. Se ele não fizesse isso, a mulher que estava trazendo iria morrer. Somente depois disso é que ele a deixou entrar na maloca.

Deyubari gõãmu viveu muito tempo com essa nova esposa Gente-estrela. Tiveram dois filhos. Um dia, chegou a grande enchente dos rios da Constelação do Cabo de Enxó. Nesses dias, a mulher Gente-estrela disse para o seu marido:

— “O meu pai estará, amanhã, numa festa dançante na Constelação do Cabo de Enxó”.

— “Então, amanhã, eu irei também lá. Quero pedir licença aos seus pais por você ter ficado comigo. Assim, não estarei pescando para vocês amanhã. Por isso, minha esposa, sempre olhe naquele matapi que fica na beirinha do rio. Você, com os nossos filhos, poderá comer os peixes que entraram nesse matapi. Mas, por favor, não queira se aproximar do matapi do meio. Ele é muito perigoso! Ouça o meu conselho!”

— “Está bem! ela respondeu. Seguirei as suas ordens”.

No dia seguinte, bem cedo, Deyubari gõãmu partiu para a Constelação do Cabo de Enxó. Chegou lá no começo da manhã

e foi recebido conforme o costume deles. Ofereceram-lhe um banco para sentar. Esse banco estava perto da porta de entrada da maloca, conforme se faz quando se recebe uma visita. A maloca estava cheia de Gente-estrela. O pai de sua mulher era Goropõrã bugu, ainda conhecido com o nome de Uwawa, isto é, Urubu-rei*. Ele era o tuxaua da maloca, isto é, da Constelação do Cabo de Enxó. Todos os tipos de aves que costumam comer coisas podres tais como os urubus*, os kujubins*, os jacus*, os jacupembas* estavam presentes na maloca. Todos esses pássaros haviam sido excluídos pelos Umãri mahsã, por isso não gostavam, nem um pouco, da presença no meio deles de Deyubari gõãmu, que era seu genro e cunhado.

Eles estavam prontos para brigar com ele. Já sabiam que ele tinha vindo para isso. Todavia, mesmo assim, começaram a lhe oferecer caxiri. Na realidade, eles queriam embriagá-lo. Mas ele agüentou o caxiri até o cair da tarde⁴⁴. Quase na boca da noite, a esposa de Deyubari gõãmu desceu ao igarapé para apanhar os peixes que estavam dentro do matapi. Quando lá chegou, viu que ele estava cheio de peixes. Naquele momento, seus parentes, que estavam na Maloca do Cabo de Enxó, a fizeram pensar, através dos seus poderes, em tirar os peixes no matapi do meio.

— “O matapi do meio deve estar cheio de peixes, ela pensou. Eu vou olhar”.

Ela não pensou duas vezes e logo foi ver o matapi do meio. Quando chegou perto, escorregou, sendo engolida pelo matapi. Ela ficou presa no matapi ficando somente a sua cabeça de fora e sendo cada vez mais levada para o fundo do igarapé. Tudo isso era “coisa” dos seus parentes. Fizeram isso através dos seus poderes.

44 - Deyubari gõãmu, através do seu poder, havia alterado o caxiri, fazendo-o de mel e de leite. Há uma oração para adular o caxiri, para o fazer mais doce (momepa bayiriye).

Naquele mesmo momento, na Maloca do Cabo de Enxó, chegou a hora de tomar caapi à vontade. Como se costuma fazer nessa hora, aquele que quer tomar caapi chega dançando até o camuti e pronuncia uma palavra ofensiva, ou então conta uma piada, batendo com varas ou com paus os esteios e os pilares da maloca. A Gente-estrela foi a primeira a beber caapi. Depois de beber, todos diziam a mesma coisa:

— “Ouvi dizer no meu ouvido que a esposa de Deyubari gõãmũ foi apanhar peixes naquele matapi do meio e acabou por entrar nele, ficando aparecendo somente a sua cabeça”.

Toda a turma da Gente-estrela foi beber caapi. Todos eles pronunciaram essas mesmas palavras. Ouvindo isso, Deyubari gõãmũ pensou consigo mesmo:

— “Essa gente está fazendo algo de ruim para a minha mulher”.

Pensando nisso, ele foi correndo beber caapi. Nesse momento, ele falou:

— “Ouvi dizer no meu ouvido que o segundo e o terceiro bayá⁴⁵ dos líderes da Maloca do Cabo de Enxó foram mordidos por uma jararaca bem no meio da roda de dança”.

Enquanto estava dizendo isso, ele batia nos esteios. Depois, ele foi sentar novamente no seu lugar. Tirou então o seu enfeite de canela⁴⁶ e, com ele, formou a cabeça de uma jararaca. Tirou em seguida a corda de pelos de macacos presa nos seus cabelos e, com ela, formou o corpo da cobra. Tirou também um fio de cupim com que ele fez o dente da jararaca. Por fim, ele fez o veneno dessa cobra com caapi. Acabando de formar a jararaca, ele a jogou bem no meio da roda de dança. Como ele mesmo

45 - Isto é, os cantores/dançarinos ou mestres de cerimônia (N. do R.).

46 - Waituru gahsiru em desana. Enfeite da canela feito com tucum e sementes de waitu (não identificado) (N. do R.).

havia falado na hora de beber caapi, a jararaca mordeu o segundo e o terceiro bayá dos líderes da maloca da Gente-estrela. O segundo bayá morreu na hora, enquanto o terceiro foi salvo com orações e remédios do mato⁴⁷.

Depois de ter vingado o feitiço que haviam jogado para a sua esposa, Deyubari gõãmu voltou para a sua casa. Quando chegou lá, no amanhecer, ele correu para ver o cercado onde havia colocado os matapis. Lá, encontrou a sua esposa com água até a cabeça. O matapi, feito cobra, a tinha engolido até a cabeça⁴⁸. Deyubari gõãmu tentou tirá-la do matapi mas, naquele momento, a força da corrente levou o cercado e o matapi com a mulher por dentro. Ele correu atrás para tentar salvá-la, mas não conseguiu. Foi a maneira encontrada pela Gente-estrela para fazer sua irmã regressar para casa.

Mesmo assim, Deyubari gõãmu não desanimou e continuou a correr atrás do cercado e do matapi. Chegando perto da cachoeira Õbũ, no Rio Papuri, à proximidade da foz do igarapé Macucu, ele não pensou duas vezes:

— “Eu vou parar aqui a minha perseguição mas será para matar aquele safado do meu sogro que fez essa arrumação toda!”

Parando nesse lugar, ele se transformou num veado* e fingiu que havia morrido, escondendo a sua vida na ponta do nariz, entre os dois buracos. Para ter logo um cheiro ruim, ele juntou o cheiro dos paus wahsuburu-gũ, “pau tururi*”, mio-gũ, “pau cabari”, oa-gũ, “pau mucuracaá*” e de muitos outros paus, de

47 - Usaram a planta pore pūrī sari como bayiriko, isto é para benzer.

48 - Daqui deriva uma praga para fazer uma cobra engulir as pessoas inimigas de um sítio (pīrō baariye). É bom fazer isso onde há cachoeiras. Há uma oração para reverter essa praga (arubu yari bayiriye).

todos esses que têm um cheiro ruim, que atraí rapidamente os tapurus*⁴⁹.

No dia seguinte, a Gente-estrela soube que Deyubari gõãmu havia morrido por causa de sua esposa e que ele estava podre e cheio de tapurus. Para eles, isto é, em sua visão, todo animal podre e cheio de tapurus é uma cachoeira cheia de piabas. A notícia chegou até Urubu-rei, o ex-sogro de Deyubari gõãmu. O povo da sua maloca estava comentando:

— “Na Cachoeira do Veado está dando muitas piabas*”.

Ouvindo isso, ele disse:

— “Eu serei o primeiro a comer as piabas da cachoeira do meu genro”.

Deyubari gõãmu sabia tudo o que estava sendo falado na maloca da Gente-estrela, o seu espírito estava ligado ao pensamento deles. Por isso, ouvindo as palavras do seu ex-sogro, ele ficou com ainda mais ódio e raiva contra ele.

Quando Urubu-rei estava para chegar no lugar onde havia morrido e estava apodrecendo o seu ex-genro, mandou, por precaução, a caba* goropõrã beramu⁵⁰ verificar se Deyubari gõãmu estava realmente morto ou se fingia-se de morto para vingar-se. Por isso é que ele mandou a caba revistar o corpo inteiro de Deyubari gõãmu. A caba entrou no corpo dele, revistando-o e ferrando-o por toda parte. Não encontrou nenhum pingo de vida nele. Quando passou perto da ponta do nariz, Deyubari gõãmu quase espirrou, pois era ali que estava escondida sua vida. Felizmente, ele conseguiu agüentar sem

49 - Dessa passagem deriva uma praga para usar na hora da briga. Essa praga chama-se behka soari dohari. O inimigo faz criar tapurus em todos os lugares do corpo em que a pessoa recebeu um golpe. Os bichos não param nunca de crescer e a pessoa acaba morrendo. Há uma reza para acabar com essa praga (behka pūrī bayiriye).

50 - Pequena caba de cor verde (N. do R.).

espirrar até a caba finalizar o trabalho de revistar todo o seu corpo. Por fim, a caba o ferrou bem na ponta do nariz onde termina o osso⁵¹, sem nenhuma reação dele⁵². Acabando de revistar o corpo de Deyubari gōāmū, a caba diz para Urubu-rei:

— “Ele está realmente morto! em nenhuma parte de seu corpo encontrei sinal de vida!”

Urubu-rei se preparou para descer sobre o veado morto. Pegou o seu bastão umuyē para furar o seu genro até o fim da terra, com medo de que este o atacasse de improviso. Enquanto ele estava se preparando, Deyubari gōāmū resolveu espiar. Queria saber por qual direção Urubu-rei chegaria. Por isso, ele abriu, por leve instante, seus olhos mas Kara, o cuyubim, o viu espiar e gritou:

— “Ohokarimi ñami pūi pūi pūi”, isto é, “ele está vivo, ele olhou, pūi, pūi, pūi”.

Ouvindo isso, Urubu-rei ordenou que a pobre de caba revistasse novamente o corpo de seu genro. A caba fez conforme a ordem do Urubu-rei, não encontrando, em nenhuma parte do corpo de Deyubari gōāmū, sinal de vida. Saindo do seu corpo, ela disse:

— “Siña waimi pānikū imi”, isto é, “Morreu de verdade, é mentira do cuyubim!”

Urubu-rei pegou de novo o seu bastão, o fazendo de pedras preciosas, para furar o corpo de Deyubari gōāmū. No chão, este já estava se preparando para brigar com ele, protegendo

51 - Hoje em dia, pode-se formar um tumor na ponta do nariz (bihiribu). Há uma oração para curar esse tumor (bihiribu bayiriye).

52 - Por isso, hoje em dia, a gente pode ter tumores no corpo inteiro. Esses tumores chamam-se goropōrā yaru bihiribu. Há uma oração para curá-los (goropōrā yaru bihiribu bayiriye).

seu peito com um escudo de pedras preciosas⁵³. Então veio descendo Urubu-rei, com todos os seus poderes, o bastão apontado bem na direção do coração do seu ex-genro. Antes de pousar em cima dele, tentou furá-lo como o seu bastão, que bateu contra o escudo de pedras preciosas: “toc!”. Com o choque, Urubu-rei escorregou e caiu no chão. Era exatamente o que Deyubari gōāmũ esperava. Por isso, com a maior rapidez possível, ele agarrou o sogro para brigar com ele. Vendo isso, o cujubim voou dizendo:

— “Eu não falei? eu não falei pũĩ pũĩ pũĩ?”

Urubu-rei usou de todos os seus poderes para tentar matar Deyubari gōāmũ. Com uma oração, ele o fez respirar o ar de todas as árvores venenosas do mundo para deixá-lo tonto⁵⁴. Deyubari gōāmũ ficou tonto! Ele estava com uma dor de cabeça insuportável. Ele tinha visões horríveis. Pouco a pouco, ele começou a ficar amarelo, sem sangue. No fim, ele quase perdeu os sentidos. Todavia, recuperando de repente a consciência, deu o troco para Urubu-rei e, para lhe mostrar os seus poderes, provocou nele a tonteira de caapi. Urubu-rei ficou embriagado e caiu ao chão, desmaiado. Em seguida, começou a vomitar. Ele estava muito pálido, com o coração batendo cada vez mais fracamente, a ponto de quase parar⁵⁵. Nesse momento, apareceu a mulher de Deyubari gōāmũ gritando para o seu marido:

— “Deyubari gōāmũ, estou viva! Por favor, não faça isso com o meu pai, liberte-o!”

Foi dessa forma que soube que sua mulher estava ainda viva. Mas ele tinha tanto ódio do sogro que ele não atendeu ao pedido

53 - Daqui deriva uma oração para preparar a briga (dũpu duriye). Nesta oração, a pessoa vai se defender com um escudo (wabero) de pedras preciosas.

54 - Yuhka dũhka numino em desana.

55 - Daqui deriva uma praga para usar na hora da briga. Chama-se sihipōrã ñeaniye, “pegar o coração” (de alguém).

de sua esposa. Vendo o seu malvado sogro desmaiado, quase morto, ele começou a arrastá-lo por sobre as pedras. Num certo momento, a cabeça ficou presa entre as pedras e se sacou do corpo. Foi o fim de Urubu-rei⁵⁶.

Tendo-se vingado, Deyubari gōāmũ voltou para a sua casa, lá encontrando o seu filho menor transformado no pássaro megãpuraru⁵⁷. É um pássaro que canta: “wõẽ hu wõẽ hu”.

Depois de algum tempo, Deyubari gōāmũ resolveu recuperar a sua mulher, que os cunhados lhe haviam tomado. Por isso, foi primeiro matar um veado, deixando-o apodrecer e criar tapurus para os cunhados comerem. Quando ele viu que o veado estava cheio de tapurus, saiu em direção da maloca da Gente-estrela. Chegando lá, transformou-se num velho Makú⁵⁸ e entrou na maloca saudando. Ele tinha um tipo de cinto chamado em desana sîpẽ-dá, no qual estava pendurado um embrulhozinho de folhas contendo mel silvestre que ele já havia abençoado! Esse mel era símbolo de paz! Assim que ele entrou na maloca, sua ex-esposa pegou o embrulhozinho e se pôs a comer o mel. Como ela era do mesmo sangue que o pessoal da maloca, passou-se a raiva dela bem como a dos outros. O mel benzido por Deyubari gōāmũ acalmou todo mundo.

Na hora da sua chegada, a Gente-estrela estava comentando que na Cachoeira do Veado havia muitas piabas. Decidiram então:

— “Amanhã cedo, nos todos iremos lá!”

56 - A briga aconteceu na Cachoeira Arubu, no Rio Papuri. Hoje em dia, vê-se nesta cachoeira, a cabeça do urubu que ficou presa entre duas pedras.

57 - É um pássaro de bico comprido (não identificado).

58 - O Maku é o vestimento-capa (peogu suriro) de Deyubari gōāmũ. Os Maku não existiam naquele tempo. Deyubari gōāmũ fez os outros o chamarem de “Maku”, o que eles fizeram. É desta época que vem o nome de “Maku”.

Quando amanheceu, o Maku fez uma oração para que a sua mulher pensasse em sair por último da maloca. Quando ela estava para sair, o Maku tirou um palito de pintar que estava na sua orelha e, com ele, formou o ferrão de uma caba. Com ipadu, ele fez o veneno da caba e, com as plantas cheirosas⁵⁹ que trazia penduradas na cintura, fez as suas asas. Pegou então a caba que havia criado e a jogou em direção à mulher. A caba voou e ferrou sua esposa bem na coxa⁶⁰. Assim, ela ficou impossibilitada de ir pescar com os seus irmãos. Vendo-a gritar de dor, estes decidiram:

— “Ela fica com o Maku, ele a curará!”

Perguntaram ao velho Maku se ele sabia benzer. Ele respondeu pela afirmativa. Sairam então para pescar na Cachoeira do Veado. Em seguida, o falso Maku benzeu sua mulher, que logo ficou melhor.

Pela parte da tarde, a mulher disse para o velho Maku:

— “Vai buscar lenhas para mim”.

Ele foi e trouxe lenhas conforme ela havia ordenado. Depois disso, foi para o porto tomar banho. Chegando lá, tomou banho, tirou a sua máscara de velho Maku, voltando a ser Deyubari gõãmã. Ele estava todo enfeitado, como se estivesse fazendo uma visita.

Chegando na porta da maloca, ele saudou a esposa com gentileza, dizendo: “Boa tarde”. Ela respondeu “Boa tarde” e, de raiva, abaixou logo a cabeça devido a essa visita inesperada. No fim, ela o recebeu com amor, perdoadando-lhe pelo que havia feito contra seu pai.

59 - Barás em desana (N. do R.).

60 - Por isso, às vezes sai um tumor na metade da coxa (ye uhtiamũ yaru bihiribu). Há uma oração para curar esse tumor (ye uhtiamũ yaru bihiribu bayiriye).

No dia seguinte, de manhã, Deyubari gōāmũ quis levar sua esposa de volta para a sua maloca, mas os cunhados já sabiam o que havia acontecido. Com efeito, os mosquitos* e as moscas* haviam comunicado a visita de Deyubari gōāmũ. Por isso, eles rogaram uma praga⁶¹ sobre o caminho que eles tomariam para fugir, fazendo-se formar espinhas e formigas. Deyubari gōāmũ, para escapar dessa praga, se vestiu com roupas de pedras preciosas e calçou botas, também de pedras preciosas. Ele fez isso através de uma oração⁶². Cobriu também a mulher com roupas de pedras.

Os cunhados de Deyubari gōāmũ rogaram outras pragas sobre o caminho. Fizeram cair uma chuva de pimentas e outra de pedras⁶³. O céu estava cheio de pássaros que jogavam pedras e pimentas sobre eles. Vendo que eles estavam estragando a sua mulher⁶⁴, e que assim ela não seria a mãe das gerações futuras, Deyubari gōāmũ decidiu deixá-la no caminho. Por isso, ele voltou sozinho para a sua maloca. Para escapar das chuvas de pedras e de pimentas, ele se protegeu através de uma oração com um escudo de pedras. É assim que ele conseguiu voltar para a sua maloca onde ficou morando com o seu filho único.

61 - Kamutariye em desana.

62 - Daqui deriva uma praga para fazer cair uma chuva de pedra em cima das pessoas (ũhtā dehko).

63 - A chuva de pedras e de pimentas acarreta uma doença para a criança. Para ela não ser atingida por essa chuva de pedras, existe uma oração (wabe kamutariye) na qual o kumu a protege com o escudo de Deyubari gōāmũ. Isso se faz antes que a criança saia da maloca, logo após seu nascimento. Essa oração se faz com cigarro. Se o kumu não fizer essa oração, a criança morre cheia de espuma na boca, com diarreia, asma e o corpo todo tremendo. Essa doença chama-se dehko weriye. Por outra parte, se o kumu não souber benzer para a mulher depois do parto, antes dela comer pimenta, ela pode ficar doente: o seu corpo arde e ela tem dor no coração. Essa doença chama-se biá suri turimaye e há uma oração para curá-la (biá suri turimaye bayiriye).

64 - Os cunhados estavam estragando a mulher de Deyubari gōāmũ para que ela não tivesse descendentes vivos.

Deyubari gōāmũ mata a Cobra-traira, Diá-doe⁶⁵

Isso aconteceu no igarapé Macucu. Deyubari gōāmũ, viúvo pela segunda vez, não agüentou por muito tempo criar o seu filho sozinho. Por isso, ele foi morar com uma família vizinha que era Gente-sukuku⁶⁶. Como essa gente não sabia pescar, eles sempre voltavam da pesca sem trazer nada. Um dia, sentindo fome, Deyubari gōāmũ resolveu ir pescar. Antes, porém, ele fez criar, no corpo do seu filho, feridas que escorriam gordura, dando-lhes o cheiro de todos os tipos de jenipapos^{*67} que existem no mundo.

Um dia, ele levou o filho no porto e o colocou num galho pendurado em cima da água. A gordura, que escorria das feridas do filho, começou a pingar dentro do rio. Com o barulho do pingo da gordura na água “tiu tiu tiu”, os peixes começaram a se juntar. Queriam lamber essa gordura que tinha cheiro de jenipapo, de todos os jenipapos do mundo. Os peixes se empurravam para fora da água para lamber primeiro a gordura que escorria das feridas do menino. Nesse momento, Deyubari gōāmũ aproveitou para flechá-los. Depois de ter matado cinco peixes, ele levou o filho de volta para a maloca.

Deyubari gōāmũ pescou dessa maneira durante muito tempo. Ele sempre levava o seu filho no porto e flechava os peixes atraídos pela gordura das feridas que tinham cheiro de jenipapo. Depois de ter flechado cinco peixes, ele nunca ultrapassava esse número, voltava para a sua casa. Vendo que ele procedia da mesma maneira todos os dias, a Gente-sukuku começou a

65 - Nome desana do pirarucu* grande, comedor de gente (N. do R.).

66 - Sukuku é um tipo de sapinho (N. do R.).

67 - Paridihka e diá-kōrã. São plantas que crescem na beira do rio e que os peixes comem (N. do R.).

desconfiar: queriam saber como ele fazia para trazer cinco peixes todos os dias enquanto eles próprios não conseguiam nada.

Um dia, aproveitando a ausência do pai, que fora caçar no mato deixando o filho com as suas crianças, a Gente-sukuku perguntou ao menino como Deyubari gõãmũ conseguia pescar todos os dias cinco peixes. No início, o menino não quis falar. Mas eles insistiram, exigindo uma explicação. Com medo, o menino acabou por contar toda a verdade. Eles o levaram então para a beira do rio e o instalaram no galho, no qual o pai sempre o colocava para flechar os peixes. Como de costume, a gordura das feridas do menino começou a pingar dentro da água. Sem demorar, os peixes, atraídos pelo cheiro de jenipapo da gordura que estava escorrendo das suas feridas, começaram a se aproximar para lambê-la. Havia várias espécies de peixes. Vendo isso, os rapazes começaram a flechá-los. Mas eles ultrapassaram o limite de Deyubari gõãmũ. Este nunca matava mais de cinco peixes! Essa Gente-sukuku matou muito mais peixes, sem prestar atenção ao que o menino gritava:

— “Meu pai não flecha tantos peixes! Pelo que eu estou vendo, vocês já passaram do limite! Tiram-me logo daqui! Chega de flechar! Me levem logo de volta para casa! Já que vocês exageraram, tenho medo de que alguma desgraça aconteça comigo!”

Mas a Gente-sukuku não ligou para os gritos do menino e continuou a flechar os peixes. De repente, o menino gritou:

— “Socorro! aqui vem uma cobra grande! socorro, socorro!”

Os outros, caçoando do menino, disseram:

— “Chega de mentira, deixa-nos matar mais peixes!”

Mal acabaram de proferir estas palavras e Diá-doe, a Cobra-traira, já havia devorado o menino. Acabou-se assim a pesca.

Deyubari gõãmũ, embora longe no mato, já havia percebido que algo de ruim estava acontecendo com o seu filho. Por isso, voltou correndo. Mas era tarde demais! Não adiantava brigar com a Gente-sukuku, eles não eram seus parentes. Então, ele correu o mais rápido possível para socorrer o seu filho, mas a cobra já estava fugindo, descendo o rio.

Deyubari gõãmũ corria no encalço da cobra, colocando matapis no caminho, mas Diá-doe sempre escapulia dos cercados. Ele instalou vários cercados de colocar matapis no Rio Papuri, depois no Rio Uaupés, mas sem sucesso: a Cobra-traira sempre escapulia. Perto da boca do Rio Uaupés, ele fez um cercado de colocar matapi bem firme e esperou Diá-doe para matá-la. Como ele queria comê-la cozida, havia preparado uma panela de tuiuca. Mas Diá-doe conseguiu escapar de novo, fazendo outro furo no rio. Furioso, Deyubari gõãmũ deixou emborcada nesse lugar a panela de tuiuca na qual ele queria cozinhá-la⁶⁸.

Ele estava muito desanimado. Mas, depois de pensar muito, criou coragem de novo e decidiu prosseguir a perseguição. Correu na frente de Diá-doe até chegar no Rio Negro. Ali, fabricou um outro cercado de colocar matapis. Terminando o cercado, ele colocou dentro dois matapis na frente da atual cidade de São Gabriel da Cachoeira: um ficou na Cachoeira Kurukui, o outro na Cachoeira Bobori⁶⁹. Depois, ele procurou dois vigias: ele botou assim o pássaro cancã* na serra chamada Gahkaminũ⁷⁰ para cantar assim que a Cobra-traira aparecesse na ponta do estirão. Botou também o passarinho pusika na atual

68 - Esse local fica entre as comunidades de São Pedro e de Cunuri, no lugar chamado Ponta estreita. Essa panela emborcada neste local virou uma serra pelada.

69 - É por isso que a pessoa não consegue se salvar quando cai na água nesse lugar: ela fica presa nesses dois matapis. Somente depois de morta é que ela boia.

70 - Ainda chamada Serra Cancã, é a Serra da Via Sacra em São Gabriel da Cachoeira.

ilha conhecida como Ilha Pusika para avisá-lo assim que ela penetrasse no matapi.

O pássaro cançã obedeceu à ordem de Deyubari gõãmũ. Ele cantou assim que viu Diá-doe se aproximar da ponta do estirão. Mas o pusika cantou antes dela penetrar no matapi. Ouvindo o seu grito de aviso “pusiri pusiri pusiri”, a Cobra-traira recuou bruscamente e tentou furar um outro lugar para poder escapar⁷¹.

Não conseguindo furar por causa da cerca que Deyubari gõãmũ havia colocado, Diá-doe retornou para o lugar onde havia chegado e acabou entrando no matapi colocado na cachoeira Kurukui. Foi assim que Deyubari gõãmũ conseguiu apanhá-la. Ele a matou e a arrastou para a terra. Antes de abrir o seu bucho, ele raspou as suas escamas e jogou no rio: as escamas grandes, que ele jogou para baixo, viraram peixes grandes, tais como pirarucus; as escamas miúdas, que ele jogou para cima, tornaram-se trairas*. Depois disso, Deyubari gõãmũ abriu o bucho de Diá-doe e tirou para fora o seu filho, que estava semi-morto. Cortou em seguida os intestinos dela e os jogou na terra: eles se tornaram minhocas. Por fim, ele despedaçou e cortou Diá-doe⁷².

A Cobra-traira, a fim de matar o menino o mais rapidamente possível, havia comido lama, folhas velhas, paus velhos, areia e pedregulhos, de modo a triturar o menino no seu estômago. Vendo toda essa sujeira, Deyubari gõãmũ benzeu para limpá-la. Bravo por causa do que fizera a Gente-sukuku ao seu filho, ele não voltou mais para o igarapé Macucu, decidindo

71 - Até hoje se vê em São Gabriel da Cachoeira aquelas entradas de água no rio cheio.

72 - O local de esquitejo da Cobra-traira fica pertinho do atual posto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Hoje em dia, pode-se ver pedaços de pedras que são as partes do corpo despedaçado da Cobra-traira.

ficar no Rio Uaupés no lugar chamado Wi'i turoiro⁷³. Diz-se que, depois de um certo tempo, o filho que ele havia salvado de Diá-doe, morreu⁷⁴ e que ele ficou de novo sozinho.

História da terceira mulher e a ascensão de Deyubari gōāmũ no universo

Como vimos, Deyubari gōāmũ perdeu o filho que teve com a sua segunda mulher. Resolveu então morar no sítio dos Diá-pĩrõ mahsã, “Gente cobra d’água*”, no lugar chamado Wi'i turoiro, no Rio Uaupés. Lá, se apaixonou pela filha de Diá-pĩrõ. Mas esta não o amava, por ele ser viúvo. Ela amava o seu primo, um rapaz jovem e simpático, chamado Bohse-pĩrõ. Todavia, mesmo sabendo disso, a sua família a obrigou a casar com Deyubari gōāmũ.

Mesmo sendo casada com Deyubari gōāmũ, ela lhe fez vários desaforos, continuando a se encontrar com o seu primo e a transar com ele. Quando o marido voltava da pesca e queria lhe entregar os peixes para cozinhar, ela se negava muitas vezes a recebê-los, obrigando suas cunhadas a cozinhá-los para seu marido.

Bem que a velha avó lhe dava conselhos, lhe recomendando, por exemplo, que tratasse melhor o seu marido. Mas ela não ligava sequer para os conselhos da velha, preferindo continuar a se encontrar e transar com o primo, Bohse-pĩrõ⁷⁵.

Deyubari gōāmũ não gostava de ser tratado dessa maneira. Para desgostá-la ainda mais dele, ele resolveu ficar mais feio

73 - É o atual povoado de Marabitanas, perto de Loiro, no Rio Uaupés (N. do R.).

74 - Devido esse acontecimento, as crianças de 2 a 5 anos sempre ficam com verminose (dipere wihsiriye). Há uma oração especial para curar a verminose (wihsiri bayiriye).

75 - Por isso, hoje em dia, quando uma mulher não ama o seu marido, ela faz a mesma coisa.

do que já era. Tirou então o cortiço da folha de embaubá*, o quebrou em pedaços e o passou em seguida no corpo, parecendo assim cheio de feridas⁷⁶. Ficando cada vez mais feio, ele acabou por desgostar de vez a sua esposa. Ele passou vários meses desse jeito.

Um dia, ele criou ódio contra Bohse-pĩrõ e, de ciúme, resolveu matá-lo. Para isso, ele arrumou primeiro uma zarabatana de tamanho medio e, depois, foi roubar na horta do Trovão os venenos mais perigosos do universo, os curare*: ãgã nima-dá, “cipó de curare de inambu”; kara nima-dá, “cipó de curare de cujubim”; nuhpĩ nima-dá, “cipó de curare de mutum”; sēĩ nima-dá, “cipó de curare de macaco barrigudo”; gahkiĩ nima-dá, “cipó de curare de macaco preto”; menseĩ bore nima-dá, “cipó de curare de macaquinho branco”; wa’u nima-dá “cipó de curare de zogue-zogue”; menseĩ ñigã nima-dá “cipó de curare de macaquinho preto” e muitos outros tipos de venenos.

Depois de ter arrumado todos esses cipós venenosos, ele resolveu abrir uma roça. Nesta altura, sua esposa já estava grávida e continuava a se encontrar com o amante. Bohse-pĩrõ era uma verdadeira cobra. Todavia, ele se transformava num rapaz elegante e muito atraente antes de ter uma relação sexual com a sua prima. Nessa hora, ele estava coberto de enfeites e usava nas orelhas um par de brincos de ouro chamados em desana boreka nuhtã mihĩ.

Um dia, depois de roçar, Deyubari gõãmũ começou o seu plano de matar o seu sócio. Mas, antes de tudo, ele fez com que sua mulher pensasse em se apropriar de um dos brincos de Bohse-pĩrõ. A partir desse momento, a mulher ficou sempre com essa idéia na cabeça.

76 - Mahĩnakãmi. Há uma oração (mahĩnakãmi bayiriye) para curar esse tipo de feridas.

No dia marcado para matar Bohse-pĩrõ, Deyubari gõãmũ foi para o porto levando a zarabatana. Transformando-se no pássaro chamado bihpiamũ, ele voou e pousou em cima de uma árvore que estava no porto. Nessa árvore, cresciam plantas parasitas chamadas em desana minagurada. Ele ficou comendo essas plantas enquanto esperava o encontro dos dois amantes.

Pela parte da tarde, a esposa apareceu para buscar água. Ela descia para o porto, com uma cuia dentro do camuti de tuiuca fazendo barulho “koro koro koro” para avisar o seu amante de que ela estava descendo para o porto. Chegando no porto, ela emborcava a cuia na água, batendo: “tu tu tu”. Ouvindo esse som, Bohse-pĩrõ vinha logo para se encontrar com ela. Na água, ele era uma verdadeira cobra mas, chegando perto dela, ele se transformava num rapaz muito atraente. Logo, os dois começaram a fazer amor. A cobra, para não ofender as costas da mulher, trazia sempre consigo vários paris que colocava no chão para que ela se deitasse. Assim eles transavam.

Do alto da árvore, Deyubari gõãmũ viu tudo. Ele criou ainda mais ódio e raiva contra Bohse-pĩrõ. Pegando então a zarabatana, botou dentro uma flecha com veneno na ponta e soprou bem na direção do espinhaço do rapaz. Este, pensando que fosse mutuca*, bateu com toda força no lugar da flecha para espantá-la, empurrando-a ainda mais para dentro. Ele morreu na hora. A filha de Diá-pĩrõ não percebeu logo o que estava acontecendo. Depois de alguns minutos, como ele não se mexia mais, ela começou a desconfiar. Perguntou então para o amante o que tinha acontecido, mas ele nada respondeu. Nem se moveu. Ele estava morto. Vendo que ele estava realmente morto, ela tirou um dos brincos que Bohse-pĩrõ tinha na orelha e empurrou este para dentro da água do rio. Em seguida, ela escondeu o brinco entre os dois ossos da sua canela, debaixo da joelheira⁷⁷.

77 - Yurasero em desana (N. do R.).

Depois de ter matado Bohse-pĩrõ, Deyubari gõãmũ foi acabar de roçar. Mais tarde, ele voltou para a sua maloca, trazendo consigo algumas bacabas para comer antes de dormir. Ao cair da tarde, cansado do seu trabalho, ele se deitou na rede, que ficava em cima da rede da avó da filha de Diá-pĩrõ e que ele considerava também como a sua avó. Deitado na rede, ele começou a comer as bacabas. De propósito, ele deixou cair um caroço na rede da velha avó que, vendo-o, lhe perguntou logo o que ele estava comendo. Este respondeu que estava comendo bacabas. Logo, a avó e a esposa pediram-lhe umas frutas. Queriam experimentá-las para ver se eram gostosas. Depois de experimentá-las, elas gostaram e pediram para Deyubari gõãmũ trazer mais frutas no dia seguinte:

— “Está bem, disse ele. Farei um dabucuri de bacabas para vocês. Por isso, preparem caxiri para o dia do dabucuri. Amanhã eu acabarei de derrubar a roça, depois de amanhã recolherei as frutas de bacabas e, no dia seguinte, farei o dabucuri de bacabas para vocês. Certo?”

Os cunhados e as cunhadas concordaram com a proposta de Deyubari gõãmũ. Naqueles dias, a filha de Diá-pĩrõ havia decidido ficar com o seu marido. Estando ela grávida, não tinha outra saída senão ficar com ele. Os seus irmãos a obrigaram a preparar o caxiri de cana de açúcar. No dia em que Deyubari gõãmũ ia acabar de derrubar a roça, ela foi arrancar mandioca para preparar o caxiri. Humilhada por todos, ela foi sozinha para a roça. Vendo isso, Deyubari gõãmũ resolveu aproveitar o momento em que ela estivesse sozinha para tirar-lhe o brinco de ouro de Bohse-pĩrõ.

Deyubari gõãmũ não estava derrubando sozinho a roça. Ele tinha convidado os seus amigos pica-paus* para ajudá-lo a fazer esse trabalho. Enquanto estes estavam derrubando, Deyubari gõãmũ, calculando o tempo que a filha de Diá-pĩrõ demoraria

para chegar até a roça, resolveu então tirar-lhe o brinco de seu ex-amante Bohse-pĩrõ. Para isso, ele se transformou na velha avó da mulher, imitando a sua voz, os seus gestos, usando o seu bastão e vestindo a sua saia. Faltavam-lhe somente os bichos de pé* que a velha costumava ter. Chegando na roça, antes de se aproximar dela, ele tirou umas frutinhas de caruru* que transformou em bichos de pé. Assim, ele acabou por parecer igualzinho à velha avó da sua mulher⁷⁸. A falsa avó se aproximou então da sua neta, enchendo o seu aturá de cascas de lenhas e resmungando:

— “Essa minha neta não sabe realmente cuidar da roça!”

Pronunciou outras palavras. Chegando perto da neta, ela se sentou e pediu que ela lhe tirasse os bichos de pé que a incomodavam muito. A neta, com muito respeito, aceitou tirar os bichos de pé da velha. Antes dela pronunciar sequer uma palavra, a falsa avó começou a dizer:

— “Sabes minha neta porque eu vim até aqui? Deyubari gõãmũ me disse que iria tirar de você o brinco de ouro que tomou de Bohse-pĩrõ. Ele me disse que ia forçar você a entregá-lo e completou de maneira dura «queira ou não, ela vai me entregar esse brinco»!”

No início, a neta ficou com dúvida, se perguntando se isso era mesmo verdade ou se a velha estava enganando-a. Para ela não suspeitar que a velha era ele próprio, Deyubari gõãmũ fez a sua mulher emitir um barulho de garganta. Esse barulho significa que o que ele estava contando era pura verdade. Ouvindo esse sinal, a falsa avó perguntou:

— “Você está com dúvida? Porquê? Você sabe que eu não costumo sair para a roça, tenho dificuldades para caminhar,

78 - Daqui deriva uma praga para fazer um(a) jovem ficar logo velho(a). Chama-se muñiu suriro. Há também uma praga para estragar uma outra pessoa, criando nela bichos de pé que nunca acabam, até provocar a sua morte (gubu murã). Há uma oração para curar essas duas doenças.

mas se eu fiz o esforço de vir hoje até a roça é porque eu amo muito você e porque eu não quero que ele lhe faça mal. Por isso, entende o sacrifício que eu fiz em vir até aqui para avisá-la das intenções do seu marido”.

— “Eu não tirei nenhum brinco! acho que a senhora está enganada, sem dúvida alguma!”

— “Não fale asneiras! ele me disse que viu você tirar o brinco de Bohse-pĩrõ”.

E a falsa avó começou a contar tudo o que tinha acontecido no dia em que Deyubari gõãmũ havia matado Bohse-pĩrõ. No fim, ela insistiu:

— “Você tirou o brinco, sim, você não pode dizer o contrário! Ele me disse também que você o escondeu atrás de sua joelheira, entre os dois ossos da canela. Olha onde está o brinco que o seu marido quer tomar de você!”

Dizendo isso, ela apontou para a joelheira da mulher⁷⁹. Assim, ela conseguiu vencer as últimas dúvidas da mulher. Esta tirou então o brinco do enfeite de joelho e o entregou para a velha que, logo, o escondeu no cinto da sua saia, no lado direito.

Depois, a velha retomou o caminho em direção da maloca, comportando-se como se fosse a verdadeira avó da mulher. Quando estava fora de vista da mulher, Deyubari gõãmũ jogou o bastão e o aturá no cerrado. O primeiro se transformou numa cobra*, o segundo numa casa de cupim*. A saia se transformou numa teia de aranha*. No fim, a velha voltou a ser Deyubari gõãmũ. Logo após, ele pegou o besouro chamado dugoamũ, aquele que corta madeira, e com ele partiu o brinco em dois pedaços, fazendo assim um par de brincos. Tirou em seguida o

79 - É por isso que, às vezes, pode-se formar um tumor na canela entre os dois ossos da perna (siariturí mihĩ ñahpã mihĩ maye bihiribu). Há uma oração para curar esse tumor.

cipó chamado waiyura-dá, o enfiou nos brincos que pendurou depois nas suas orelhas⁸⁰

A filha de Diá-pĩrõ, preocupada com a visita inusitada da velha avó, se apressou a terminar o trabalho na roça para voltar à maloca. Ela queria saber se a velha avó a havia realmente visitado. Por isso, arrancou a mandioca com pressa e pegou o caminho de volta para a maloca. No caminho, passou perto do lugar onde Deyubari gõãmũ estava derrubando, vendo-o cortar um pau de uacum*. Viu também que ele estava usando brincos nas orelhas que se pareciam com aquele que ela havia tomado de Bohse-pĩrõ depois da sua morte. Foi um choque para ela ver esses brincos. Voltando depressa para a maloca, ela perguntou logo para a velha avó:

— “Vovó, a senhora foi para a minha roça para pegar o meu brinco e escondê-lo do meu marido que queria tomá-lo de mim?”

A avó respondeu que não, que ela não conseguia mais andar, que a sua neta sabia muito bem disso. Como, então, ela poderia ter ido à roça?

Ouvindo isso, a mulher se irritou com a velha, chamando-a por vários nomes grosseiros. Mas isso não lhe faria recuperar o brinco!

Estava se aproximando o dia do dabucuri. Deyubari gõãmũ foi apanhar bacabas no mato. No dia do dabucuri, ele chegou com vários amigos seus. Eram Yuhkũ mahsã, “Gente-árvore” e Miñapõrã mahsã, “Gente-ave”. Todos tinham o mesmo rosto, isto é, o rosto de Deyubari gõãmũ. Não dava para distinguí-los uns dos outros e saber qual deles era o verdadeiro Deyubari gõãmũ. Os cunhados os receberam, oferecendo-lhes bancos

80 - É por isso que, às vezes, sai um tumor debaixo da orelha (gãmi dohka mahãno bihiribu). Há uma oração especial para curar esse tumor.

para sentarem. Depois que se acomodaram nos seus lugares, os irmãos mandaram a mulher de Deyubari gōāmũ oferecer caxiri. A filha de Diá-pĩrõ foi oferecer a cuia de caxiri para o primeiro da fila, que ela pensava ser o seu marido, mas este lhe disse:

— “Eu não sou o teu marido, eu sou outro”.

Dizendo isso, ele se recusou a receber a cuia de caxiri que a mulher lhe oferecia. Ela foi então oferecer a cuia para o segundo da fila, mas este também se recusou a recebê-la pelo mesmo motivo do primeiro. Todos da fila, menos o último, se recusaram a receber a cuia de caxiri oferecida pela mulher pelo mesmo motivo: eles não eram o seu marido, o marido era outro. De fato, o que ela ignorava, é que, ao se negar a receber a cuia de caxiri que ela lhes estava oferecendo, eles estavam, na realidade, bebendo o seu conteúdo. Era o jeito deles de beber caxiri, mas a mulher de Deyubari gōāmũ não sabia disso. Quando ela chegou perto do último da fila, ela ofereceu a mesma cuia. Nos olhos dela a cuia estava cheia, enquanto na realidade ela já estava vazia. Por isso, quando ela ofereceu a cuia para o último da fila, este disse as mesmas palavras que os outros, ou seja que ele não era o seu marido. Todavia, ele aceitou a cuia. Assim que ela retornou para o seu lugar, ele jogou a cuia vazia nas suas costas.

Logo depois, começaram a festa do dabucuri e as danças. As palavras dos cantos do dabucuri eram os palavrões que a filha de Diá-pĩrõ costumava dizer para Deyubari gōāmũ quando ela não gostava dele. A primeira estrofe do canto “kamisiri bayakamuni” é intitulada kamisiri, isto é, “corpo cheio de feridas”:

— “Diá-pĩrõ magõ kari koña boo

Kamisiri kamisiri

Wākã wana wana wana

Wākā wākā wākā waiyu
Wākā wākā wākā waiyu”

(A filha grávida de Diá-pĩrõ dormiu no chão
Sou cheio de feridas, sou cheio de feridas
Subir vamos vamos vamos
Subir subir subir de vez
Subir subir subir de vez)

A segunda estrofe chama-se murõ suhti “cheiro horrível de cigarro”:

— “Diá-pĩrõ magõ kari koña boo
Murõ suhti murõ suhti
Wākā wana wana wana
Wākā wākā wākā waiyu
Wākā wākā wākā waiyu”

(A filha de Diá-pĩrõ grávida dormiu no chão
Cheiro horrível de cigarro
Subir vamos vamos vamos
Subir subir subir de vez
Subir subir subir de vez)

A terceira estrofe chama-se paru suhti “cheiro horrível de ipadu”:

— “Diá-pĩrõ magõ kari koña boo
Paru suhti paru suhti
Wākā wana wana wana
Wākā wākā wākā waiyu
Wākā wākā wākā waiyu”

(A filha de Diá-pĩrõ dormiu no chão
Cheiro horrível de ipadu

Subir vamos vamos vamos
Subir subir subir de vez
Subir subir subir de vez)

Essas estrofes eram cantadas nos intervalos dos cantos. Eles dançaram a noite inteira até amanhecer. Antes do sol raiar, cantou-se o canto de ascensão no universo “bayawiriye”, ou ainda “bayawiri bayakamuni”. São essas as palavras:

— “Wākā wana wana wana
Wākā wākā wākā waiyu
Wākā wākā wākā waiyu
Buya waiyu buya waiyu
Buya waiyu buya waiyu
Buya waiyu buya waiyu”

(Subir vamos vamos vamos
Subir subir subir de vez
Subir subir subir de vez
Sumir de vez sumir de vez
Sumir de vez sumir de vez
Sumir de vez sumir de vez)

Ouvindo essas palavras, as cunhadas de Deyubari gōāmū pegaram os seus bancos. Elas pretendiam ir embora com ele. Quando Deyubari gōāmū começou a se levantar do chão, as duas o agarraram, cada uma por um lado. Isso aconteceu de manhã, fora da maloca. Cantando e dançando, ele subiu no universo.

Ele levou as duas cunhadas até uma certa altura no céu. Ali, por falta de ar, as duas desmaiaram. Vendo isso, ele as trouxe de volta no chão⁸¹ e se levantou de novo no universo. Ele subiu

81 - As cunhadas de Deyubari gōāmū eram muito jovens. Se ele as levava para o universo, as mulheres das outras gerações iam morrer cedo, ter vida curta. Por isso, ele as trouxe de volta para a terra.

no universo com os seus amigos Miñapōrã mahsã, deixando os Yuhkũ mahsã com as mulheres. Quando eles chegaram a uma certa altura, eles soltaram os seus tubos de ritmo, jogando-os em direção da terra⁸² e retomaram então a sua forma original, isto é, a forma de pássaro. Deyubari gōãmũ se transformou no pássaro tukano*. Os índios Tukano são os descendentes dele.

Quando estava subindo no céu, Deyubari gōãmũ rogou uma praga contra a sua esposa para ela ficar grávida o tempo todo, sem nunca conseguir dar à luz⁸³. Por serem irmãs de sua mulher, ele também castigou as suas cunhadas, entregando-as nas mãos dos Yuhkũ mahsã⁸⁴. Por fim, castigou também os seus cunhados, fazendo-os esquecer o caminho de volta para a sua maloca quando estavam na roça, na pescaria ou na caça⁸⁵. No fim, estes se transformaram em Wāhtĩ.

O fim de Diá-pĩrõ magõ

Depois que Deyubari gōãmũ subiu no universo, a filha de Diá-pĩrõ ficou desprezada por todo mundo da maloca. Os seus irmãos pescavam e caçavam, mas nunca lhe davam de comer. O nenê que estava na sua barriga não dava sinal de querer sair. Ele falava o tempo todo com a sua mãe, dentro da barriga mesmo. Esse nenê era uma cobra, ele vivia na barriga da sua mãe, fazendo perguntas o tempo inteiro.

Um dia, sentindo fome, a filha de Diá-pĩrõ resolveu buscar camarões* para comer no igarapé Cunuri⁸⁶. Chegando lá, começou a pegar camarões, caranguejos e demais tipos de

82 - Por isso, nesse lugar há muitas plantas ou árvores.

83 - Essa praga chama-se em desana pōrākũ bahsiriye.

84 - Essa praga chama-se em desana yuhkũ mahsã mērã ooriye.

85 - Em desana, mahkārĩ ooriye.

86 - Afluente do Rio Uaupés (N. do R.).

crustáceos. Cada vez que ela conseguia pegar alguma coisa, o filho perguntava:

— “Ñee nitĩ Iño?”

(O que é isso mãe?)

Uma hora depois, ela encontrou uma fruta cunuri. O filho, que ela chamava também Iño, perguntou de novo:

— “O que é isso mãe?”

— “É uma fruta cunuri, seu chato! Agora chega de perguntas! Se não sabe fazer outra coisa, não adianta perguntar! Por causa de você estou aqui com muita fome e sofrendo desse jeito. Se você é capaz de falar, deve também ser capaz de fazer outras coisas. Vai trepar agora nessa árvore e apanhar cunuri para mim!”

— “Não precisa falar comigo desse jeito mãe! eu vou apanhar as frutas para nós dois”, respondeu Iño.

Ele mandou a sua mãe deitar perto do pé da árvore. Depois que a mãe deitou no chão, Iño começou a sair pouco a pouco da sua barriga e a se enlaçar no cunurizeiro para apanhar as frutas. Antes, a árvore de cunuri era baixa, mas a filha de Diá-pĩrõ a fez crescer. Ela queria que Iño saísse totalmente da sua barriga. Todavia, Iño deixou o seu rabo na vagina da sua mãe. Depois disso, ele começou a apanhar as frutas que jogava no chão enquanto continuava a perguntar qualquer coisa para a mãe.

A filha de Diá-pĩrõ queria se livrar de vez do seu filho. Por isso, ela pegou uma folha chamada põrãpũ, fez com ela um tipo de conchinha e cuspiu um pouco de saliva dentro. Em seguida, ela rezou para sua saliva ter a consistência do muco e a conchinha de folha o calor da sua vagina. Por fim, transformou a conchinha no sapo chamado wẽhẽ para ele responder no seu lugar às perguntas de Iño. Terminando a oração, ela tirou da sua vagina, sem Iño perceber nada, o rabo do seu filho e o

botou dentro da conchinha. Na realidade, ela estava botando o rabo dentro da boca do sapinho wēhē, já que ela havia transformado a concha de folha nele. Depois disso, ela correu o mais rápido possível para a sua canoa e começou a remar em direção do seu sítio. Mas antes de chegar lá, deu azar. Com efeito, quando ela estava mudando o remo de lado, passando-o para o outro lado da canoa, um reflexo de sol incidiu nele e brilhou no rosto de Iño. Este então se deu conta de que a mãe estava o abandonando, que ela estava fugindo dele. Vendo isso, Iño deu um pulo do cunurizeiro até a cobertura da maloca, mas a sua mãe conseguiu entrar na maloca antes dele chegar no teto. Iño começou então a falar muitas coisas, tentando convencer a mãe de sair da maloca. Os irmãos esconderam a filha de Diá-pĩrõ debaixo da bacia de tuiuca de coar caxiri. Ela passou um dia e uma noite debaixo dessa bacia. No dia seguinte, os irmãos da mãe de Iño, enjoados com a conversa deste que não parava de falar, e também para ela poder fazer as suas necessidades físicas, viraram a bacia de tuiuca. Viram-na então transformada no peixe pirarara*. Naquele momento, a pirarara rastejou até cair na água. Iño se arrastou atrás da sua mãe e se jogou também na água. Assim acabou a vida da filha de Diá-pĩrõ.

A vida das cunhadas de Deyubari gõãmṁ

As cunhadas de Deyubari gõãmṁ, assim que recobram a saúde, resolveram sair da maloca. Quando estavam saindo, elas avistaram no mato os homens com quem haviam dançado no dia do dabucuri e começaram a correr atrás deles. Estes corriam ao redor das árvores e desapareciam. Não conseguindo agarrá-los, as mulheres esfregavam então o seu monte de vênus nas árvores ao redor das quais os homens haviam desaparecido. Faziam isso até gozar. E assim, elas foram seguindo cada vez mais adiante. No fim, acabaram por se perder no mato. Elas

ficaram rodando no lugar chamado em desana Wea, entre as cabeceiras dos igarapés Cunuri e Cucura, afluentes da margem esquerda do Rio Tiquié⁸⁷.

Quando as mulheres esfregavam o seu sexo nas árvores, a Gente-árvore praticava uma relação sexual completa com elas. Por isso, uma das mulheres ficou grávida⁸⁸. Um dia, ela deu à luz à uma menina no pé da árvore saã. Ali, fizeram um pequeno tapiri com folhas de paxiúba, de açazeira, de patauazeira, de bacabeira e de muitas outras palmeiras. Já estava escurecendo. A mãe da menina precisava de um banco para amamentar a criança recém-nascida. Então, a irmã menor correu ao redor de uma árvore onde encontrou um jabuti*, que trouxe para sua irmã sentar.

Pelas nove horas da noite, chegou Saaropau wãhti. Conversando consigo mesmo, ele estava procurando seu machado. Estava doido de tanto procurá-lo e dizia que estava chegando o fim da sua vida. Era a primeira vez que o seu machado havia desaparecido e ele não encontrava explicação alguma para isso. Pela meia-noite, ele voltou novamente para procurar o machado, repetindo as mesmas palavras: que ele não entendia como e porque o seu machado havia desaparecido, que isso provavelmente significava que havia chegado o fim da sua vida etc. Ele procurou muito mas, não o encontrando, foi embora de novo.

87 - Como elas ficaram rodando muito tempo nesse lugar com comida, objetos de uso pessoal e remédios que haviam trazido consigo, esse lugar é hoje em dia muito rico em plantas de todas espécies: há bananas da natureza, cacau, biriba etc.

88 - Daqui deriva uma praga (umua duriye) para estragar uma moça que não quer saber do rapaz com que seus pais desejam que ela se case, ou para estragar uma moça cuja família impediu seu casamento. A moça vai longe dos pais e fica tendo filhos sem pai conhecido, até morrer. Há uma oração para desfazer essa praga (umua duriye bayiriye).

Ouvindo essa conversa, as mulheres se deram conta de que o machado de Saaropau wãhtĩ era, na realidade, o jabuti que elas estavam usando como banco. Por isso, elas foram deixá-lo debaixo da árvore onde o haviam encontrado.

De madrugada, Saaropau wãhtĩ chegou novamente para procurar o machado, encontrando-o no lugar de sempre. Vendo o machado no lugar habitual, ele lhe perguntou:

— “Onde você estava meu machado, o que aconteceu com você?”

Depois de resmungar muito, ele pegou o machado e o bateu contra a raiz da árvore sau, provocando um barulho danado: “duuuu duuu”. Na primeira pancada, a criança não acordou mas, na segunda, ela acordou com espanto, abriu os pés e as mãos e se pôs a chorar “uẽ ã ã ã ã ne ne ne ne”⁸⁹.

Ouvindo o choro, Saaropau wãhtĩ espantou-se e, recuperando-se da sua surpresa, exclamou:

— “O que é isso? O que está acontecendo?”

Depois, dando-se conta de que era o choro de um nenê, ele se acalmou. Deu então outra pancada na árvore: “sau duuuu duuuu”. A criança se pôs a chorar de novo, mas sem parar desta vez. Então Saaropau wãhtĩ, não sabendo mais o que fazer, sumiu do lugar.

De manhã, as mulheres ouviram vozes dentro de um pau ocado e se aproximaram dele. O calango Wabuguro* estava falando, dando risadas:

— “Boyokũ buke wataporo kuisere!”

(Amanhece logo borboleta olho de esfera!)

89 - É por isso que algumas crianças recém-nascidas vivem espantadas (ũhkariye) devido ao barulho que Saaropau wãhtĩ fez batendo na árvore. Há uma oração para acabar com o espanto das crianças (yuhkũ mahsãrẽ ũhkari bayiriye).

Em troca, a borboleta Wataporo* respondeu:

— “Boyori buke! boyori buke wabuguro dihpuru kuyuro”
(Amanhece logo, amanhece logo cabeça comprida!)

Com eles estava também o calango Sawero. Depois que o dia clareou, as moças pediram para Sawero levá-las de volta para sua maloca, mas este se recusou a fazê-lo. Elas fizeram então o mesmo pedido para Wabuguro que também não aceitou. Pediram então para Wataporo. Este prometeu levá-las de volta até a sua maloca, dizendo conhecer o lugar, já que era lá que ele costumava comer o resto de comida da gente dessa maloca. Antes de partir, porém, ele avisou as mulheres de que era melhor deixá-lo fazer o que ele queria com elas, se tinham mesmo a intenção de voltar para a sua maloca.

Logo depois, iniciaram a caminhada de volta para a maloca. As mulheres estavam guiadas por Wataporo que se mostrava muito chato com elas: ele voava na frente e, de repente, voltava perto delas para tocar os seus sexos. No início, não disseram nada por medo de que ele as abandonasse no meio do caminho. Mas, como ele fazia isso a todo instante, elas começaram a se aborrecer e pediram a ele que as respeitasse e que parasse de lamber os seus sexos. Ouvindo isso, Wataporo voou para cima das árvores e sumiu, abandonando-as no meio do caminho.

As duas irmãs continuaram a andar pela frente mas, sem saber mais para onde ir, elas se sentaram no chão de modo a descansar um pouco. Nesse momento, escutaram um instrumento musical que zoava assim “ñerẽ waru ñerẽ waru”. Curiosas, elas foram na direção do som e viram um caranguejo* apanhando frutas num pé de ingás*.

Vendo-o a se fartar, a irmã menor fez uma oração⁹⁰ para o caranguejo cair do ingazeiro. De repente, este escapuliu da

90 - Essa oração chama-se nomea yuriye em desana.

árvore e caiu no chão despedaçado. A mãe da criança teve pena do caranguejo e, com outra oração⁹¹, recolheu e juntou os pedaços espalhados do seu corpo, fazendo-o voltar à vida.

Depois de ter voltado à vida, o caranguejo perguntou para as duas irmãs:

— “O que aconteceu comigo?”

— “Não sabemos”, mentiram as duas irmãs.

Ele subiu então de novo na árvore para apanhar mais ingás. Lá, em cima do ingazeiro, ele tornou a soltar a sua música, mas saiu um som rouco, porque o instrumento estava quebrado. Ele zoava assim: “ñerē waro kūkū ñerē waro kūkū”. É naquele momento que ele entendeu que as duas moças haviam feito uma coisa errada com ele. Por isso, ele prometeu se vingar delas logo que pudesse.

Depois que o caranguejo acabou de apanhar ingás, ele disse para as duas moças:

— “Cuidado! eu vou jogar o gancho para baixo, por isso saiam daí!”

Dizendo isso, ele jogou o gancho na direção da moça mais nova e a acertou, furando-a bem nas costas. O gancho saiu do outro lado, um pouquinho em cima do umbigo, e ela caiu morta no chão⁹². Logo, ele se pôs a descer do ingazeiro e, chegando no chão, ele disse para as duas mulheres:

— “Desculpe-me! foi sem querer!”

Ele fez então uma oração para chamar a menor de volta à vida⁹³. Ela voltou à vida.

91 - Essa oração chama-se *dūhpusu bayiriye* em desana.

92 - Por isso, hoje em dia, pessoas velhas podem ter uma hernia umbilical (*gāmi yaru*). Há uma oração para curar esse tipo de tumor (*gāmi yaru bayiriye*).

93 - Essa oração chama-se em desana *diro game suriye*.

Logo depois, as duas irmãs pediram que ele as levasse de volta para a sua maloca. O caranguejo não disse nem sim, nem não, ele somente as mandou seguir atrás dele. Mas ele as levava sempre nos lugares cerrados e nas cabeceiras dos igarapés. Depois de um certo tempo, ele as abandonou, indo se esconder dentro de um buraco. As mulheres pararam de andar, sem saber mais por onde ir. Passaram uma noite neste lugar. Quando foi de manhã, ouviram a música dele pertinho do lugar onde ele as tinha deixado.

Ouvindo essa música, as duas mulheres, num primeiro momento, decidiram ir atrás dele mas, depois, resolveram espiar onde ele estava se escondendo. Elas se transformaram então na cobra bero. Bero é uma cobra pintada que gosta de nadar nas águas dos igarapés. Ela se parece muito com a cobra-coral-venenosa^{94*}. Entrando no igarapé, as duas irmãs começaram a descer o curso d'água procurando o lugar de esconderijo do caranguejo.

O caranguejo sabia da intenção delas. Por isso, pensou em se vingar delas, matando-as pelo prejuízo que elas haviam causado ao seu instrumento musical. Vendo as duas cobras pintadas se aproximarem do lugar onde ele estava escondido, ele abriu as suas pinças, enterrando uma delas no fundo do igarapé e colocando a outra fora da água. Assim, ele ficou aguardando a passagem delas.

Ele deixou passar a mais velha das duas irmãs mas não liberou a mais nova, cortando-a pelo meio do corpo. Assim acabou a vida da moça mais nova. Ficou somente a mais velha que era a mãe da criança. Vendo a morte da sua irmã, a mais velha correu atrás do seu filho para fugir do caranguejo.

94 - Não identificada. Por isso existe atualmente a coral mentirosa. Quem inventou essa falsa coral são as duas moças.

Correndo sem saber por onde ir, ela varou, num certo momento, perto do pé de uma sorveira*. Olhando para cima, ela reconheceu a árvore, recordando-se que, quando menina, ela costumava comer as frutas desta árvore com os seus pais. Olhando para cima, ela viu muitas frutas e, sentindo fome, resolveu apanhá-las para comê-las.

No pé da sorveira, hávia várias cordas de cipós amontoadas e já preparadas para poder trepar nela. Ela pegou a primeira corda, aquela que se encontrava em cima do monte, enfiou nela o pé e começou a trepar na árvore para apanhar as frutas.

Quando ela estava chegando nos galhos da sorveira, ela viu se aproximarem os seus parentes transformados em Wāhtī por maldição de Deyubari gōāmū. Chegando no pé da sorveira, eles pegaram logo as cordas de cipós com a intenção de trepar nela. Mas faltava uma corda! Os Wāhtī estranharam: conheciam perfeitamente o número de cordas que havia sempre no pé da árvore, por isso não entendiam porque faltava uma corda. Olharam para cima e viram um bicho estranho em cima da sorveira. Começaram então a subir na árvore para revistá-lo. Subiam de bunda para cima e de cabeça para baixo. Chegando perto da mulher, estranharam ao vê-la:

— “Não conhecemos esse tipo de bicho que tem duas bocas, uma na cabeça, a outra maior na bunda”, disse o primeiro Wāhtī.

— “Conhecemos o bicho que canta arū! arū! arū!”, disse o segundo.

— “Conhecemos o bicho que canta doe! doe! doe!”, falou o terceiro.

— “Conhecemos o bicho que canta moe! moe! moe!” disse o quarto.

— “Conhecemos o bicho que canta bo! bo! bo!” terminou o quinto Wāhtī!

— “Então quem será esse bicho?”, perguntaram-se uns aos outros.

— “Deve ser esse bicho pōrērō!, disse o sexto Wāhtī. É o único bicho que nós nunca vimos⁹⁵”.

Para que eles pensassem que ela era realmente o bicho pōrērō, a mulher sacou uma folha da sorveira, a dobrou e soprou dentro:

— “Pōrē ã ã ã ! pōrē ã ã ã ã! pōrē ã ã ã!”

Ouvindo esse som, os Wāhtī caíram da árvore de susto. Levantaram-se de novo e foram buscar os seus machados para derrubar o pé de sorveira e, assim, matar o bicho que estava em cima. Poucos minutos depois, aproximaram-se de novo da árvore, cada um carregando o seu machado. Os machados dos Wāhtī eram na verdade jabutis. Sem demorar, eles começaram a derrubar a árvore enquanto estavam conversando. Diziam que faltava para derrubar somente um pequeno pedaço da árvore “igual ao pescoço do camuti de caapi!” Ouvindo essa conversa, a mulher ficou com medo. De fato, os Wāhtī falavam isso somente para assustá-la. Não havia sequer um sinal de corte na árvore.

Não conseguindo derrubar o pé de sorveira, eles comentaram entre si de novo:

— “Quem será que conhece esse tipo de bicho?” perguntou um dos Wāhtī.

— “Sem dúvida alguma o nosso primo Mohōtōrīpai⁹⁶, disse um outro.

— “É mesmo!” gritaram os outros.

Sairam correndo do local para chamar o seu primo que trouxeram de volta. Mandaram-no trepar na sorveira para revistar e matar o bicho que estava em cima. O primo começou a trepar na árvore. Chegando perto da mulher, ele exclamou:

95 - São os sons das flautas sagradas ou miñapōrã.

96 - O nome desaná quer dizer literalmente “mão grossa” (N. do R.).

— “Não é outro bicho, não! é o inimigo dos nossos avôs, foram esses que acabaram com a nossa geração!”

Enquanto estava dizendo isso, a mulher arrancou um galho, cortou um pedaço e, com ele, bateu com força bem no nariz de Mohōtōrīpaū. Este caiu no chão, nos pés dos seus primos. Estes, pensando que fosse aquele bicho pōrērō, se jogaram em cima dele para matá-lo. Quando recuaram, viram que ele não era o bicho pōrērō, mas sim o seu primo que estava morto naquela altura. Olhando para cima, viram que o bicho pōrērō continuava no seu lugar, comendo as frutas da sorveira sem se importar com o que tinha acontecido.

Os Wāhtī levaram então o seu primo de volta para a casa para curá-lo. Enquanto isso, a mãe da criança desceu rapidinho da árvore e seguiu para a sua maloca. Encontrou a maloca no cerrado, desabitada, com uma preguiça* morando no teto. Olhando para a preguiça, que antes era a sua avó, ela perguntou:

— “O que aconteceu com vocês para deixar a nossa maloca nesse estado?”

— “Não saberei lhe explicar! É uma maldição de Deyubari gōāmū minha neta! As mulheres iam para a roça e não voltavam. Os homens iam caçar ou pescar ou fazer outros trabalhos no mato e também não voltavam mais para a maloca. No fim, eu e seu avô ficamos morando sozinhos aqui e me transformei, sem saber como, numa preguiça”, respondeu a velha avó⁹⁷.

No dia seguinte, a moça limpou ao redor da maloca e dentro também. Enquanto isso, a preguiça tomava conta da sua filha. Ela era uma verdadeira babá. Pendurada na cumeeira da maloca com a filha da neta em cima da sua barriga, ela se balançava cantando para fazê-la dormir:

97 - Daqui deriva uma praga para estragar uma comunidade inteira que não respeitou os Desana (birariye mahkārī ooriye) Depois de algum tempo, a comunidade fica totalmente desabitada. Há uma oração para salvar a comunidade (mahkārī ooriye bayimuniye).

— “Siropere waago kome wahpa suri wahpa ñakõākã
Buipere waago mahã poari wahpa ñakõākã há há hó”

(Se for casar no oriente, será a troco de ferro e de roupas!
Se for casar no poente, será a troco de penas de arara há há hó)

Mas, mesmo assim, a mãe da criança desconfiava da preguiça. Ela sempre pensava:

— “Será que essa preguiça não vai arranhar a minha filha?”

No mesmo instante, a preguiça respondeu ao pensamento da sua neta, dizendo que ela não faria mal algum para a filha da sua neta.

No dia seguinte, a mulher preparou um grande caxiri. Na madrugada, antes de coar o caxiri, ela preparou breu e cigarro e sentou-se para benzer os dois, colocando nas fumaças do breu e do cigarro o poder de fazer os seus parentes voltarem à sua aparência anterior⁹⁸. Depois disso, ela limpou o caminho para eles voltarem.

Ao amanhecer, ela defumou ao redor da maloca. Terminando de defumar, ela chamou com voz alta os seus parentes que há tanto tempo estavam perdidos no mato. Logo depois da chamada, estes começaram a voltar. Quem tinha ido caçar, voltou com carne de caça. Quem tinha ido pescar, voltou com peixes. Quem tinha ido tirar uarumã, voltou com feixes de uarumã. Quem tinha ido arrancar mandioca, voltou com o aturã cheio de mandioca. Quem tinha ido tinguijar nos igarapés, voltou com peixes tinguijados. Quem tinha ido buscar lenhas, voltou com feixes de lenhas e assim por diante.

Depois que todos voltaram à sua forma humana, eles retomaram as suas vidas bebendo caxiri à vontade.

98 - Essa oração chama-se em desana gue bayiriye.

A VIDA DE BAARIBO

Baaribo era, com toda certeza, o dono das plantações. Quando sentia vontade de comer beiju, ele arrancava o beiju do próprio peito. Os ovos do seu saco escrotal eram bolas de tapioca, o seu pênis o caule da maniva.

Depois de andar pelo mundo muito tempo sozinho, ele se casou com a filha da centopéia* Wāhtsípĩrõ e, com ela, teve dois filhos. Depois de ter esses dois filhos, a filha da centopéia apaixonou-se por um outro homem chamado Uhsu, “Cobra cega*”. Uhsu tinha o corpo malhado. Depois de um certo tempo, ele engravidou a mulher de Baaribo.

Vendo a sua mulher desse jeito, Baaribo a expulsou da casa, amaldiçoando com uma oração a vagina dela que fechou com uma bacia de tuiuca⁹⁹. Por isso, na hora do parto, a criança não encontrou nenhum canal por onde sair e acabou morrendo na barriga da sua mãe. Na mesma hora, ela morreu também¹⁰⁰.

Com o tempo, os filhos de Baaribo tornaram-se rapazes. O primogênito casou com a filha do besouro Garanunu. Ele era muito ciumento e brigava por qualquer coisa. A nora de Baaribo passava bem na casa dele. Todos viviam felizes da vida, a comida não lhes faltava. Na realidade, a única coisa errada era o fato de que os dois irmãos não se davam muito bem. Viviam brigando nos dias de caxiri por causa da esposa do primogênito, que amava os dois irmãos. No fim, ela ficou gostando mais do caçula de Baaribo e começou a transar com ele às escondidas.

99 - Essa praga chama-se ma'tase bihiri dirabeti.

100 - Daqui deriva uma praga para uma mulher não ter um parto normal, para provocar a morte da mãe e também da criança na sua barriga (nihi dihsi biariye nome dore). Há uma oração para salvar a vida dos dois (nihi dihsi amuniye bayiriye).

O marido descobriu um dia sua esposa fazendo amor com o seu próprio irmão. Jurou matá-lo quando voltassem a fazê-lo. Por isso, ele preparou uma zarabatana para matar o irmão traidor. Depois de ter aprontado a zarabatana, ele resolveu matá-lo de imediato. Decidiu esperá-los no porto onde eles costumavam se encontrar. Chegando lá, ele trepou numa árvore, onde se escondeu e ficou a esperar a mulher voltar da roça e seu irmão da pescaria. Era nessa hora que os dois costumavam se encontrar.

Pela parte da tarde, eles se encontraram, conforme o marido esperava que ocorresse. Os dois se abraçaram e se deitaram no chão para fazer amor. Na hora em que os dois estavam gozando, o irmão maior pegou a zarabatana e atirou contra o caçula, acertando-o no pé do espinhaço¹⁰¹. O rapaz morreu na hora.

A mulher não sabia o que estava acontecendo com seu amante que ficava em cima dela sem mais se mexer. No início, ela pensou que ele estava descansando depois do orgasmo. Depois é que ela percebeu que ele estava morto. Ela o empurrou então para o chão, apanhou água e voltou para a casa como se nada tivesse acontecido.

O marido desceu então da árvore, tirou o brinco que tinha na orelha e, com ele, cortou o pênis do rapaz. Transformou em seguida o pênis no peixe jeju*. Depois, o embrulhou com folhas de waimaka, essas folhas que se costuma usar para empacotar os peixes. Enrolou então o rapaz dentro do pari que estava no porto e o levou de volta para a casa. Chegando na casa, ele deixou o corpo dentro do pari, encostando-o perto da entrada da porta. Logo após, ele foi enterrar o embrulho de peixe no fogo ardente. Depois de algum tempo, calculando que o peixe

101 - Por isso, a gente pode ter um tipo de dor no espinhaço (sügüpiru puniniye). Há uma oração para curar essa dor (sügüpiru punini bayiriye).

devia estar cozido, ele o retirou do fogo e entregou para a sua esposa comê-lo. Quando ela acabou de comer o peixe, seu esposo disse, rindo:

— “Essa mulher é demais! Ela come até o pênis do seu amante! Agora, eu tenho a prova: quando uma mulher ama um homem, ela não quer perder nenhum pedaço do seu corpo”.

Ele ficou repetindo essas palavras até ela enjoar. A mulher se levantou então, saiu da casa, como para fazer suas necessidades, e correu para o igarapé que ficava pertinho da casa. Chegando lá, ela tomou bastante água e se forçou a vomitar. Do seu vômito, saiu primeiro o peixe abeseri, depois o peixe ñumuye e, por fim, o peixe uñu que é a cabeça de todos eles, isto é, os peixes jejus. É por isso que esse tipo de peixe aparece mais nos igarapés.

Ouvindo as palavras do filho maior, Baaribo ficou muito preocupado e saiu logo para procurar o corpo do caçula. Procurou-o no mundo inteiro, não o encontrando em nenhum lugar. Por isso, ele retornou para a sua casa. No caminho de volta, ele ficou escutando as conversas dos periquitos* e das marianitas*:

— “Baaribo está perdendo tempo em procurar o seu filho no mundo inteiro quando ele está, na realidade, encostado bem na entrada da porta de sua maloca, enrolado num pari”.

Ouvindo isso, Baaribo voltou o mais depressa possível para casa. Antes de chegar lá, os passarinhos chamados em desana sipia cantavam alegres “sêrê sêrê sêrê”. Era o sinal de que ele ia encontrar o corpo do seu filho no lugar indicado pelos periquitos e pelas marianitas.

Chegando na casa, ele olhou de imediato para perto da porta e viu o pari com o corpo do seu filho defunto. Pegou então o pari e o levou para o campo. Parou num certo lugar onde o abriu. O filho já estava mofando. Baaribo revistou então o corpo

inteiro dele e, depois, foi arrancar uma espécie de cogumelo chamado abeseri, “pênis da lua”. Com ele, fez um novo pênis para o rapaz. Logo depois, ele fez uma oração para chamar de volta a vida do seu filho que estava espalhada no norte, no sul, no leste e no oeste, fazendo também correr nas suas veias leite e mel¹⁰². O rapaz voltou então à vida e disse para seu pai:

— “Não quero mais voltar àquela casa, tenho muita vergonha!”

— “Não se preocupe, meu filho! Confie em mim! Posso resolver o problema em casa. Agora, vamos voltar para casa, você fica atrás de mim!”

— “Sim, pai! farei segundo a sua vontade”.

Quando os dois estavam aparecendo no fim do campo, o primogênito de Baaribo se transformou no pássaro chamado ñamakâseneno e foi voando na cumeeira da casa gritando assim:

— “ Lá vem o morto vivo sũ sũ sũ!”

Ouvindo as palavras ofensivas de seu irmão, o caçula disse para Baaribo:

— “Eu fico aqui, pai! Não quero entrar na casa, o meu irmão já está começando a falar mal de mim”.

— “Vamos, meu filho, cria coragem! esqueça o que fez com a sua cunhada e com o seu irmão!”, insistiu Baaribo.

Antes do rapaz entrar na casa, o passarinho repetiu as mesmas palavras:

— “Lá vem o morto vivo sũ sũ sũ”.

Naquela mesma hora, o rapaz, quando estava bem na entrada da porta, escorregou e caiu morto no chão¹⁰³. Ele nunca mais tornou a viver.

102 - Essa oração chama-se ohokariro gãmeneono bayiriye.

103 - É nesse momento que surgiu a doença chamada dũhka yuhka turimaye; essa doença aparece na roça. Não há cura.

O rapaz foi enterrado. Baaribo chorou muito a morte do filho amado. Para acompanhá-lo no choro, ele convidou a chuva. Chamou também as aves, os animais, os peixes, as pedras, as árvores, os tocos, as casas de cupim para que chorassem junto com ele a morte do seu filho querido¹⁰⁴.

Baaribo chorou o seu filho com o mundo inteiro. Os animais grandes choravam com vozes fininhas, enquanto os pequenos gritavam com vozes grossíssimas. Assim, a anta grandona chorava com uma voz fininha “magũ magũ magũ”, ou seja “filho filho filho”. Enquanto isso, o esquilozinho ahuamu chorava com uma voz grossa “magũ magũ magũ”.

Baaribo fez chover e chorar o mundo inteiro. Ele queria afundar na terra até o fundo, levando consigo todas as plantações. Por causa da morte do seu filho, ele queria castigar a humanidade toda. Percebendo a idéia do seu irmão, Abe não gostou porque se deu conta de que Baaribo queria mesmo acabar com o mundo. Então, com uma oração, ele o fez olhar para cima. Baaribo viu então o rosto de Abe, seu irmão, que diz:

— “Esquece tudo o que aconteceu com o teu filho!”

Na mesma hora, Abe o abençoou, colocando assim um fim na aflição de Baaribo. Ele fez também parar de chover e os animais, as aves, os peixes, as árvores etc. pararem de chorar. No fim, ele fez Baaribo voltar a viver como antes. Com a bênção do irmão, este se arrependeu muito pelo erro e perdoou seu filho primogênito, resolvendo morar com ele. Todavia, ele decidiu não lhe dar mais comida.

104 - Daqui deriva uma oração (dehko weriye) para chorar a morte de um tuxaua, de uma pessoa importante ou, também, de uma pessoa desprezada por toda a comunidade. Criando raiva, o filho que perde, por exemplo, o seu pai tuxaua, faz como Baaribo fez nesse mito. Aí, acaba o verão. Ao ir ao mato, pescar ou à roça encontra-se somente animais chorando. Com medo disso, as pessoas, não sabendo mais para onde ir, morrem de fome. Há uma oração para acabar com essa maldição (dehko weriye bayiriye).

O tempo passou. Um dia, Baaribo teve pena do seu filho que passava fome na sua própria casa. Não havia nenhum tipo de comida. A nora de Baaribo ia todos os dias para a roça e voltava com mandioca que ela ralava e depois coava. Mas, mesmo assim, não havia nenhum pingo de tapioca na bacia. Por isso, ela acabou por desanimar, não querendo mais ir para a roça.

Vendo isso, Baaribo ordenou para ela:

— “Hoje você vai para a roça. Arranca mandioca* à vontade e você conseguirá comida para todos nós. Confie em mim!”

Assim que ela foi à roça, Baaribo abençoou a casa, cancelando a maldição que ele próprio havia feito sobre a casa. Acomodou, em seguida, a bacia de tapioca no chão, colocando debaixo dela o ovo de tapioca que nunca acaba. Ele se pôs então a esperar a volta da mulher.

Quando ela chegou, ele avisou logo para que ela não mexesse em nada. Mas ela estava brava e nem ligou para a recomendação do sogro. Antes de coar a massa de mandioca com a cumatá, ela mudou de lugar a bacia de tapioca. É assim que ela descobriu o ovo de tapioca. Não sabendo o que fazer com ele, o escondeu entre os lábios da vagina¹⁰⁵.

Baaribo, vendo que ela não havia obedecido à sua recomendação, a fez dormir profundamente. Quando ela estava dormindo, ele abriu as suas coxas, pegou o seu palito de pintar, o enfiou no ovo de tapioca, puxando-o então para fora. Depois, ele o lavou no capim e o colocou novamente no seu saco escrotal. Sentindo alguém mexer entre as suas coxas, a mulher acordou do sono, mais brava que nunca.

105 - Hoje em dia, pode-se formar aqui uma hernia na mulher (wayuru baaribo yaru). Há uma oração para curar essa doença chamada wayuru dũhkũkũ turimaye bayiriye.

Quando o seu marido voltou da pesca, ela inverteu toda a história, dizendo que o pai dele não a deixava dormir sossegada. Ela disse que ele era muito chato e que vivia tocando a toda hora o seu sexo. Ouvindo isso, o filho ficou muito furioso, brigou com o pai e o expulsou da casa, mandando-o procurar mulheres em outros lugares.

Baaribo, de novo sozinho, saiu pelo mundo à procura de uma nova esposa, mas, antes de ir embora, amaldiçoou a casa do seu filho, escondendo todas as plantações¹⁰⁶.

Um dia, um tal de Wariru soube o que havia acontecido com Baaribo e disse para as suas duas filhas:

— “Minhas filhas, quando encontrarem Baaribo, tragam-no aqui, para essa casa. Digam a ele: «nós duas e o nosso pai precisamos muito de você». Fiquem sabendo se ele é realmente o dono das plantações e se é milagroso!”

Mesmo estando longe da casa de Wariru, Baaribo ouviu essa conversa. Ele já sabia que as duas filhas de Wariru precisavam dele, por isso começou a procurá-las.

As duas moças foram buscar maniuaras*. Andaram dois dias no mato pegando essas formigas, mas não encontraram Baaribo. No terceiro dia, ele apareceu no lugar onde elas estavam recolhendo maniuaras e lhes disse:

— “O que vocês estão fazendo aqui?”

— “Estamos pegando maniuaras para comer!”

— “Me dêem umas! Eu também quero comer, estou com muita fome!”

Colocando algumas maniuaras dentro de uma conchinha de folha, assim como um pedaço de cogumelo que era o seu beiju,

106 - Daqui deriva uma praga (wānuñe) para castigar a família orgulhosa que se glorifica, por exemplo, de ser muito trabalhadora. Há uma oração para acabar com essa maldição (wānuñe bayiriye).

elas os ofereceram a Baaribo. Ele os pegou e foi sentar em um tronco deitado. Arrancou então um pedaço de beiju de tapioca do seu peito e começou a comer. Vendo-o comer com muito gosto, as duas mulheres perguntaram:

— “O que você está comendo com as maniuaras?”

— “Estou comendo beiju de tapioca”, ele respondeu.

Ouvindo-o falar de beiju de tapioca, as duas mulheres se deram conta de que, sem dúvida, ele era o célebre Baaribo:

— “Arruma para nós um pedaço desse beiju! Nós queremos experimentar!”

Arrancando um outro pedaço de beiju do seu peito, ele lhes ofereceu para provar. Experimentaram o beiju e acharam muito gostoso. Por isso, pediram para Baaribo que ficasse de vez com elas para que pudessem comer desse beiju tão gostoso todos os dias. Antes de aceitar o convite das duas mulheres, Baaribo se pôs a contar toda sua vida e lhes explicou porque se encontrava nesse lugar com elas.

Antes de voltarem à sua maloca, as duas mulheres pediram que ele se encontrasse sempre com elas, naquele mesmo lugar. Ele disse que somente voltaria dali a dois dias. As mulheres concordaram e voltaram à sua casa.

No dia combinado, as duas mulheres e Baaribo se encontraram no mesmo lugar. Enquanto elas estavam comendo as maniuaras com um pedaço de beiju e conversando com Baaribo, deixaram cair no seu aturá, sem percebê-lo, pedaçinhos de beiju que se misturaram às maniuaras. Antes de voltarem para suas casas respectivas, combinaram um novo encontro:

— “Amanhã, você vem sem falta, esperraremos aqui!”, disseram-lhe as duas mulheres.

— “Estarei aqui amanhã”, ele respondeu.

E cada um voltou para o seu lugar. Chegando em casa, as duas mulheres entregaram as maniuaras para o velho pai. Enquanto estava comendo as maniuaras, Wariru descobriu alguns pedaços brancos e perguntou:

— “O que é isso?”

— “São pedacinhos de beiju que Baaribo arrumou para comermos com as maniuaras”, responderam.

O velho provou, gostando muito do beiju. Ele disse então para as duas filhas:

— “Esse Baaribo é o verdadeiro dono das plantações! tragam-no amanhã à minha maloca!”

As duas mulheres contaram ao pai muitas coisas sobre Baaribo, sobre a sua fama e prometeram trazê-lo no dia seguinte para sua casa.

No quarto dia, Baaribo se negou a ficar com elas. Ele queria saber se elas gostavam realmente dele. Chorando muito, elas lhe pediram nunca mais tratá-las desse jeito. Baaribo, acreditando no seu amor por ele, decidiu então:

— “Amanhã eu irei com vocês para ficar para sempre. Hoje, adiantarei a minha chegada mandando para seu pai um pedaço de beiju”.

Elas voltaram alegres para casa com a promessa de Baaribo de viver para sempre com elas. Recebendo o beiju que Baaribo lhe havia mandado, Wariru ficou muito contente. Somente após ter comido é que perguntou para as suas filhas:

— “Ele não veio com vocês minhas filhas?”

— “Não, ele só virá amanhã para ficar com a gente para toda a vida”.

No quinto dia, Baaribo foi para a casa de Wariru conforme a promessa que havia feito para as duas moças. Wariru o recebeu com muito prazer, oferecendo-lhe sua casa e suas duas filhas

para casar. Baaribo, conversando com seu sogro, soube que eles se alimentavam somente de maniuaras, tendo como beiju folhas de cogumelos e como manicuera lama de barro. Ao saber disso, ele disse:

— “Amanhã, irei procurar um bom lugar para fazermos nossa roça. Dar-lhes de comer todos os dias sem que vocês trabalhem é um costume ruim”, completou ele.

No dia seguinte, Baaribo foi para o mato. Lá, ele delimitou o tamanho da roça que queria fazer e voltou para a casa. No dia seguinte, foi com as duas mulheres para queimar a roça. Chegando no lugar, ele disse:

— “Olhem minhas queridas, eu vou pegar fogo para queimar a nossa roça! Vocês duas fiquem a pouca distância daqui. Fiquem de costas até acabar a queimada. Por favor, vocês não devem virar os rostos antes que eu ordenei”.

Dizendo isso, ele pegou os seus enfeites e começou a se enfeitar. Logo depois, ele ordenou para as duas mulheres que ficassem longe do lugar onde iria queimar, pedindo-lhes que seguissem a ordem e não olhassem para trás.

A roça começou a queimar. Baaribo estava bem no meio. Ele mesmo estava tocando fogo na roça. Ao ouvirem um enorme barulho de fomalha, as duas mulheres ficaram preocupadas que algo de ruim pudesse acontecer com seu marido.

— “E se ele estava acabando nessa fomalha?”, pensavam.

A menor, não suportando a curiosidade, disse:

— “Será que essa fomalha não está acabando com o nosso marido?”

Dizendo isso, ela virou o rosto para a fomalha e viu com espanto seu marido, bem no meio, fazendo gestos para a roça queimar bem. Na hora em que ela se virou para olhar, o fogo

se apagou. Por isso, alguns tocos e troncos não queimaram bem¹⁰⁷.

Baaribo chegou bravo perto delas:

— “Eu não tinha pedido a vocês que não olhassem para trás? Vocês duas são responsáveis por tudo o que aconteceu nessa roça”, ele gritou.

Depois disso, eles voltaram para a casa de Wariru. Chegando lá, Baaribo disse que eles somente voltariam para a roça dali a três dias. No terceiro dia, Baaribo e as duas mulheres foram ver de novo a roça. Quando estavam se aproximando, a primeira esposa admirou-se ao ver de longe todo tipo de plantas: havia manivas, cunurizeiros, abiuzeiros, bacabazeiros, biribas, cubius, batatas doces, bananeiras, carás, abacaxis... e muitas outras árvores frutíferas. Ela estava tão excitada que pisou num toco, escorregou e caiu no chão, desmaiada¹⁰⁸. Baaribo a benzeu para que voltasse à vida. A segunda esposa, sem saber o que fazer com tantas plantas, acabou fazendo xixi no meio da roça. Naquele momento, o capim começou a aparecer e a mandioca a sair da terra com casca. Antes, bastava tirar a maniva da terra que ela já saía raspada e ralada. Faltava somente coar!

Depois de voltar para casa, as duas mulheres convidaram os peixes aracu*, cascudos* e demais peixes para ajudá-las a descascar as manivas. Começaram a descascar as manivas com suas bocas, mas não agüentaram o trabalho: as manivas, com efeito, não acabavam nunca. É por isso que, hoje em dia, os cascudos têm lábios grossos.

107 - É por essa razão que, hoje em dia, sempre ficam alguns galhos não queimados na roça.

108 - Hoje em dia, sempre acontece esse tipo de doença (poemaye dore). É uma doença da roça que se manifesta com febre alta, dor de cabeça. A pessoa morre se não é benzida logo. Há uma oração para curar essa doença (poemaye bayiriye).

As mulheres tinham também convidado as lagartixas* para ajudá-las a ralar. De tanto ficar sentadas, a sua bunda ficou chata. É por isso que, hoje em dia, a bunda das lagartixas é assim.

Baaribo estava feliz, mas não podia-se dizer a mesma coisa do seu filho que estava passando muita fome. Ele não tinha nenhuma comida e passava os dias sem comer nada. Para sobreviver, ele colocava algumas armadilhas de pegar inambus*. Vendo o seu filho desse jeito, Baaribo teve pena dele e disse consigo mesmo:

— “Não é culpa do meu filho! Sua esposa é a responsável pelo o que está acontecendo!”

Fazendo algumas bolas de tapioca, ele as transformou em inambus que pindurou em seguida nas armadilhas instaladas pelo seu filho. E, também para provar ao seu filho que este precisava dele, Baaribo se transformou num veado e andou atrás do filho comendo os inambus presos nas armadilhas. O filho, vendo isso, não pensou duas vezes. Pegou a zarabatana e logo atirou contra o veado. Mas o veado agarrou a flecha com a palma da mão e a mandou de volta para o filho, acertando-o bem na garganta¹⁰⁹.

No dia seguinte, Baaribo foi visitar o seu filho, encontrando-o com um tumor na garganta. Sabendo que o tumor era o resultado da sua maldição, ele o curou com facilidade. O filho começou a falar chorando:

— “Eu não tenho em casa nenhum pingo de comida”.

As barrigas do casal estavam vazias. Despedindo-se do filho, Baaribo o convidou para vir tomar caxiri na maloca do seu sogro dali a dois dias.

109 - Aqui podem sair dois tumores: um na palma da mão (mohôtō bihiriye baaribo yaru) é o do pai; o outro dentro da garganta (wūmanano baaribo yaru) é o do filho. Há uma oração para curar esses dois tumores.

No dia do caxiri, o filho de Baaribo chegou na maloca bem cedo. Lá, ele foi bem recebido. Baaribo tinha pedido que seus cunhados não obrigassem o filho a beber. Todavia, sob a pressão do caxiri, eles se esqueceram da recomendação de Baaribo, forçando o “passa-fome” do seu filho a beber muito. O estômago do filho não agüentou e ele começou a vomitar¹¹⁰.

Como se faz de costume, eles beberam caxiri a noite inteira. De madrugada, Baaribo avisou ao filho que iria visitá-lo dali a cinco dias e pediu que ele estivesse pronto a recebê-lo. Disse ainda para seu filho que deixasse a bacia de tapioca tampada, assim como o cocho de caxiri, com folhas de bananeira desde o cair da tarde do quarto dia até o amanhecer do quinto dia. Completou por fim:

— “Na madrugada do quarto dia, na hora que a andorinha* cantar, sua mulher deverá se levantar da rede para coar o caxiri e preparar o beiju”.

O filho acreditou na palavra do pai e voltou para sua casa. Ao cair da tarde do quarto dia, o filho de Baaribo pediu para sua mulher que preparasse tudo conforme o pai lhe havia ordenado. Mas ela não quis acreditar nas palavras do sogro e não fez nada. Vendo isso, o próprio filho preparou tudo, conforme Baaribo havia explicado.

Na madrugada do quinto dia, ele esperou a andorinha cantar. Esta cantou na hora marcada. O filho, não esperando passar o tempo, desceu da rede com pressa e foi abrir o cocho de caxiri: ele estava cheio de caxiri fervido. Correu então para a bacia de tapioca que também estava cheia.

Depois disso, ele foi falar para sua esposa:

— “Agora vai coar o caxiri e preparar o beiju para meu pai comer quando chegar aqui. Você é incrédula. Por sua causa

110 - Com isso surgiu outra praga: a mandioca se estraga antes do tempo (duhku boga). Há uma oração para acabar com essa praga (duhku boga bayiriye).

nós estamos passando fome. A partir de hoje, você fará tudo o que meu pai lhe ordenar”.

Ela desceu então da rede, coou o caxiri, preparou o beiju e esperou a chegada do sogro.

Baaribo chegou pelas oito horas da manhã com os seus cunhados, as suas cunhadas, o seu sogro e as suas próprias esposas. Eles foram bem recebidos pelo filho de Baaribo e tomaram caxiri. Ao meio-dia, Baaribo chamou o filho a seu lado e disse-lhe:

— “Meu filho, os caules de manivas estão escondidos dentro das grandes árvores como os uacuzeiros, os cunurizeiros, os ucuquizeiros. Derrubando sem temer essas árvores e queimando-as, você encontrará varios pés de manivas. Por isso, lhe digo, faz conforme lhe ordenei. Confie em mim!”

— “Sim”, respondeu o filho.

Agradecendo, ele pediu perdão por tudo que ele havia feito ao pai. A partir desse dia, o filho trabalhou muito e teve várias plantações. Nunca mais passou fome na vida.

Depois de ter avisado o filho onde havia escondido os pés de manivas, Baaribo ficou morando com seu sogro. Um dia, ele quis subir para o céu como os seus irmãos haviam feito, mas logo se deu conta de que, se subisse para lá, não restaria nem um pé de mandioca aqui nessa terra: as plantas subiriam ao céu com ele. Por isso, resolveu ficar na terra para dar comida aos Umurí mahsã.

Hoje em dia, pode-se ver Baaribo nessa terra, numa das serras localizadas na margem direita do Rio Curicuriari e no Rio Negro. Há três serras¹¹¹ nesta região: uma, a do meio, é Baaribo; aquela do interior é seu sogro, Wariru, e a terceira, localizada na beira do Rio Curicuriari, representa as esposas de Baaribo.

111 - As três serras em conjunto são conhecidas na região sob o nome de Bela Adormecida.

A VIDA DE BUHSARI GÕÂMŪ

Os Ūmurī mahsā procuram a noite

No princípio, a noite não existia. Com o tempo, os Ūmurī mahsā se cansaram de viver somente com a luz do dia. Ninguém tinha tempo para descansar. Se descansavam, faltava alimento. Para que isso não ocorresse, eles tinham que trabalhar o tempo todo, mesmo estando cansados.

O responsável por esse sofrimento era Buhsari gõâmŭ, porque fazer mudar o tempo era um dos trabalhos de que ele fora encarregado pelo Avô do Universo. Para dividir o tempo em dia e noite, devia-se saber como desmanchar o nó da corda de miçangas que mantinha a terra presa no seu suporte, e que a impedia de rodar. Mas nenhum dos cinco irmãos conhecia a cerimônia. Por isso, Buhsari gõâmŭ, não sabendo como fazer, ficou humilhado por todos os seus irmãos.

Muito tempo depois, eles viram se levantar uma escuridão no poente. Eles moravam na Diá ohpekō wi'i, "Maloca de Leite do Rio", atualmente conhecida como "Serra do Pão de Açúcar", no Rio de Janeiro, no Brasil. Pouco depois, souberam que, no poente, morava Ūnamirī, isto é, "Noites". Ūnamirī era o dono da noite. Um dia, os cinco irmãos resolveram visitá-lo e foram até a sua casa, lá no poente, onde se encontra atualmente a Serra de Bogotá na Colômbia que, para nós, chama-se Ūnamirī wi'i, a "Maloca das Noites".

Eles fizeram várias visitas a Ūnamirī. Na terceira, lhe ofereceram a sua própria irmã em casamento. Em troca, pediram a noite. Ūnamirī se prontificou a dar-lhes a noite assim que precisar. Depois disso, os cinco irmãos voltaram para a sua casa, deixando sua irmã com ele.

Ñamirĩ alimentava-se de folhas de cogumelos que eram o seu beiju, bebia lama de barro como manicuera, mastigava cascas de uarumã como ipadu e fumava paus podres e secos que eram os seus cigarros. Depois de um certo tempo, sabendo que a sua irmã já estava bem acostumada a morar com ele, os cinco irmãos resolveram ir para a casa de Ñamirĩ cobrar a sua dívida: a noite. Chegaram na Maloca das Noites ao cair da tarde. Lá, eles foram bem recebidos. Avisaram logo para o seu cunhado que eles vieram buscar a noite conforme o arranjo deles. Ele disse que estava tudo bem e que iria ensinar-lhes a cerimônia de desmanchar o nó de miçangas que mantinha a terra presa no seu suporte, impedindo o movimento do dia e da noite¹¹². Pediu que o ensinamento fosse dado à noite e que eles ficassem muito atentos às suas explicações. Os cunhados prometeram ficar atentos. Ele disse ainda:

— “Vocês estão procurando a preguiça. A noite traz muita preguiça para o ser humano. Eu, como eu sou o dono da noite, vivo preguiçoso, não penso em trabalhar, somente em dormir. Já que vocês escolheram assim, assim também vocês serão! Vocês levarão a mala da noite amanhã!”

Chegou a noite e Ñamirĩ começou a explicar como desmanchar o nó da corda de miçangas. Em primeiro lugar, disse que eles deviam pensar que, um dia, as futuras gerações teriam um tempo reservado para dançar os cantos de kapiwaya, isto é, os cantos que acompanham a tomada de caapi, e que essas danças iriam durar uma noite inteira. Para nós, com efeito, a noite equivale ao tempo de duração da dança dos kapiwaya.

112 - Os velhos se referam à terra como “mahsãrĩ koásoro”, isto é, como uma frutacua assentada num suporte (yuhiro). O suporte, na beira, é enfeitado com uma corda de miçangas (nihil ñagĩ-dá) fechada por um nó (diri koarakuru). Essa corda prende e segura a cuia (isto é, a terra), impedido a sua rotação no suporte.

Ofereceu-lhes bancos para sentarem. Através dos desenhos dos bancos os fez sentir sono. Ñamirĩ fez isso para que eles não ouvissem claramente suas explicações¹¹³.

Buhsari gõãmũ não sabia o que era o sono, nem como ele se apresentava. Por isso, queria ficar atento para ver que forma ele tinha. Queria também mantê-lo longe de si e de seus irmãos. Ñamirĩ começou o ensinamento. Pela meia-noite, Buhsari gõãmũ deu um cochilo. Por isso, não soube de onde vinha a noite, nem como ela se parecia e como fazer para pará-la. Quando acordou, ele disse para os seus irmãos:

— “É verdade! o sono é forte mesmo! Eu dei um cochilo sem querer”.

Logo depois, quatro dos irmãos pegaram no sono, não ouvindo mais a explicação da cerimônia e apoiaram a cabeça nos seus joelhos para dormir. Quem ficou ouvindo e dialogando com o cunhado foi o caçula deles. Os dois conversaram até o amanhecer¹¹⁴.

Antes dos cunhados voltarem para casa, Ñamirĩ correu no meio da maloca, tirou a mala da noite que estava pendurada, jogou-a no chão e trouxe-a chutando até o meio do quarto onde eles estavam sentados, dizendo:

— “Aqui está a mala da noite! Abram-na somente quando chegarem à sua maloca!”

O primogênito, recebendo a mala, tentou puxá-la para o seu lado sem ser percebido pelos seus irmãos. Mas a mala nem se mexeu¹¹⁵. Por isso, ele deu ordem aos irmãos que puxassem a

113 - Assim também faz o kumu quando ele explica as orações para alguém que não é seu parente, ele o faz adormecer (numino moaniye).

114 - Por isso, hoje em dia, a inteligência fica somente no caçula de família.

115 - A mala não era tão pesada assim. Na realidade, ela estava muito leve mas Ñamirĩ com uma oração a fez ficar pesada. Ele a encheu com as pedras do mundo inteiro (ũhtã sãriye). Há uma oração para fazer ficar leve uma coisa pesada (wihtĩ sãriye), transformando as pedras em penugem.

mala para o lado deles. Um dos irmãos se levantou para trazê-la, tentando chutá-la como fizerá Ñamirĩ. Mas ele não conseguiu fazê-lo. A mala estava muito pesada e ele quase machucou o pé.

Vendo isso, convidou os seus irmãos a ajudá-lo. Mas, mesmo assim, a mala ficava muito pesada e, embora os irmãos tentassem puxá-la, não conseguiam arrancá-la do lugar.

Ñamirĩ, vendo que eles não conseguiam levantar a mala, disse:

— “É bom que vocês façam uma padiola para carregar esta mala. Isso aliviará o peso!”

Depois que prepararam a padiola, Ñamirĩ pegou a mala e a suspendeu como se fosse uma coisa leve. Logo depois, quatro dos irmãos pegaram um cabo da padiola e tentaram carregar a mala, mas sem sucesso. Não conseguiram mexer a mala, nem sobre um centímetro! Fizeram então uma oração¹¹⁶, chamando as gerações futuras a se juntarem a eles para carregar a mala da noite até a casa de Diá ohpekõ wi'i. Logo após essa oração, as gerações das tribos atuais da região, tais como os Tukano, os Desana, os Wanano, os Kobewa, os Tariano, os Carapanã e outros apareceram.

Despedindo-se de Ñamirĩ, os cinco irmãos retomaram o caminho de volta para a sua maloca. No meio do caminho, mesmo com a ajuda das futuras gerações, já não agüentavam o peso da mala da noite e sentiam-se extremamente cansados. Então começou a brotar-lhes uma idéia na cabeça: abrir a mala da noite para ver o que havia dentro.

O líder, ouvindo de todos a mesma conversa, disse:

— “Eu vou abrir um pouquinho para ver o que há dentro dessa mala!”

116 - Daqui deriva uma oração para os estivadores transformarem uma coisa pesada em coisa leve, carregando-a com as forças dos habitantes do mundo inteiro (mahsã poreriye).

Ele desmanchou então o nó da corda que amarrava a mala e levantou um pouco a tampa para olhar dentro. No mesmo instante, saíram voando da mala japus, araras, papagaios* e demais pássaros de enfeites, macacos da noite*, insetos que cantam de noite e muitos outros. De repente, a mala ficou vazia. Nessa mesma hora, caiu a tarde. Os japus, os araras e os papagaios voaram direto para a maloca de Ñamirĩ, contando-lhe que os ʘmurĩ mahsã haviam desobedecido à ordem de abrir a mala da noite somente em sua maloca e que, por isso, eles anoiteceram no meio do caminho.

De repente, a noite caiu. Era uma noite chuvosa. As representações das futuras gerações procuraram folhas de paxiúbas, de açazeiras, de bacabeiras, de patauas para construir abrigos para que as lideranças não apanhassem a chuva. E eles prepararam os seus próprios abrigos com folhas de samambaia. No fim, as saúvas* cortaram todos os seus cabelos enquanto dormiam¹¹⁷.

Buhsari gõamu se escondeu da chuva debaixo das folhas de um cogumelo. Os primogênitos dos ʘmurĩ mahsã não sabiam como controlar o dia e a noite devido a sua pouca atenção às explicações de Ñamirĩ sobre a cerimônia de controlar o dia e a noite. O irmão menor, logo que escureceu, começou a se recordar das explicações do seu cunhado, já principiando a cerimônia. Quando foi de madrugada, os ʘmurĩ mahsã começaram a se queixar, cansados de estarem no meio da escuridão e com muita chuva. Ouvindo a queixa dos seus irmãos, o caçula disse-lhes:

— “Se não me engano, está na hora de desmanchar o nó de miçangas com aquele rito!”

117 - É por isso que, hoje em dia, os Kobewa, os Wanana e os Carapanã têm cabelos enrolados enquanto que os cabelos dos descendentes líderes são lisos.

Mas nenhum dos seus irmãos sabia como fazer para dividir o tempo. Começaram então a brincar entre si, usando estas palavras:

— “Ñamirĩ sai ñamirĩ sai ñamirĩ sai”, disse o primogênito.

— “Ñamirĩ niseredoa ñamirĩ niseredoa”, disse o segundo irmão.

— “Boyori waga waga boyori waga waga”, disse o terceiro irmão.

— “Boyori bosaka boyori bosaka”, disse o quarto irmão”.

E, dizendo isso, ele dominou um riso. Eles pensavam controlar o dia e a noite com aquelas brincadeiras. Mas nem sinal de mudança do tempo eles viram.

O irmão caçula, que acompanhou a cerimônia da noite desde o início, calculando que era o tempo do encerramento da dança de kapiwaya, começou a cantar a cerimônia de dividir o tempo, desmanchando o nó da corda de miçangas que impedia o movimento da terra em dia e noite.

Na hora que ia ser a madrugada de hoje em dia, o irmão caçula cantou o seguinte canto cerimonial:

— “Ñamirĩ ñamirĩ ñamirĩ gurupoa ñagĩ darire
wara sãpã yu darire
wara tuta yu darire
titi titi”

(Noites, noites, noites, cordas de miçangas de insetos da noite
(eu) desmancho o nó das cordas, (eu) tiro as cordas
(eu) corto as cordas e (eu) as faço passar para adiante
titi titi)

— “Ñamirĩ ñamirĩ ñamirĩ gūrũyē ñagĩ darire
wara sãpã yu darire
wara tuta yu darire
titi titi”

(Noites, noites, noites, cordas de miçangas cor de carayuru*

(eu) desmancho o nó das cordas, (eu) tiro as cordas

(eu) corto as cordas e (eu) as faço passar para adiante
titi titi)

Na mesma hora, as lagartixas*, que cantam “titi titi”, acompanharam o canto do caçula. Os outros irmãos gostaram de ver o trabalho do caçula e pediram que ele repetisse o canto mais uma vez para que amanhecesse logo. Mas ele não prestou atenção à conversa dos seus irmãos. Ele estava calculando o tempo que duraria a despedida da dança de kapiwaya antes dos dançarinos irem dormir.

Por isso, Buhsari gõãmu, vendo que ele não prestava atenção ao seu pedido, se transformou num morcego e voou no espaço para ver se estava realmente amanhecendo. Era pura verdade! Já estava chegando o dia. Vendo o clarão no céu, ele tirou um pouco de ipadu da sua boca, o jogou contra a luz do dia, fazendo o tempo escurecer de novo.

Quando ele voltou perto dos seus irmãos, o caçula o ralhou porque ele teria que repetir todas as cerimônias desde o início. Depois de algumas horas, ele cantou o canto seguinte:

— “Ñamirĩ ñamirĩ ñamirĩ bore ñagĩ darire
wara sãpã yu darire
wara tuta yu darire
titi tiri sira sira sira”

(Noites, noites, noites, cordas de miçangas cor de tabatinga
(eu) desmancho o nó das cordas, (eu) tiro as cordas
(eu) corto as cordas e (eu) as faço passar para adiante
titi titi sira sira sira)

Quando vinha chegando o dia, ele cantou:
— “Ñamirĩ ñamirĩ ñamirĩ boyo ñagĩ darire
wara sãpã yu darire
waratura yu darire
titi titi sira sira sira”

(Noites, noites, noites, cordas de miçangas de cor branca
(eu) desmancho o nó das cordas, (eu) tiro as cordas
(eu) corto as cordas e (eu) as faço passar para adiante
titi titi sira sira sira)

Quando ele estava cantando “sira sira sira”, ele, na realidade, estava mandando o clarão chegar¹¹⁸. As lagartixas acompanharam o caçula até o final de sua cerimônia. Até que enfim, eles voltaram a ver a luz do dia. Depois de amanhecer, os cinco irmãos regressaram para sua maloca sem a mala da noite¹¹⁹. As gerações futuras da terra desapareceram, assim que chegou a luz do dia.

No caminho de volta para a maloca, os cinco irmãos prometeram a si mesmos que iriam se vingar de Ñamirĩ pela brincadeira que este lhes fez.

Ñamirĩ visita os seus cunhados

Depois de viver muito tempo com Ñamirĩ, a esposa cansou-se de vê-lo comer cascas de uarumã e fumar restos de paus podres. Ele também ficava dormindo demasiado tempo

118 - Quando o sol está se pondo, antes de escurecer, pode-se ver no horizonte uma faixa vermelha. É a corda de miçangas de cor de carayuru. Depois, o que domina é a corda dos insetos, isto é, a corda preta. Quando o sol se levanta, pode-se ver no horizonte uma faixa de cor amarela. É a corda de miçangas cor de tabatinga amarela que o caçula cortou.

119 - Hoje em dia, pode-se ver essa mala da noite entre as comunidades de Cunuri e Trovão, no Rio Uaupés.

e, para acordá-lo, precisava-se enterrar no fogo um pedaço de panela de tuiuca e, quando estivesse bem quente, colocá-lo no peito do seu marido. Somente assim ele acordava! Um dia, ela disse para o seu marido :

— “Os meus irmãos têm uma planta própria para criar idéias que se chama ipadu. É melhor do que comer cascas de uarumã. Meus irmãos têm também uma planta própria para fumar que se chama tabaco. É melhor do que fumar restos de paus podres!”

Chegando na casa dos seus irmãos, ela falou da situação do seu marido. Os irmãos prometeram levar a semente de tabaco mas se negaram a dar-lhe a semente de ipadu.

Ela passou alguns dias com eles. Antes de voltar para Namirĩ wi'i, ela resolveu roubar um pé de ipadu para o seu marido plantar e pegou também um pouco de ipadu já preparado para ele comer logo. Quando ela estava arrancando o pé de ipadu na roça, o primogênito dos Umurĩ mahsã o percebeu porque, na verdade, ela estava arrancando um dedo da sua mão¹²⁰. O ipadu era o osso dos Umurĩ mahsã! Por isso, eles o sovinavam como se fosse seu próprio osso.

Vendo a falta de respeito da irmã para com a sua pessoa, o primogênito dos Umurĩ mahsã amaldiçoou o pé de ipadu roubado, para que quem o comesse ficasse viciado, dando-lhe o sabor de peixe assado, de aracu, de piabas e de todos os outros peixes oleosos¹²¹.

120 - É a partir desse momento que o ser humano ficou só com cinco dedos em cada mão. O espaço entre o polegar e o indicador é o lugar do pé de ipadu roubado.

121 - Por isso, o ipadu deve ser benzido pelo kumu antes de ser comida (ahpĩ baari bayiriye). Se isso não for feito, a pessoa fica viciada (baapori) e, quando não há mais ipadu, ela chega a comer barro, terra e, no fim, acaba por morrer. Ademais, o kumu, quando não é respeitado pelos outros que resmungam, por exemplo, porque ele come ipadu, pode almadiçoá-los como fizera o líder dos Umurĩ mahsã (ahpĩ baari murã). Nesse caso, a pessoa almadiçoada morre de tanto comer ipadu, terra e cinzas.

Depois de um certo tempo, os irmãos mandaram um recado para a sua irmã, pedindo-lhe que preparasse caxiri. Chegando na casa de Ñamirĩ no dia marcado, encontraram o seu cunhado viciado pelo ipadu. Ele comia ipadu, terra, cinzas sem parar. Vendo-o nesse estado, os cunhados o benzeram e ele ficou curado. Depois, disseram para a irmã que eles vieram entregar a semente de tabaco para o seu cunhado:

— “Hoje à noite, quando faremos o seu marido fumar, isso lhe provocará diarréia. Essa diarréia terá sementes de tabaco. Por isso, você levará seu marido cagar no norte, no sul, no leste e no oeste da maloca. Alguns dias depois, em cada um desses lugares, nascerá um pé de tabaco”.

Logo depois, eles começaram a tomar caxiri. Na hora de muita animação, Ñamirĩ começou a ter diarréia. Com a primeira caganeira, ele perdeu toda a sua força e caiu desmaiado no chão. A mulher o levantou e o carregou para cagar nos quatro lugares, assim como o ordenaram os seus irmãos.

Na última caganeira, Ñamirĩ estava muito fraco e perto de morrer. Vendo sua fraqueza, os outros o benzeram e ele ficou curado¹²². Quando ele retornou à vida, os irmãos o mandaram fumar para experimentar se era bom mesmo. Assim que começou a fumar, ele caiu desmaiado no chão. Ele tinha a garganta muito seca e precisava beber água. Os cunhados o benzeram de novo e ele ficou curado¹²³.

Os Ūmurĩ mahsã fizeram essa brincadeira para se vingar do que Ñamirĩ lhes havia feito ao entregar a mala da noite. No dia seguinte, eles retornaram para a sua maloca.

122 - Os kumu desana têm uma oração aqui para fazer como os Ūmurĩ mahsã fizeram para Ñamirĩ. Se um parente não souber curar essa doença (moepori), a pessoa acaba por morrer. Há uma oração para curar essa doença (moepori bayiriye).

123 - Há uma oração para estragar o fumante. Quando ele fuma, o kumu provoca nele tonteira e ele cai desmaiado no chão (wūgobe dehko boriye). Há uma oração para reverter esse tipo de estrago (wūgobe dehko bori bayiriye).

Depois que os cunhados voltaram à sua terra, Ñamirĩ foi visitar os quatro lugares onde havia cagado e viu, já brotando, pés de tabaco. Aqui acaba a história da mala da noite.

O grande castigo de Buhsari gõãmu

Um dia, antes de uma grande festa de caxiri, Buhsari gõãmu resolveu limpar o seu rosto com o leite de latex da sorveira para depois pintá-lo, como ele fazia de costume.

Chegando no pé da sorveira, encontrou duas moças. Eram as filhas de Wahsõhĩ, o Irará*. Irará estava em cima da sorveira apanhando frutas para suas filhas comerem. Enquanto isso, Buhsari gõãmu teve relação sexual com elas no pé da sorveira pensando que o pai delas não estava percebendo nada. Isso aconteceu no igarapé Macucu.

No entanto, Irará era um ser originário do nascente, da boca dos rios. Ele havia curvado a sorveira a partir do nascente e a havia engatado num pé de açaí, que se encontrava no igarapé Macucu, como gancho. Percebendo pelo cheiro do esperma, que veio tocar o seu nariz, o que Buhsari gõãmu estava fazendo com as suas duas filhas, ele ficou furioso e resolveu castigá-lo por isso no mesmo instante.

Depois de transar com as duas moças, Buhsari gõãmu voltou para trás e veio de novo em direção do pé de sorveira tocando a sua flauta como se estivesse chegando pela primeira vez. Chegando perto do pé da árvore, ele perguntou para Irará:

— “Primo, há muitas frutas maduras?”

— “Há muito, meu primo! você quer provar uma?”

— “Quero sim, me dá uma fruta madura!”

Wahsõhĩ jogou-lhe uma fruta. Buhsari gõãmu a experimentou e gostou do seu sabor. Então, ele resolveu ir comer as frutas em cima da árvore.

— “Eu vou aí em cima também, meu primo”, ele disse para Irará.

— “Pode vir, meu primo”, respondeu ele.

Quando Buhsari gōāmu chegou em cima, Wahsōhī disse :

— “Eu já vou indo, eu estou aqui desde hoje de manhã!

Pode comer à vontade, já estou indo!”

— “Tá bom! muito obrigado meu primo!”

Logo depois, ele desceu do pé de sorveira e desengatou o gancho que segurava a árvore no caule do açazeiro. A sorveira se levantou e retornou para o nascente dos rios. Buhsari gōāmu encontrou-se longe da sua terra natal em cima de uma árvore alta e com diâmetro grosso. Ele ficou ilhado em cima da sorveira.

Ele passou lá muito tempo, alimentando-se apenas do leite de sorva. Com o tempo, enfraqueceu. Só faltava ele morrer¹²⁴. Chegou o fim das grandes enchentes da Constelação do Cabo de Enxó. Era o tempo dos pássaros consertarem a maloca da sua avó Amo. A maloca de Amo ficava na cabeceira do Rio Uaupés onde ainda está¹²⁵. Todos os pássaros tinham que ir até lá para consertá-la.

Um dia, um bando de pássaros pretos chamados em desana gāhīni parou na árvore onde se encontrava Buhsari gōāmu. Eles queriam passar a noite aí. Conversaram com ele. Ele pediu que o levassem com eles, mas eles negaram o seu pedido por serem pássaros muito pequenos: não conseguiriam levá-lo até a maloca de Amo. Deixaram-lhe uma parte da sua comida - eram gafanhotos - e, no outro dia, eles partiram rumo à maloca de Amo.

124 - Daqui derivam duas pragas: a primeira é para fazer ficar torta a boca de uma pessoa (dihsiyuri); é muito perigosa. A segunda é para mandar longe do povoado o rapaz que gosta de aproveitar das mulheres. Com uma oração (mahkã ooriye) o rapaz some do lugar, para nunca mais voltar. Há orações para reverter essas duas pragas (dihsiyuri bayiriye e mahkã oori bayiriye).

125 - Esse lugar chama-se Amo dihtaru, “Lago de Amo”.

Alguns dias depois, chegou também para pernoitar naquela árvore um bando de cararás*. Buhsari gōāmũ ficou conversando com eles e pediu-lhes a mesma coisa, ou seja, que o levassem até a maloca de Amo. Mas, como os outros, eles negaram o seu pedido e, depois de deixar-lhe um pouco da sua comida - eram piabinhas - saíram voando rumo à maloca de Amo.

No dia seguinte, apareceu um bando de garças* com quem Buhsari gōāmũ conversou. Ele lhes fez o mesmo pedido, mas estes também se negaram a levá-lo, deixando-lhe uma parte das sardinhas que levavam como comida. Lhe disseram também que, atrás deles, vinha um bando de pássaros maiores de tamanho e que estes teriam condição de ajudá-lo.

No dia seguinte, chegou, com efeito, um bando de jaburus*. Eles também iam para a maloca de Amo. Ao pousarem na sorveira, viram Buhsari gōāmũ sentado num galho. Perguntaram-lhe o que estava fazendo naquele lugar. Este contou-lhes toda a sua história, explicando porque ele se encontrava preso em cima desta árvore. Os jaburus disseram que Wahsō'hĩ costumava fazer isso com os outros e prometeram levá-lo de volta para a sua terra natal.

No dia seguinte, tiraram leite da sorva que passaram no corpo de Buhsari gōāmũ. Depois, cada um deles arrancou uma pena do seu corpo para fazer as asas de Buhsari gōāmũ. Depois de ter colado as penas, mandaram-no experimentar voar ao redor da árvore. Enquanto ele estava fazendo isso, algumas penas se soltaram do seu corpo. Vendo isso, os jaburus arrancaram mais algumas penas do seu corpo para fazer uma outra fileira de penas. Mandaram-no de novo experimentar voar. Estava quase bom. Arrancaram então mais algumas penas do seu corpo para fazer uma terceira fileira de penas e completar a fabricação das asas de Buhsari gōāmũ. Mandaram-no experimentar de

novo. Ele estava pronto para voar. Logo depois, o levaram rumo à maloca de Amo. Buhsari gõãmũ voava a alguns centímetros em cima dos seus primos jaburus. Assim, em caso de acidente, eles teriam condições de socorrê-lo.

Buhsari gõãmũ fica ilhado na maloca de Amo

Depois de uma longa viagem, chegaram na maloca de Amo. Chegando lá, avisaram Buhsari gõãmũ que não deveria fazer como eles e começaram o seu serviço. Os pássaros pretos e os cararás fizeram com as suas penas as paredes interiores da maloca. As garças fabricaram com suas penas as paredes de frente e de trás da maloca enquanto os jaburus cuidavam do teto. As penas arrancadas não lhes faziam falta, sendo logo substituídas por outras.

Com medo de que Amo o visse como uma pessoa estranha, Buhsari gõãmũ arrancou também as penas que os pássaros haviam colado no seu corpo. Infelizmente, estas não cresceram de novo, como acontecia com os outros pássaros. Cada vez mais ele sacava as suas penas, cada vez mais ele ficava pelado.

Acabando o serviço, os pássaros desceram ao porto para tomar banho. Na sua volta do banho, Amo ofereceu-lhes quinhapira e beiju. Embora os pássaros tirassem pedaços de peixe e de beiju, esses sempre continuavam inteiros, como antes. Para não atrair a atenção de Amo sobre a presença de Buhsari gõãmũ, os jaburus tiravam para ele pedaços de peixe e de beiju e lhe davam de comer. Mas Buhsari gõãmũ era muito guloso. Ele comia rápido os pedaços que lhe davam e sempre pedia mais. Depois de três vezes, cansados de ouvir o seu pedido, os pássaros disseram:

— “Tira você mesmo agora!”

Buhsari gōāmũ não vaticinou. Muito faminto, ele quebrou um pedaço de peixe e arrancou um pedaço de beiju. A partir desse momento, tanto o peixe quanto o beiju não voltaram mais a ser inteiros. Percebendo isso, Amo reclamou para os seus netos:

— “Há um estranho no meio de vocês!”

Envergonhados, os netos não responderam nada. Na mesma hora, eles se despediram da sua avó e começaram a voltar para as suas terras. Buhsari gōāmũ correu atrás dos seus primos, mas estes já haviam ido embora sem deixar nenhum rastro. Eles sumiram, o deixando sozinho com Amo.

Vendo isso, ele foi atar a sua rede num canto da maloca e ficou esperando uma oportunidade para ir embora. Amo, vendo que todo mundo tinha ido embora, começou a varrer a maloca. Depois, ela a defumou com pimentas. Para poder respirar ar puro, Buhsari gōāmũ pegou a sua zarabatana e enfiou no teto da maloca. Ele não queria respirar defumação de pimenta que o faria tossir¹²⁶.

Buhsari gōāmũ ficou muito tempo com Amo. Os dois acabaram por se conhecer bem. Um dia, Amo resolveu tirar a poeira do seu cesto de paricás¹²⁷. Era um cesto onde ela guardava todos os tipos de paricás. Ela levou o cesto até a porta da maloca. Curioso, Buhsari gōāmũ chegou perto dela e começou a fazer perguntas. A cada frasco de paricá* que ela tirava do cesto, ele perguntava para que servia e qual tipo de paricá continha. Ela lhe explicava com todos os detalhes. Ouvindo as explicações de Amo, Buhsari gōāmũ estava, na realidade, roubando espiritualmente os poderes dos paricás, colocando-os dentro

126 - Daqui deriva uma praga (biá mūrā dohariye): o kumu faz a pessoa tossir até morrer. Há uma oração para curar essa doença (biá mūrā bayiriye).

127 - Wihō pũsārō em desana. Paricá diz-se em desana wihō.

de seus ossos e de suas veias. Ele ficou assim cheio de poderes muito perigosos. Os paricás que ele roubou de Amo são os seguintes: bore wĩhõ wera, “paricá de tabatinga”, nihti wĩhõ wera, “paricá de cinzas”, nimakuri wĩhõ wera, “paricá de malária”, yuhkũduhka wĩhõ wera, “paricá de frutas” e sepero wĩhõ wera, “paricá do calango sepero”.

Um dia, Buhsari gõãmũ resolveu transar com Amo enquanto ela estava deitada na rede. Todavia, ela tinha no seu monte de vênus vários insetos e animais venenosos como escorpiões, aranhas, tocandiras e diversos tipos de formigas. Com a picada do ferrão desses insetos, o seu saco escrotal aumentou de volume e o seu pênis chegou a ter quase um metro de comprimento¹²⁸. Para poder andar, Buhsari gõãmũ devia carregá-lo no ombro, dentro de um cesto. De vergonha, ele caiu doente.

Um dia, ele desceu para o porto para tomar banho quando viu, na boca de um lago perto da maloca de Amo, alguns peixes chorando, querendo sair desse lugar. Vendo-o, pediram-lhe socorro: queriam ser libertados! Esse era o lugar onde os socós* costumavam cercar com paris para pescar e tinguijar os peixes.

Vendo-os chorar, Buhsari gõãmũ teve pena deles. Os peixes lhe fizeram uma proposta: prometiam curar sua doença caso ele os libertasse. Ele concordou de imediato com a proposta dos peixes e começou a abrir um pouco o cercado para que os peixes saíssem. Estes começaram a sair do cercado. Quando havia ainda metade dos peixes dentro do cercado, Buhsari gõãmũ tornou a perguntar se eles iriam realmente curá-lo. Os peixes disseram que sim.

128 - Daqui deriva uma praga para o rapaz que não respeita as mulheres. O kumu faz o seu saco escrotal aumentar de tamanho e ficar cheio de tumores (ohpenotõ mũrã dohariye). Há uma oração especial para curar esse tipo de tumores (ohpenotõ mũrã bayiriye).

Buhsari gōāmṁ ficou assistindo à saída dos peixes através do cercado. Por último, saiu o menor de todos, um acarazinho*. Ele era o dono do cesto de remédios. Esse peixe chama-se em desana wānikātīāmṁ. Ele é o pajé dos peixes. Wānikātīāmṁ aproximou-se de Buhsari gōāmṁ e agradeceu por ter libertado os peixes. Em seguida, começou a passar um remédio no pênis de Buhsari gōāmṁ. Depois de ter feito isso, pediu-lhe para segurar o pênis até o tamanho que desejasse. O pênis entrou para dentro do corpo como um raio. Quase entrou todinho! No fim, ele conseguiu pegá-lo e retê-lo um pouco para fora do corpo¹²⁹.

Pouco depois dele ter voltado do banho, o socó chegou perto de Amo, pedindo que expulsasse Buhsari gōāmṁ o mais breve possível porque este havia deixado sair do seu cercado todos os peixes que mantinha presos. Ouvindo a reclamação do soco, Amo convidou Mome, a abelha*, a levar Buhsari gōāmṁ de volta até sua terra natal. Mas esta se negou a fazê-lo, porque ele nunca deixava restos de comida para ela comer. Amo pediu então ao Urubu que levasse Buhsari gōāmṁ de volta até sua terra natal. Este aceitou, dizendo que ele conhecia bem a aldeia de Buhsari gōāmṁ. De fato, ele pretendia arremessá-lo ao chão durante a viagem de volta e comê-lo quando estivesse podre. Mas Buhsari gōāmṁ desconfiava da idéia de Urubu. Por isso, logo que sentou sobre ele, transformou-se em seu osso e em sua carne.

Durante a viagem, Urubu tentou de todas as maneiras possíveis jogar Buhsari gōāmṁ para baixo. Mas este estava bem seguro por ser o próprio osso e a própria carne de Urubu. Depois de muitas tentativas sem êxito, Urubu cobrou-lhe um presente pelo favor prestado, pedindo que matasse um veado como

129 - Por isso, hoje em dia, os Ūmarī mahsā têm um pênis pequeno.

pagamento. Buhsari gõãmũ aceitou. Depois de uma longa viagem, Urubu o deixou em cima de um cunurizeiro, no seu sítio antigo. Olhando para baixo, Buhsari gõãmũ viu que, no lugar da maloca onde morava antigamente, a mata estava alta e fechada. Enquanto ele estava perdido, andando de lá para cá, as onças* Koá-yeá devoraram todos os seus parentes. Buhsari gõãmũ ficou de novo preso em cima de uma árvore.

Na boca da noite, ele ouviu um barulho no lugar da antiga maloca. Parecia ser o barulho de alguém socando ipadu para comer. De manhã bem cedo, ele viu uma tocandira* se aproximar dele. Esta assustou-se ao vê-lo preso em cima da árvore. Após alguma conversa, Buhsari gõãmũ pediu à Tocandira o favor de levá-lo até a terra firme. Ela aceitou, colocando-o em seu ombro e descendo em direção do pé da árvore. A um certo momento, ela abriu a boca, soltando um fedor horroroso. Perguntou-lhe então:

— “O meu primo gosta do meu perfume?”

— “Gosto sim, minha prima, é muito cheiroso!” respondeu Buhsari gõãmũ.

Se ele houvesse dito que não gostava do cheiro dela, Tocandira o ferrava na hora e o jogava para baixo. Por isso, ele havia respondido dessa maneira, embora o cheiro dela fosse horrível!

Tocandira fez três bocejos, perguntando a cada vez se ele gostava do seu perfume. Buhsari gõãmũ respondia sempre a mesma coisa. Quando eles estavam se aproximando do pé da árvore, ela tornou a perguntar:

— “Que tal o meu perfume, meu primo? Você acha o meu bocejo cheiroso?”

Vendo que, no lugar onde estava, daria para saltar da árvore até o chão, Buhsari gõãmũ respondeu:

— “Não meu primo! Eu não sou um bicho safado para poder agüentar esse seu fedor!”

Dizendo isso, pegou a sua lança-chocalho e enfiou na terra. Pulou então para baixo o mais rápido possível porque, se demorasse um pouco, Tocandira, por certo, iria ferrá-lo.

— “Ah! você é muito sabido, meu primo! Um dia você me pagará por isso! Você sempre será o meu inimigo, viu, seu safado?”, gritou ela.

Chegando no chão, Buhsari gõãmũ ajeitou as coisas que carregava e foi à procura do barulho que havia ouvido durante a noite. Procurou mas não encontrou nada. Somente depois de várias horas de procura é que encontrou, dentro do toco caído de uma velha pupunheira, dois ratinhos* dormindo profundamente e roncando sem preocupação alguma. Vendo-os, Buhsari gõãmũ se perguntou:

— “Será que esses dois ratos não seriam os meus parentes?”

Dizendo isso, ele tirou um fio de capim e, com ele, cutucou o saco escrotal dos dois ratinhos. Estes acordaram muito bravos, dizendo que se devia respeitá-los, que eles já não eram nada felizes da vida e que eles choravam a morte dos seus parentes devorados pelos seus inimigos, os Koá-yeá. Ouvindo isso, Buhsari gõãmũ ficou muito triste e, logo, se apresentou aos dois ratinhos. Estes, o reconhecendo, choraram muito. Depois, se conformando um pouco, lhe contaram tudo o que havia acontecido desde a sua desapareição do povoado. No fim, disseram que seu avô Yetoamũ¹³⁰, que morava no porto, saberia explicar melhor o que havia acontecido com os seus parentes. Por isso, poderia dar-lhe informações mais precisas do que eles.

Buhsari gõãmũ foi logo ao porto. Lá, encontrou o seu avô Yetoamũ e sua avó Koá-yewo¹³¹. Eles choraram de alegria ao

130 - Nome de uma caba de grande tamanho (N. do R.).

131 - Koá-yewo era parente dos Koá-yeá, sendo ela também onça (N. do R.).

vê-lo ainda vivo depois de tanto tempo. Perguntaram-lhe por onde ele esteve andando durante tanto tempo. Buhsari gōāmũ explicou toda a sua história, como ele ficou preso em cima de uma árvore por castigo de Wahsō'hĩ, como ele chegou até a casa de Amo e o que aconteceu por lá. Depois de contar a sua história, Buhsari gōāmũ perguntou o que havia acontecido com os seus parentes, como e porque eles haviam desaparecido assim tão rápido. O velho avô contou que, um dia, apareceram umas onças ferozes que devoraram todos os seus parentes. Elas os devoravam quando íam para a roça, pescar ou caçar.

— “Mas a maioria dos seus parentes acabaram na boca das onças, quando íam tinguuijar nos igarapés, disseram os velhos. Ouvindo o barulho de amassar a raiz de timbó*, as onças vinham logo para devorá-los”.

Buhsari gōāmũ prometeu vingá-los. Seis dias depois, ele começou a sua vingança. Dirigiu-se aos igarapés e fingiu estar tinguuijando, fazendo o barulho de amassar a raiz de timbó. Ouvindo esse barulho, as onças chegaram em bandos. Então, Buhsari gōāmũ as flechou com a sua zarabatana. As flechas estavam untadas com os venenos que ele havia roubado de Amo. As onças, atingidas pelos venenos das flechas, ficaram esquartejadas na hora. Foi com os venenos que havia roubado de Amo que Buhsari gōāmũ conseguiu matar muitas onças.

Buhsari gōāmũ morre mas ressuscita depois de três dias na forma de duas pessoas

Um dia, a avó de Buhsari gōāmũ disse para o seu neto:

— “Eu vou para o dabucuri dos meus parentes”.

Ela levou o seu neto para a festa. Durante a festa, quando chegou a vez de Buhsari gōāmũ beber caapi à vontade, as onças o cercaram. Queriam pegá-lo de costas sem que ele percebesse nada. Assim fizeram. Depois de matá-lo, decidiram comê-lo

no dia seguinte para aliviar a ressaca de caxiri. Assim foi o fim de Buhsari gõãmũ.

Os avôs choraram muito sua morte. As onças, para ofendê-los ainda mais, pediram a seu cunhado e a sua irmã que voltassem para sua maloca somente ao final, quando já houvessem comido a carne e os ossos do seu neto.

No dia seguinte, chegou a hora do boião. Para que todas as onças pudessem aproveitar a carne do seu inimigo Buhsari gõãmũ, decidiram moê-lo com o pilão. Isso deu uma idéia para Yetoamũ, o avô de Buhsari gõãmũ. Ele pegou logo o pilão e começou a socar a carne do seu neto. Enquanto socava, ele pegou um osso da coxa direita sem ninguém percebê-lo, chamou de volta a vida de Buhsari gõãmũ que estava espalhada no norte, no sul, no oeste e no leste. Então, fingindo que estava socando, jogou no universo o osso abençoado. Na mesma hora, ouviu-se um barulho de trovão. As onças assustaram-se ao ouvir esse barulho, dizendo entre si:

— “Quem será que deixou escapar a vida de Buhsari gõãmũ?”

O avô Yetoamũ diz logo:

— “Não fui eu! tomei muito cuidado para socar tudo e para que a carne e os ossos de Buhsari gõãmũ ficassem em pó!”

As onças acabaram de comer a carne de Buhsari gõãmũ muito tristes. Temiam que se ele voltasse à vida, ele se vingasse daqueles que intentaram contra sua vida.

Depois de algumas horas, Yetoamũ desceu para o porto para tomar um banho. Enquanto estava tomando banho, viu dois peixinhos curubiças*, chamados em desana diroá, aproximando-se dele. Sem dúvida nenhuma, ele soube que aqueles dois peixinhos eram o seu neto ressuscitado, Buhsari gõãmũ. Por isso, ele tentou pegá-los mas não conseguiu.

Arranjou então um tipo de peneira e, com ela, tentou de novo pegá-los. Mas ele não conseguiu e voltou para sua casa.

Pela parte da tarde, a avó de Buhsari gōāmū resolveu passar um dia na roça dos seus irmãos, os Koá-yeá, onde ela teceu vários tipos de puçás. Com esses puçás, ela tentou pegar os dois peixinhos, mas não conseguiu. No fim, ela resolveu tecer um puçá chamada weheri diakē yuri, “puçá escama de jacaré”^{*132}. Para tecer esse tipo de puçá, ela usou vários instrumentos como o caule das folhas de tucum, de bacaba e de inajá. Quando o puçá já estava grande, ela o encaixou em seu joelho dobrado para tecer a boca¹³³.

Depois de preparar o puçá, a velha foi no porto para tentar pegar os diroá. Ela conseguiu pegá-los e os levou de volta para sua casa, onde os colocou numa cuia que havia previamente abençoado para fazê-los se transformar em gente. Para que os diroá se desenvolvessem rapidamente, ela cuspiu dentro da cuia, transformando a sua saliva em esperma de ser humano. Em seguida, pegou água e transformou em leite e mel. Era para alimentá-los. Depois de ter feito isso, ela cobriu a cuia com uma outra de tamanho igual e começou a esperar o momento que eles se transformariam em gente.

Na mesma noite, os dois peixinhos se transformaram em ratinhos e foram roer a bolsa de pimentas que se encontrava em cima do jirau. Um pouco do pó da pimenta roída caiu num dos olhos do avô Yetoamū, depois no outro olho. O velho amanheceu cego, com dores horríveis nos olhos¹³⁴. Os Diroá

132 - Puçá tipo crochê.

133 - Esse trabalho criou uma doença chamada yēgūkūpū puniye dohariye. O joelho da pessoa é inchado, dolorido; a pessoa não consegue mais andar, como se o seu joelho estivesse dobrado. O seu cotovelo fica também muito inchado. Há uma oração para curar esse tipo de doença (nēgūkūpū punini bayiriye).

134 - Daqui deriva uma praga para estragar a vista de uma pessoa (kuiri diari). Há uma oração para curar essa doença (kuiri diari bayiriye).

entraram então no pensamento da velha avó e benzeram-no através dela. Ele recobrou a vista.

No terceiro dia, os avós foram até a maloca dos seus cunhados, os Koá-yeá. Antes de sair, acomodaram a cuia onde se encontravam os Diroá dentro de um aturá que continha outras cuias velhas que eles sempre usavam. Pelo fim da tarde, os avós chegaram na casa dos seus cunhados. Atrás deles vinham dois meninos, de estatura baixa. Pareciam crianças mas, por dentro, já eram velhos. Eles carregavam o aturá com as cuias velhas da sua avó. Entregando-lhe o aturá, disseram:

– “Vovó! a Senhora esqueceu esse cesto cheio das cuias velhas que sempre usa. Por isso, nós o trouxemos”.

Logo, os avós reconheceram nos dois meninos Buhsari gōãmu que havia voltado à vida. Chamavam-se Diroá. Começaram a viver com os velhos. Cada um tinha um arco com flechas e uma zarabatana. Eles passavam o tempo flechando calangos e passarinhos ao redor da maloca. Os Diroá eram muito malandros.

Um dia, o tuxaua das onças estava tecendo uma cumatá quando os Diroá, que estavam se aproximando dele, viram muitos mosquitos e moscas ao redor do seu saco escrotal. De repente, pegaram o seu arco e flecharam o saco escrotal do tuxaua a fim de espantar os insetos. Flecharam-no com uma flecha preparada com uma espinha na ponta. O velho caiu no chão desmaiado¹³⁵. Vendo-o desse jeito, os Diroá o benzeram e fizeram-no voltar à vida. Depois, lhe pediram desculpas. Então o tuxaua das onças tirou o seu coração, o transformou numa coruja* e a jogou em cima do travessão da maloca. Ele queria

135 - Daqui deriva uma doença provocada pelo kumu. O saco escrotal fica inchado, cheio de tumores. É uma doença grave (ohpenotō bihiriye). Há uma oração para curar (ohpenotō bihiriye bayiriye).

se vingar dos Diroá pelo que estes lhe haviam feito. Queria matá-los enquanto eles estariam olhando a coruja para flechá-la. Por isso, ele disse :

— “Olham a coruja no travessão da maloca! matem-na porque eu quero comê-la!”

Os Diroá se comunicavam pelo pensamento. Tinham também o poder de adivinhar os pensamentos dos outros, bem como o de mandar pensamentos para os outros. Por isso, adivinhando a intenção do tuxaua das onças, um dos dois foi se colocar atrás dele e atirou uma flecha bem na coruja. Esta caiu no chão espatifada e a onça, dona do coração transformado nela, também caiu morta. É assim que acabaram com o tuxaua da maloca dos Koá-yeá.

Toda vez que os Diroá tomavam banho no porto, batiam na água com as palmas das mãos: “tuu! tuu! tuu!” Faziam isso para convidar as crianças das onças a se juntarem a eles. Quando as crianças das onças chegavam no porto, os Diroá inventavam uma outra brincadeira. Com os caules do capim gârîyãgârû eles fabricavam um tipo de ponte sobre o rio. Pegavam então pedaços quebrados de panelas de tuiuca e transformavam em piranhas*, naquelas piranhas grandes chamadas goropõrã muñu, para que comessem as crianças quando estas caíam na água. Em seguida, os Diroá começavam a atravessar o rio pela ponte. Eles passavam correndo:

— “Wêgõũ wêgõũ wêgõũ”.

Depois, convidavam as crianças das onças a fazer o mesmo. As crianças logo chegavam em bando mas, quando estavam bem no meio da ponte, esta quebrava e todas as crianças caíram dentro da água, acabando nas bocas das piranhas. Quando os pais procuravam os seus filhos e perguntavam para os Diroá onde se encontravam, os Diroá respondiam que eles haviam tomado banho junto com eles mas que ignoravam onde tinham

ido depois. Com essa brincadeira, os Diroá conseguiam matar muitas crianças de seus inimigos.

Ninguém da maloca agüentava mais os Diroá. Eles estavam sempre aprontando uma coisa ou outra. Inventaram, por exemplo, o jogo de peão de tucumã*. Na realidade, os peões dos Diroá eram feitos de pedras preciosas. Todavia, nos olhos das crianças, eles pareciam feitos com caroços de tucumã. Todo mundo jogava os peões dentro de um balaio. Mas os peões das crianças não resistiam quando se chocavam com os peões de pedras preciosas dos Diroá, quebrando-se em muitos pedaços que voavam e batiam bem entre as coxas das crianças, formando um tipo de tumor com febre e matando-as¹³⁶. Com esse jogo de peão, os Diroá conseguiram matar muitas crianças dos seus inimigos, os Koá-yeá. Por causa disso, as onças procuraram um meio de acabar com a vida dos Diroá sem que os seus avós o percebessem.

Quando chegou o dia de derrubar a roça, as onças convidaram os Diroá a ajudá-los. Queriam matá-los durante o desmatamento. Por isso, deram-lhes machados de pedra velhos, com uma lâmina muito usada. No entanto, os Diroá levaram os seus machados ao rio a fim de amolá-los e, chamando as piranhas grandes, usaram os seus dentes como pedras de amolar. Por isso, os machados dos Diroá ficaram como os machados de hoje, tão cortantes quanto eles. Chegando ao roçado, brincando, eles começaram a derrubar rapidamente um pau atrás do outro, empurrando-os na direção das onças. Assim, eles conseguiram matar muitas delas. O plano das onças tinha dado errado!

Depois de algum tempo, chegou a época de queimar a roça. Os Koá-yeá convidaram os Diroá a ajudá-los a queimar,

136 - A íngua (waremanano) nasceu dessa brincadeira. Há uma oração especial para curá-la (waremanano bayiriye).

mandando-os tocar fogo bem no centro da roça. Tinham tanto ódio dos Diroá que eles tocaram fogo ao redor da roça, cuidando para não deixar nenhum espaço para que escapassem. Estes ficaram assim presos no fogaréu. Vendo que não tinham nenhuma saída, os Diroá se transformaram em caule da embaubá. Quando o fogo pegou a embaubá, esta explodiu. Com essa explosão, os Diroá voaram pelo ar e foram cair no igarapé que se encontrava no caminho da roça das onças. As onças estavam muito alegres, pensando que os Diroá haviam acabado no fogo. Por isso, qual não foi a sua surpresa quando os viram tomando banho no igarapé. Vendo as onças, os Diroá disseram:

— “A roça queimou muito bem! Nós quase acabamos no fogo!”

E os Diroá continuaram com suas malandragens. Ninguém os agüentava mais. Por isso, cheios de vergonha, os avós os levaram de volta a seu sítio.

Os Diroá matam os gaviões* da avó Micura*

Após o retorno à maloca dos seus avós, os Diroá ficaram lá muito tempo, continuando seus trabalhos criminosos. Um dia, receberam um recado da avó de Inambu-rei* que queria vingar a morte do seu neto. Inambu-rei e Micura haviam brigado por causa das filhas de Diá-pĩrõ. Micura havia roubado essas duas mulheres simpáticas que íam a uma festa de Inambu-rei, fazendo-as se desviarem do caminho e chegarem até a sua casa e não até a maloca de Inambu-rei. Por causa disso, Inambu-rei havia matado Micura quando este chegou no dia do dabucuri em sua maloca. Sabendo quem era o responsável pela morte do seu neto Micura, a avó havia pedido aos gaviões que matassem Inambu-rei, o culpado. Estes tinham feito o serviço encomendado pela avó de Micura, matando e comendo Inambu-rei e entregando para ela o osso da sua coxa direita para ser usado como flauta.

Depois da morte do seu neto, a avó de Inambu-rei convidou então os Diroá, as pessoas mais perigosas do mundo, a vingar a sua morte. Ela queria que eles lhes trouxessem de volta os ossos do seu neto, assim como os restos mortais dos gaviões. Depois de receber o recado, os Diroá foram à casa do finado Inambu-rei onde encontraram a velha avó que lhes explicou o ocorrido¹³⁷. Depois de receber as explicações da velha, eles foram até a casa da avó Micura¹³⁸. Chegaram lá pela parte da manhã. Foram bem recebidos. Depois de muita conversa, a velha perguntou se eles conheciam os Diroá. Responderam que não, mas que tinham ouvido que os Diroá eram gigantes e muito perigosos. Ela lhes disse então que estava os esperando, que ela queria salvar os seus netos mas não tinha nenhuma arma para isso. A única arma de que dispunha era o breu que estava fervendo numa bacia ao fogo. Ela pretendia jogar o breu fervente nas costas dos Diroá quando pegassem os gaviões. Assim, eles soltariam os seus netos, prosseguiu ela.

— “Quer dizer que os Diroá vão chegar hoje mesmo, vovó?” perguntaram os Diroá.

— “Sim! eles ficaram de pegar os meus netos assim que eles entrarem nessa casa!”

— “A que hora os seus netos devem chegar?”

— “Assim que eu der o sinal, no cair da tarde!”

— “Quando é que a Senhora vai dar esse sinal?”

— “Quando o sol estiver começando a se esconder atrás das árvores!”

— “Nós também queremos conhecer os Diroá e a ajudaremos!”

— “Ajudem-me por favor!”

— “Agora, a Senhora deve fazer o seguinte! Assim que os Diroá agarrarem os seus netos, a Senhora mistura uma grande

137 - A casa de Inambu-rei fica à pouca distância de Mítu, na Colômbia, no Rio Uaupés. Hoje em dia, é uma serra, a Serra do Inambu (Ágã-nũ).

138 - Essa casa fica no Rio Tiquié, perto do atual sítio Micura.

quantidade de água na bacia de breu. Assim, aumentará o volume de breu e a senhora poderá jogar-lo nas costas dos Diroá, até eles soltarem os seus netos!”

A velha concordou com a sugestão dos Diroá e foi apanhar água. Os Diroá desceram então ao porto para flechar piabas e sapinhos. Prepararam em seguida dois embrulhos, um para eles que continha os peixes, o outro, com os sapinhos, para a avó Micura. Quando chegaram em casa, eles enterraram os embrulhos dentro das cinzas. Quando viram que os pacotes estavam cozidos, entregaram o embrulho com os sapinhos para a velha, almadichoando-os para fazê-los se transformarem em caapi. Por isso, depois de tê-los comido, a velha ficou embriagada. Os Diroá aproveitaram então do seu estado para lhe perguntar várias coisas. É assim que souberam que os ossos de Inambu-rei eram os instrumentos de música da velha.

Os Diroá exigiram então que ela tocasse as flautas. Estavam curiosos para ouvir essa música. A avó Micura estava ficando cada vez mais embriagada e, nos seus olhos, parecia aproximar-se o fim da tarde. Naquela hora, os Diroá aproveitaram do estado da velha dizendo que já era o fim da tarde. A velha, sem se dar conta de que, na realidade, o sol estava mais ou menos marcando três horas da tarde, começou a tocar dessa maneira: “Piiiiiiii pîrê pîrê pîrê” e se pôs a dançar. Ela arrastava os pés e tocava ao mesmo tempo as flautas.

Na mesma hora, de longe, começaram a ouvir os gaviões cantarem o mesmo canto e se aproximar cada vez mais da casa de sua avó, a velha Micura. Os Diroá fizeram a velha tocar as flautas três vezes em seguida. Antes da quarta vez, a avó Micura disse-lhes:

— “Destas vezes eles vão entrar na maloca!”

Eram quase quatro horas da tarde. Os Diroá disseram então:

— “Será que eles não vão comer a gente?”

— “Não, meus netos mas, mesmo assim, acho melhor vocês se esconderem, eles são capazes de estranhar a sua presença!”

— “Então, eu vou me esconder em cima da porta da frente”, disse o irmão maior.

Assim que ele se acomodou no lugar escolhido, ele se rendeu espiritualmente junto ao Trovão, roubando-lhe o puçá. Logo, esticou o puçá, fechou a porta com ele e entregou o cabo para o irmão menor¹³⁹. Este o agarrou logo e o levou até a porta de trás da maloca, dizendo:

— “Eu vou me esconder em cima da porta de trás da maloca!”

Dizendo isso, ele correu naquela direção. Quando os dois estavam nos seus respectivos lugares, disseram:

— “Nós já nos escondemos, vovó! A Senhora pode tocar de novo!”

Logo que ela tocou a flauta, os gaviões se aproximaram da maloca e começaram a voar ao redor, cantando e dançando. Depois da terceira volta, vieram rumo à porta para entrar na maloca. Logo, na entrada, eles caíram dentro do puçá. Os Diroá os arrastaram para dentro da maloca gritando em direção da velha:

— “Os Diroá estão pegando os seus netos!”

Ouvindo isso, a velha se precipitou até a bacia de breu e derramou uma grande quantidade de água em cima. Depois, ela meteu uma cuia na bacia: ela queria pegar o breu e jogá-lo nas costas deles. Mas o breu, em vez de aumentar de volume como haviam explicado os Diroá, endureceu, ficando duro como uma barra. A velha não podia mais lutar contra os Diroá.

Os Diroá levaram então os gaviões para fora da maloca e os jogaram contra o teto do universo. Eles retornaram para a terra

139 - Daqui deriva uma oração para proteger da doença os pássaros criados para os enfeites (ēhōrā bayiriye).

já mortos. Vendo-os mortos, os Diroá se despediram da velha avó, levando consigo os gaviões no espaço. Chorando, a avó Micura pediu que lhe deixassem, ao menos, uma pena, mas eles lhe jogaram a menor pena de todas. Com essa pena, ela conseguiu criar vários tipos de gaviões, mas todos muito pequenos. Nunca chegou a recriar gaviões do tamanho dos seus netos mortos. Os Diroá chegaram na casa da velha avó de Inambu-rei, entregando-lhe os ossos do seu neto e também os restos mortais dos dois gaviões. A avó agradeceu muito o serviço prestado.

A avó dos Diroá visita os seus parentes, os Koá-yeá

Os Diroá perguntavam sempre para a sua avó quando ela iria visitar os seus parentes, os Koá-yeá. Um dia, a velha exclamou:

— “Como é que eu poderia visitar os meus parentes? Eu não tenho comida a oferecer para tanta gente!”

— “Nos iremos pescar para a Senhora! Assim que voltarmos, a Senhora poderá ir visitar os seus parentes”, responderam os Diroá.

Eles passaram alguns dias no mato e conseguiram pescar muitos peixes. Encheram de peixes um pequeno cesto chamado em desana tunumu pikamo, que serve para guardar coisas pequenas como pimentas ou para carregar peixinhos. Neste cesto, embora parecendo ser muito pequeno, couberam todos os cardumes de peixes. De fato, para os Diroá, esse cesto era do tamanho do mundo¹⁴⁰. Eles voltaram para sua casa de manhã cedo, entregando para a velha avó o cesto com os peixes e mandando-a visitar os seus parentes. Recebendo o pequeno

140 - Daqui deriva uma oração para formar coisas grandes a partir de coisas pequenas (iri patore mahāna wai gameneoniye).

cesto, ela iniciou a sua caminhada em direção do sítio dos seus parentes. Ela estava muito pensativa, pensando consigo mesma:

— “Será que esse cestinho de peixes vai dar para saciar a fome de todos os meus parentes?”

Os Diroá a acompanhavam no caminho na forma dos passarinhos chamados em desana sipia. Quando a avó chegou à metade do caminho, decidiu tirar a sua dúvida antes de ir mais adiante. Por isso, ela despejou no chão o conteúdo do cestinho. Os peixes encheram a mata inteira. Vendo isso, ela tentou colocá-los de volta no cestinho, mas eles não cabiam. Sobrava no chão mais da metade dos peixes e a velha não sabia como fazer para colocá-los todos de novo no cestinho. Os netos, que acompanhavam a velha na forma de pássaros, voaram a uma certa distância. Lá, retomaram sua forma original e, fingindo estar caçando passarinhos, se aproximaram da velha:

— “O que foi vovó?”

— “Meus netos, vocês sabem muito bem que eu sou velha, mentiu a velha. Eu não me equilibrei bem no caminho! Com esse peso todo tropecei nessas raízes! Por isso eu cai no chão e olhem o resultado¹⁴¹!”

— “Chega de conversa vovó! Vai logo tirar folhas para empacotar os peixes que estão sobrando!”

Ouvindo isso, a velha correu para buscar folhas waimaká. Enquanto isso, os Diroá começaram a encher o cesto com os peixes. Não sobrou nenhum peixe! Logo, gritaram para a velha que eles não precisavam mais de folhas, já que haviam conseguido acomodar todos os peixes dentro do cestinho.

Os Diroá resolveram acompanhar a velha até o sítio dos Koá-yeá. Antes de chegar ao sítio, perto da roça dos seus

141 - Por isso, as velhas de hoje são mentirosas (anigüyeriye).

parentes, a velha viu muitas maniuaras e resolveu apanhar um pouco delas para oferecer para os seus parentes que gostavam muito disso. Enquanto ela apanhava as maniuaras, os seus netos subiram na árvore chamada mehesunu. Chegando nos galhos, começaram a colher as frutas, transformando-as em seguida em cutias e jogando-as em direção às moças dos Koá-yeá que se encontravam trabalhando na roça. Aí, eles gritavam:

— “Lá vai cutia, lá vai cutia”.

Era uma bagunça que não acabava nunca. A avó, embaixo da árvore, aconselhou os Diroá a se acalmarem um pouco. Mas eles não deram ouvidos aos conselhos da velha, criando ainda mais confusão. Vendo isso, a avó tirou um pouco de cera de pintar o rosto, pegou alguns cabelos do seu monte de vênus e, com eles, fez o ferrão da tocandira. Em seguida, tirou um pouco de sujeira da sua vagina, a transformando no veneno de timbó. Por fim, formou várias tocandiras. Colocando-as no pé da árvore, ela gritou:

— “Vejam quantas tocandiras estão subindo na árvore! Elas estão indo na sua direção!”

Os Diroá, vendo milhares de tocandiras subirem na árvore em sua direção, tentaram descer o mais rápido possível, mas, mesmo assim, não conseguiram evitar as ferroadas das tocandiras. De tanto serem picados, eles se descontrolaram, acabando por cair no chão. A velha correu para socorrê-los, mas os encontrou mortos no chão. Ela pegou então a sua saliva e os benzeu chamando de volta sua vida. Os Diroá, para ouvirem as palavras da sua encantação, saíram dos seus corpos e ficaram ouvindo, encostados na boca dela. Assim, eles aprenderam a maneira de desmanchar as dores provocadas pela ferroadas das tocandiras. Já que eles conheciam a oração, decidiram se vingar da velha.

Assim que a velha acabou de recitar a encantação, os Diroá voltaram à vida e correram para ajudá-la a apanhar as maniuaras. Fizeram de conta que não sabiam o que a velha lhes havia feito. Numa das casas de maniuaras, onde enfiaram o cipó chamado megã siurĩ'hĩ, havia muitas maniuaras. Logo, encheram os seus cestos com elas. Enquanto estavam fazendo isso, eles mandaram a velha avó apanhar algumas folhas pōrã pūrĩ para empacotar o resto das maniuaras que sobravam. A velha correu para apanhar as folhas. Enquanto isso, os Diroá tiraram um pedaço de waiyura-dá, cipó próprio para amarrar, o mastigaram e o transformaram em seguida numa aranha. Para fazer o ferrão desta aranha, tiraram um dente de maniuara e, como veneno, usaram um pouco de caapi. Depois disso, botaram a aranha no buraco onde a velha estava recolhendo as maniuaras.

Depois de voltar com as folhas, a velha ajeitou um pouco o buraco para enfiar o cipó. A aranha a ferrou no momento em que ela metia o dedo no buraco. A velha caiu no chão desmaiada, gritando uma vez “agũ agũ buhpũ!” (aĩ aĩ, aranha!). Os Diroá fizeram então uma oração para fazê-la voltar à vida. Ela ficou logo curada.

Depois de apanhar todas as maniuaras que queria, ela retomou o caminho rumo à maloca dos Koá-yeá. Os Diroá ficaram de voltar para a sua casa mas eles se transformaram nos passarinhos chamados wēhēritērō e acompanharam a velha avó pousados na beira do aturá que ela carregava nas costas¹⁴². O caminho atravessava as roças dos Koá-yeá. Vendo a velha passar com passarinhos bonitos pousados no seu aturá, as moças perguntaram para a velha:

— “Esses passarinhos são seus?”

142 - Daqui deriva uma oração para um rapaz parecer simpático para as mulheres (nomeo mamoniye bayiriye).

A velha respondeu conforme os Diroá queriam:

— “São meus, minhas netas!”

As moças se aproximaram, querendo tocá-los mas os passarinhos voaram para o cerrado. As moças foram logo atrás deles para pegá-los. Lá, os pássaros se transformaram em jovens bonitos e transaram com elas.

A velha acabou por chegar na maloca dos seus parentes, os Koá-yeá. Lá, ela foi bem recebida como de costume. Ela pediu para o seu irmão, o tuxaua da maloca, que arrumasse uma bacia grande para despejar os peixes que os seus netos haviam mandado. Mas o irmão somente trouxe uma vasilha de tamanho medio chamada oesãri-pa. A velha tinha pedido uma vasilha grande mas o irmão, olhando para o tamanho do cesto, disse :

— “Essa vasilha, por certo, vai dar, mana. Não precisa ser maior!”

A velha despejou então os peixes na vasilha. Esta ficou logo cheia e os peixes que sobraram encheram a maloca. O tuxaua das onças ficou bravo com essa outra brincadeira dos Diroá.

A ascensão dos Diroá para o céu

Um dia, o avô Yetoamü ficou de oferecer um dabucuri de balaios, cumatás, peneiras e outros tipos de cestarias para os seus cunhados. Os Diroá gostaram muito dessa idéia. Por isso, eles resolveram ir pescar e, na volta, começar a tecer as cumatás e os balaios. Então, antes do dia marcado para o dabucuri, eles se mudaram para sua barraca que ficava quase na boca do Rio Tiquié¹⁴³. Lá, aumentaram o tamanho da sua canoa, colocando tábuas na beira. Quando a canoa estava pronta, pediram para seu avô que preparasse um jirau grande para moquear os peixes.

143 - Embaixo do povoado Coró-coró, no Rio Tiquié. Hoje em dia, é uma pequena serra chamada Diroá wi'i.

No mesmo dia, na boca da noite, eles saíram para pescar. Entrando no Rio Tiquié, procuraram cobras de grande tamanho. Eles passaram remando perto de vários lagos sem encontrar cobras do tamanho que queriam. No fim, chegando em Umu dihtaru, isto é, no Lago Japu, encontraram Umu pĩrõ, a cobra-japu. Ela era do tamanho que queriam. Aproximando-se, começaram a conversar com ela. No momento em que ela estava distraída, eles a mataram, furando-a nas costas com a sua lança-chocalho. Por fim, a jogaram dentro da canoa. Tiraram então o seu espinhaço e jogaram fora. Quando estavam puxando o espinhaço para fora do seu corpo, a canoa ficou cheia de peixes de todas as espécies que nós conhecemos hoje em dia.

Eles voltaram para sua barraca de manhã cedo com a canoa cheia de peixes. O avô ficou admirado ao ver tantos peixes e tratou logo de moqueá-los em cima do jirau que havia fabricado. Mas o jirau não agüentou o peso dos peixes: os travessões quebraram e os peixes acabaram caindo no fogo¹⁴⁴. Os Diroá ajeitaram então o jirau, fazendo-o de pedras preciosas à prova do fogo. Quando os peixes foram moqueados, eles foram na direção da Cachoeira de Iauareté, no lugar chamado hoje em dia Tõpaduri. Nesse lugar, fabricaram vários balaios, cumatás e outros artigos de cestaria. É por isso que nas pedras desse lugar pode-se ver vários tipos de desenhos de cestaria.

Quando os balaios e as cumatás ficaram prontos, o avô dos Diroá, Yetoamã, tratou de colocá-los na canoa. Ele queria visitar seus parentes com a sua mulher mas não queria levar os Diroá por receio de que algo de ruim pudesse acontecer com os Koá-yeá. Por isso, ele espalhou os balaios e as cumatás dentro da canoa, deixando somente um pequeno lugar para que ele e

144 - Daqui deriva uma praga para criar a doença wihsiri bugu: o doente fica amarelo, tem muita febre, dores nos ossos e o corpo inteiro ardendo muito. Há uma oração para curar essa doença (wihsiri bayiriye).

sua mulher se sentassem. Quando os Diroá chegaram perto da canoa, ele disse:

— “Não há lugar para vocês, meus netos. Fiquem aqui! Em breve, voltaremos perto de vocês!”

— “Há muito lugar na canoa vovô! O senhor não soube arrumar a canoa! Amontoando os balaios e as cumatás sobrará lugar para todo mundo!”, responderam os Diroá.

Dizendo isso, eles começaram a ajeitar os balaios e as cumatás dentro da canoa. No fim, sobrou lugar para todo mundo e eles partiram para o dabucuri. Chegando em Urubucuará¹⁴⁵, mandaram de repente o seu avô encostar. Eles queriam apanhar folhas de limpar o rosto. Encostando na beira, puxaram a proa da canoa até a terra, amarrando-a espiritualmente com um cipó de pedra preciosa ligado num toco, também de pedra preciosa e, por fim, saíram para a terra¹⁴⁶. Yetoamṁ, querendo deixá-los naquele lugar logo depois que eles entraram no mato, tentou empurrar a canoa para a água, mas esta não se mexeu. Era muito pesada. Ele tentou várias vezes, e de todas as maneiras possíveis, puxá-la para a água, mas sem êxito: a canoa não se mexia nem um pouco! Por isso, ele foi obrigado a esperar a volta dos Diroá.

Saindo desse lugar, os Diroá foram pedir para Buhpu, “Trovão” um colar-raio. Queriam mandar raios e relâmpagos sobre os Koá-yeá, seus inimigos. Trovão lhes emprestou um

145 - Ñehka pōrã pera. Os Diroá fabricaram nesse lugar uma bolsinha para carregar os seus enfeites, tintas e folhas de limpar o rosto. Daí o nome desse lugar.

146 - Daqui deriva uma oração (taramopi diri piriye) para puxar e amarrar um barco, um navio ou um avião, para este não sair do lugar. O motor funciona mas o barco não consegue sair do lugar. As vezes, um kumu, bravo por uma ofensa que lhe foi feita pelo proprietário do barco, faz esse tipo de oração contra o barco. O proprietário do barco chama pessoas para ajudar a puxá-lo, para poder consertá-lo, mas eles não conseguem mexê-lo. Quando o barco está fora da água, essa oração faz com que a pessoa se esqueça de consertá-lo e o barco fica apodrecendo.

dos seus colares-raio. Voltando com aquele colar à terra, fabricaram vários cestos que transformaram em seguida em porcos queixada*. Logo, experimentaram jogar raios contra os porcos mas estes não sentiram nenhum choque:

— “Fomos enganados por Trovão! Vamos devolver esse colar, ele é muito fraco”, disseram entre si.

Chegando novamente perto de Trovão, o fizeram dormir profundamente. O colar-raio mais poderoso, mais perigoso, estava no seu pescoço¹⁴⁷. Tomando cuidado para não acordá-lo, os Diroá tiraram o colar-raio do seu pescoço e trocaram pelo fraco. É por isso que, hoje em dia, os raios do trovão são fracos. Voltando ao lugar onde haviam deixado os porcos queixada, os Diroá experimentaram de novo o colar-raio de Trovão em cima deles. Desta vez, os porcos caíram queimados, num poço de sangue¹⁴⁸. Vendo isso, os Diroá gostaram do colar e decidiram levá-lo. Eles voltaram então para o lugar onde se encontrava Yetoamu. Este estava bravo de tanto esperá-los.

Assim que os Diroá entraram na canoa, a empurraram sem fazer nenhuma força. Mandaram então seus avós embarcarem. Os Diroá remaram uma só vez no estirão. Antes de começar a remar, mandaram aos velhos que se segurassem bem na beira da canoa. Depois, remaram com toda força, dizendo “Wayuma dipita”, ou seja “remar, empurrar pela frente”. Os velhos caíram no fundo da canoa, machucando-se. Enquanto a canoa subia, os Diroá ficavam brincando. Quando a canoa parava, mandavam aos seus avós que se segurassem na beira da canoa,

147 - O primeiro colar-raio, o fraco, chama-se buyari mihĩ. O segundo que eles roubaram de Trovão, enquanto este estava dormindo, chama-se buyari mihĩ wĩhõ wera mihĩ. Esse último colar-raio era feito de paricá (wĩhõ).

148 - Os Diroá experimentaram o colar-raio do Trovão no alto Rio Xié, afluente do alto Rio Negro, perto da localidade atual Anamuin.

e davam um único golpe de remo gritando “Wayuma dipita!” Cada vez que remavam, os velhos caíam no fundo da canoa, embora tentassem se segurar!

No fim, eles chegaram na cachoeira Arara¹⁴⁹ onde formaram, a partir de penas de arara, vários tipos de peixes. Esses peixes chamam-se araripirá*. O lugar onde fabricaram esses peixes chama-se também dessa maneira¹⁵⁰. Chegaram, por fim, em Iauareté¹⁵¹ quando os Koá-yeá estavam preparando o caxiri para o dia seguinte. Logo depois de sua chegada, ofereceram-lhes um dabucuri de peixes, de balaios e de cumatás, de todas as coisas que haviam levado como presentes. Em troca, eles lhes ofereceram um dabucuri de carne de caça e de aves.

Terminando a cerimônia do dabucuri, as onças se reuniram para comer os peixes. Os Diroá e seus avós foram comer a carne de caça e as aves no outro lado da maloca. Cada vez que comiam a carne de um animal, jogavam a sua cabeça pelo ar. No mesmo instante, a cabeça se transformava no animal que haviam comido. Assim, com a cabeça do macaco, formavam um macaco. Com a cabeça das aves, formavam aves e assim por diante. Cada vez que soltavam esses animais, os Diroá gritavam:

— “Opa! o macaco está vivo, escapuliu das minhas mãos! O que é que eu vou comer agora?”

Fizeram assim também com as aves que comiam, ou seja com os mutums*, os jacus, os kujubims e com todos os outros pássaros. Num instante a maloca ficou cheia de animais e de pássaros, pulando e gritando de lá para cá. Com essa brincadeira, os Diroá estavam mandando um aviso de morte

149 - Essa cachoeira fica quase à proximidade de Iauareté.

150 - Dohparia ũhtā-mu em desana.

151 - Yeá ũhtā-mu, isto é, “Cachoeira das Onças”, em frente à boca do Rio Papuri.

para os Koá-yeá. Mas as onças não souberam entender o sentido desse aviso. Se o tivessem reconhecido, teriam fugido na mesma hora. Como não souberam interpretá-lo, ficaram dentro da maloca¹⁵².

A festa continuou a noite toda. Ao amanhecer, os Diroá resolveram dançar a dança de dabucuri chamada Ôku goori, “Desenhos do tubo de ritmo”. Quando os Diroá estavam se enfeitando para a festa, começou a aparecer muita gente. Eram Yuhku mahsã, isto é “Gente-árvore”, que iam acompanhar os Diroá nas suas danças. Os Yuhku mahsã completaram um círculo de dança. Os Koá-yeá não sabiam mais quem era quem: não dava para distinguir os Diroá dos outros. Com efeito, todos tinham a mesma cara, a mesma aparência física. Eles começaram a dançar e a cantar bem cedo. A primeira estrofe do canto dos Diroá foi esta :

— “Yaana niku

Yaana niku

Yaana kēna

Yaana kēna

Caapi yaana kēna yuka

Di yaana kēna yuka

Di ya pidi weyo

Di ya pidi”

(Somos feios/ruins

Somos feios/ruins

Olhem para os seus pesadelos dançarem

Olhem para os seus pesadelos dançarem

Olhem para os seus pesadelos de caapi

Olhem para os seus pesadelos de sangue

Sentai-vos e ouçam-me

Sentai-vos)

152 - Por isso, às vezes, os pássaros, os macacos cantam ou entram dentro da casa. Isso é sinal de doença que pode levar à morte. Quando isso acontece, deve-se chamar logo um kumu para afastar e proteger as pessoas da morte (were moaniye).

A segunda estrofe foi a seguinte :

— “Caapi yaana diya waya

Caapi yaana diya waya

Caapi yaana kēna yuka

Caapi yaana kēna yuka

Di ya pidi weyo

Di ya pidi”

(Sendo gente de caapi ruim faremos de vocês rios de sangue

Sendo gente de caapi ruim faremos de vocês rios de sangue

Olhem para os seus pesadelos de caapi

Olhem para os seus pesadelos de caapi

Sentai-vos e ouçam-me

Sentai-vos)

Prosseguindo, cantaram várias outras estrofes com músicas diferentes. Dançaram e cantaram um dia e uma noite inteiros. Na boca da noite, chegou a vez dos Diroá tomarem caapi à vontade. As onças planejavam matá-los nessa hora porque estavam cheias de ódio ouvindo as palavras dos seus cantos. No entanto, não conseguiram fazer o que haviam planejado porque os Diroá foram beber caapi em grupo. Por isso, não foi possível cercá-los. Então, os Koá-yeá encheram a maloca para não deixar nenhum espaço pelo qual os Diroá pudessem sair da maloca. Vendo as onças os cercarem, os Diroá deixaram os seus duplos dançarem no lugar deles dentro da maloca. Enquanto isso, desapareceram espiritualmente, começando a amaldiçoar a maloca, enfeitando com penugem de pássaros os caibros, os travessões, a cobertura da maloca, tudo isso para que a maloca pegasse fogo rapidamente quando eles lançassem os raios contra ela¹⁵³.

Antes de jogarem os raios em cima da maloca de seus inimigos com o colar roubado de Trovão, os Diroá pediram ao

153 - Daqui deriva uma oração para mandar relâmpagos nos sítios inimigos (buhpu pariye hūhūriye).

seu velho avô Yetoamã que fugisse da maloca. Botaram em seguida a sua avó embaixo da bacia de coar caxiri¹⁵⁴. Os duplos dos Diroá continuavam a dançar dentro da maloca. As onças estavam prestes a comê-los, a qualquer momento. Na mesma hora, um relâmpago caiu bem em cima da maloca, que pegou fogo. As onças caíram mortas num poço de sangue. Os Diroá correram então até a bacia embaixo da qual haviam escondido a avó, a encontrando também morta. Lembrando-se que eles lhe deviam a vida, fizeram uma oração para chamá-la de volta à vida. No momento em que ela recuperava a sua consciência, todos os seus parentes, os Koá-yeá, os inimigos dos Diroá, também voltaram à vida. Vendo que não havia jeito mesmo de preservar a vida de sua avó e ao mesmo tempo matar os Koá-yeá, os Diroá jogaram contra a maloca um outro raio, conseguindo acabar com a vida de todas as onças, inclusive de sua avó.

Depois da vingança, continuaram a dançar no meio do fogo da maloca até amanhecer. No começo do dia, os Diroá saíram da maloca queimada para preparar a sua ascensão ao espaço. Dançaram ao redor da maloca em chamas três vezes em seguida. Cantando e dançando, os Diroá subiram ao universo. As palavras dos cantos que entoaram enquanto estavam subindo no espaço são as seguintes:

— “Di yaana kēna yuka waya
Waka waya wiroya
Wiroya wiroya”

(Os pesadelos de sangue vão embora
Nós nos levantamos para subir no céu
Para cima para cima)

Aqui termina a vida de Buhsari gōãmũ, o qual, com o seu osso, se transformou em duas pessoas conhecidas sob o nome de Diroá.

154 - Peru gahpiri koásoro em desana.

ORIGEM DO FOGO

No princípio do mundo, os ʻUmurī mahsā sofriam muito. Alimentavam-se somente de carnes cruas e de outras coisas não cozidas. Um dia, descobriram que uma velha chamada Peha ñehkó, a “Avó das lenhas (de fogo)” possuía o fogo e comia somente coisas cozidas ou assadas. Eles foram provar a sua comida, gostando muito dela. Por isso, pediram para a velha que dividisse o fogo com eles. Mas Peha ñehkó não queria dividir o fogo com ninguém: por ela mesmo ser fogo, tudo o que tinha dentro do seu corpo transformava-se em fogo. O ânus dela era a porta principal para fazer fogo, principalmente quando ela estava peidando.

Como ela se recusava a dividir o fogo com eles, os ʻUmurī mahsā resolveram um dia roubá-lo. Decidiram roubar-lhe o fogo quando estivesse na roça fazendo um grande fogo para queimar o capim. Eles foram então visitar a velha quando ela estava na roça. Vendo-os chegarem, ela perguntou:

— “O que vocês andam fazendo por aqui, meus netos?”

— “Viemos matar os macaquinhos que comem as frutas da sua roça, nossa avó!”

— “Então, guardem um para mim, eu quero comer um macaquinho assado!”

— “Tá bom! em breve lhe traremos um macaquinho para comer!”

Entrando no mato, chamaram o seu caçula. Transformaram-no no macaquinho chamado meneisī ñigē, “macaquinho preto”*, em seguida o empacotaram em folhas que dificilmente pegam fogo, tais como as folhas das árvores chamadas em desana burusēna, waimaka, pōrā, ñgūho e ōā. Por fim, amarraram o pacote com os cipós waiyura-dá, ōsū sīgā-dá e oma sīgā-dá, também difíceis de queimar. Antes de entregar o embrulho para a velha, explicaram para seu irmão caçula, que

havia transformado no macaquinho, como fazer para roubar o fogo. Disseram-lhe que assim que tivesse uma boa oportunidade, devia agarrar as lenhas acesas e correr imediatamente para perto deles. Depois dessas explicações, foram até a velha para entregar-lhe a encomenda.

Pegando o embrulho, a velha o enterrou na terra, com o peito para baixo. Mas eles fizeram-na pensar em virar-lo o peito para cima, o que ela fez. Sobre ele, ela colocou lenhas e peidou por cima. A lenha pegou fogo. Assim que a lenha estava na brasa, o caçula agarrou a brasa e correu para o mato onde estavam o esperando os seus irmãos. Ele chegou morto perto deles. Eles o benzeram, o chamando de volta à vida e ele ficou bom¹⁵⁵.

A avó do fogo os almadicoou dizendo:

— “Vocês que me roubaram o fogo amado, envelhecerão rapidamente de tanto se aquecer no fogo e a sua geração se queimará dia após dia! No fim, vocês serão preguiçosos”.

Depois de se apropriarem do fogo, os Umurĩ mahsã tiveram que tomar muito cuidado para não deixá-lo apagar. Passaram assim muito tempo cuidando do fogo. Eles carregavam o fogo com uma tocha feita com a fibra de fazer cuêio, isto é, com tururĩ¹⁵⁶.

Um dia, eles resolveram caçar e pescar no outro lado do rio. Por isso, ficaram esperando um meio de atravessar o rio. Depois de algumas horas, Jacaré chegou com a sua canoa. Pediram que lhes fizesse o favor de ajudá-los a atravessar o rio. Acertaram o seguinte: Jacaré levaria primeiro o fogo e, depois, viria buscar os Umurĩ mahsã. Jacaré os mandou colocar o fogo

155 - Aqui há uma oração para benzer uma pessoa queimada (pehame hühürĩ bayiriye). Esse macaquinho ficou preto por ter queimado.

156 - Wahsuburu gahsiru em desana.

bem na proa da sua canoa. Ele começou a atravessar o rio mas, quando chegou no meio, resolveu guardar o fogo para o seu uso pessoal. Sem pensar duas vezes, levou o fogo para o fundo do rio. Assim os ʔmǎrĩ mahsã perderam o fogo.

Jacaré procurou se esconder num lugar onde os ʔmǎrĩ mahsã não poderiam chegar perto. Estes o procuraram no mundo inteiro, não o encontrando. Estavam prestes a desistir da sua busca quando encontraram a sua casa. Ele morava com as suas duas filhas perto do sítio atual conhecido com o nome de Bela Vista, no Rio Uaupés. Mas ele nunca abria a sua casa. Os ʔmǎrĩ mahsã estudaram uma maneira de fazê-lo sair dela. Um dia, descobriram que ele gostava muito de comer rãs. Sem esperar o dia seguinte, foram fazer uma festa perto da casa dele. Começaram a festa no início da noite. Ouvindo o barulho da festa perto da sua casa, as duas filhas de Jacaré saíram para pegar as rãs. Mandaram o seu pai alumiar o lugar onde estavam as rãs, mas estas sempre pulavam para o escuro. Jacaré iluminava do fundo da maloca para fora. Não conseguindo pegar as rãs, pediram para o pai que saísse da maloca para iluminar o lugar a fim de que elas pudessem correr mais facilmente atrás das rãs. Jacaré, que estava com muita vontade de comer rãs, obedeceu ao pedido das suas filhas.

Ouvindo as conversas dos três, dois dos irmãos correram até a porta da casa de Jacaré, de modo a esperar sua saída e prendê-lo. Assim fizeram¹⁵⁷. Depois de prender Jacaré, exigiram dele o fogo, mas ele se negou a lhes dar. Então, eles o jogaram no chão e começaram a revistar e cortar o seu corpo à procura do fogo¹⁵⁸. Mas nada encontraram. Não achando o fogo em

157 - Por isso, no dia de hoje, as rãs costumam cantar dentro da casa ou no teto antes do relâmpago cair no sítio, ou, ainda, antes de uma morte. Deve-se logo procurar um kumu para afastar a doença (were moaniye).

158 - É por isso que o jacaré é cheio de marcas de corte no corpo.

nenhuma parte do corpo de Jacaré, chamaram Japu, o seu primo. Quando este chegou, o encarregaram de revistar de novo o corpo inteiro de Jacaré. O que ele fez! No final, ele disse que o fogo estava mesmo com Jacaré. Meteu então o bico na ponta do seu nariz, onde estava escondido o fogo. É por isso que o japu tem a ponta do bico cor do fogo.

Depois de retomar o fogo de Jacaré, os Umurĩ mahsã o jogaram nas águas do rio, mas ele ficou boiando em cima da água. Não querendo mais ver esse sujeito maldoso, encheram a sua barriga de pedras de modo a afundá-lo. As pedras levaram Jacaré para o fundo do rio. É por isso que o jacaré tem sempre pedras na sua barriga, dizem os velhos. Para que não ocorresse outro incidente com o fogo, os Umurĩ mahsã decidiram guardá-lo nas pedras, nos galhos do urucuzeiro, nos cipós uambé e nos galhos de cacao do mato. Esses galhos, esses cipós e essas pedras eram iguais a fósforos para os Umurĩ mahsã.

Aqui acaba a história do fogo.

O ÓDIO DE SĒ-PĪRŌ CONTRA OS ʘMURĪ MAHSĀ

SĒ-pĪrŌ faz alagar o mundo

SĒ-pĪrŌ¹⁵⁹ era uma cobra muito diferente das outras. Ele tinha a forma de uma cobra mas morava dentro de um buritizeiro. Um dia, ele soube que os ʘmurĪ mahsā iam se transformar em seres humanos. Por isso, passou a odiá-los e resolveu matá-los, fazendo alagar o mundo inteiro em poucos dias. Ele queria, com efeito, ser o dono do mundo.

Os ʘmurĪ mahsā descobriram o plano vingativo de SĒ-pĪrŌ e, por isso, procuraram logo esconderijos subterrâneos onde eles poderiam se esconder antes do dia marcado para a alagação da terra. Cavaram grandes buracos na terra e tamparam com fornos de tuiuca.

Choveu durante um mês e poucos dias. Vendo essa chuva que não parava nunca, os ʘmurĪ mahsā se esconderam nos buracos que haviam preparado. No fim da chuva, a terra estava totalmente coberta de água. Passaram-se vários meses para que ela secasse.

Depois que a terra secou, os ʘmurĪ mahsā saíram dos seus esconderijos e voltaram para os seus lugares. No caminho, encontraram a mata morta, com os paus secos. Abençoaram-na¹⁶⁰ e, depois de algum tempo, a mata voltou a ser como antes.

159 - Literalmente, "Cobra caracaráf". Na realidade, era uma ave, a ave caracaráf*(N. do R.).

160 - Nihkū amoniye bayiriye.

Sê-pĩrõ faz cair o fogo sobre a terra

Quando descobriu que nenhum dos Ʋmũrĩ mahsã havia morrido, Sê-pĩrõ resolveu tentar acabar de novo com eles fazendo cair um grande fogo sobre o universo. Mas os Ʋmũrĩ mahsã, antes da data marcada para a queimação do universo, foram novamente aos seus esconderijos subterrâneos, fechando as portas dos buracos com os fornos de tuiuca.

No dia marcado para a queimação do universo, um grande fogo caiu sobre a terra. O fogo durou quase um mês mas a terra continuou a queimar em vários metros de profundidade durante muito tempo. Ninguém sabia quando iria parar de queimar. Com o passar do tempo, o fogo começou a diminuir ao se aproximar do nível dos rios, dos lagos e dos mares.

Depois que a terra parou de queimar, o calor do fogo demorou muito para esfriar. Cansados de viver dentro da terra, os Ʋmũrĩ mahsã mandaram Yuhugu gõãmũ¹⁶¹ verificar se a terra estava ainda queimando. Quando ele estava saindo da terra, sua cabeça pegou fogo e logo retornou para o lugar onde estavam os seus parentes. É por isso que, hoje em dia, a cabeça do yuhugu é preta e chata!

Depois de algum tempo, enviaram de novo alguém para espiar. Mandaram a formiga Oyo boreka para verificar se a terra estava ainda queimando. Ela saiu para fora da terra para olhar mas voltou logo, o corpo todo queimado. É por isso que, hoje em dia, essas formigas são pretas.

Não sabendo mais o que fazer, eles ficaram esperando a chegada do Avô do universo, Ʋmũrĩ ñehkũ. Este, vendo as dificuldades pelos quais os Ʋmũrĩ mahsã estavam passando, transformou-se no inambu Yairo gõãmũ. Antes de Yairo gõãmũ

161 - Parece um tapuru com cabeça chata e preta.

chegar sobre a terra, ela estava com aquele cheiro gostoso de comer¹⁶². Então, Yairo gōāmũ andou sobre a terra muito triste, vendo a terra e as matas todas queimadas. Por isso, ele começou a acalmar a terra, o calor do fogo. Depois, fez novas terras e novas matas e, por fim, chamou para fora os Ūmũrĩ mahsã que estavam há muito tempo morando dentro da terra.

Os Ūmũrĩ mahsã começaram uma outra vida sobre essa nova terra. Um dia, resolveram acabar com a vida do seu inimigo Sē-pĩrō antes que ele conseguisse matar todos eles. Por isso, começaram a preparar as armas mais perigosas daquele tempo, fabricando zarabatanas de pau-flecha, de pau brasil, de pau cabari e de muitos outros paus. Prepararam também vários tipos de curare: āgã nima, “curare de inambu”, kara nima, “curare de kujumbi”, waropi nima, “curare de mutum”, sei nima, “curare de macaco barrigudo”, gahkiñi nima, “curare de macaco preto”, poreturu nimá, “curare de macaco sem rabo”, mahsã gahki nima, “curare de macaco-gente”, wa'u nima, “curare de zogue-zogue” e meneisĩ nima, “curare de macaquinho prego”.

Depois de aprontarem as suas armas de guerra, eles partiram para matar Sē-pĩrō. Sē-pĩrō morava na porta das águas¹⁶³, no nascente. Lá, ele morava num buritizal. Uma das árvores de buriti era a sua morada. Quando ele vivia dentro do buriti, ele tinha a forma de uma cobra mas, quando ele passeava, assumia a forma, do pássaro sē ou caracaraí. Ele saía para fora do buritizeiro somente à meia-noite para cantar. Mas, mesmo assim, seria difícil matá-lo por ele cantar entre os caules das folhas de buriti.

162 - Daqui deriva uma praga (wihsiri nihkũ baariye) para fazer uma criança comer terra com gosto até morrer. Há uma oração para curar essa doença (wihsiri nihkũ baariye bayiriye).

163 - Ohpekō dihsi umuko dihsi, isto é, “lá onde acaba a água doce”.

No dia em que chegaram perto da casa de Sê-pĩrõ, os Umurĩ mahsã experimentaram soprar as suas armas na casa de cupim mais alta. Queriam saber se suas armas estavam em perfeita condição de uso. Gostaram do resultado.

Chegando a hora de cantar, Sê-pĩrõ saiu do buritizeiro. Quando levantou o pescoço para cantar, foi atingido por uma flecha de zarabatana bem na garganta. A flecha seccionou a sua cabeça e ele caiu no chão morto. Assim acaba a história de Sê-pĩrõ.

ORIGEM DAS FLAUTAS SAGRADAS E DO CAAPI

Antes de iniciar a transformação, os Ūmurĩ mahsã precisavam da planta caapi para a futura humanidade criar visões e aperfeiçoar a sua sabedoria. Mas o cipó caapi¹⁶⁴ jazia nos seus ossos! Por isso, os líderes suprêmos dos Ūmurĩ mahsã se reuniram secretamente um dia para decidir como conseguir a planta caapi. No fim, resolveram que precisavam, para isso, comer um deles. Assim, comendo a carne e os ossos de um dos seus irmãos, eles estariam, na realidade, tirando a planta caapi.

Um dia, eles convidaram o seu irmão caçula Wanani gõãmũ. Este não havia participado da reunião secreta. Por isso, ele não sabia nada do plano dos seus irmãos. Informaram-no que ele teria um trabalho muito importante a fazer para o bem de todos os Ūmurĩ mahsã. O caçula concordou em fazer conforme haviam decidido os seus irmãos. Lhe deram então o nome soprado de Mirupu para que ele fizesse esse trabalho e ficasse, mais tarde, como o dono das flautas sagradas.

Depois disso, o levaram para a roça onde estavam as suas duas irmãs trabalhando, Wihsu e Yugupó. Chegando na roça, passaram perto delas e, através dos seus poderes, fizeram com que elas perguntassem:

— “Onde vocês vão, nossos irmãos?”

— “Nós vamos comer abius* aqui na frente!”

— “Guardem uma fruta para nós!”

— “Tá bom! em breve estaremos de volta, aguardem-nos aqui!”

164 - Gahpi-dá em desana.

Elas concordaram com o pedido dos seus irmãos. Chegando no pé de abiu, eles botaram Mirupu dentro de uma das frutas da árvore e transformaram o seu corpo em esperma para que ele pudesse dar início a uma nova vida. Assim, bastaria uma das mulheres dar uma dentada na fruta para logo ficar gestante.

Depois de ter feito isso, eles voltaram perto das duas irmãs, entregando-lhes a fruta abiu. A primeira irmã, ao receber a fruta, viu logo que aquilo não era uma fruta verdadeira. Por isso, ela não quis morder. Mas a segunda não quis nem saber e meteu logo uma dentada no abiu. O suco da fruta escorregou da sua boca até o seu monte de vênus¹⁶⁵. Nesse exato momento, ela ficou grávida.

Ela ficou gestante quase um ano. Quando começaram as dores do parto, os Ūmurĩ mahsã se reuniram na maloca chamada Temeda wi'i¹⁶⁶ para comer a criança assim que ela nascesse. Todos os seres vivos do universo estavam presentes nessa maloca. Lá, fora da maloca, a mulher começou a sentir as dores do parto que íam aumentando. De tanta dor, ela corria de cá para lá, sentar-se sobre um tronco, sobre o cupim ou no chão¹⁶⁷. Ela não agüentava mais sofrer tanto!

Para que ela não sofresse mais das dores do parto, e também para que ela não se desse conta do que os seus irmãos íam fazer com o seu filho, eles jogaram sobre ela a tonteira do caapi¹⁶⁸. Ela ficou embriagada. Naquele momento, as pessoas dentro da maloca começaram também a se sentir tontas. Por

165 - É por isso que as mulheres têm uma linha branca (sebo mihĩ keorama) que desce da boca até a vagina.

166 - No Rio Negro.

167 - Por isso, hoje em dia, os troncos, o chão, os cupins gemem de dor antes de uma doença. Seus gemidos prenunciam uma doença! Quem ouve esses gemidos deve logo procurar o kumu para afastar a doença (were moaniye bayiriye).

168 - Sigãbu numino.

isso, Temeda wi'i ficou conhecida como a "Maloca da tonteira de caapi"¹⁶⁹. Os irmãos teceram peneiras com uarumã de veado e com vários outros tipos de uarumã¹⁷⁰, enfeitando-as com diferentes tipos de desenhos¹⁷¹. Essas peneiras¹⁷² eram para proteger o nenê quando ele saísse da vagina da mulher para que não se machucasse¹⁷³. Enquanto estavam tecendo essas peneiras, a embriaguês do caapi aumentou ainda mais dentro da maloca.

Wihsu não tinha vagina, assim como as outras mulheres daquele tempo. Por isso, levaram-na ao porto a fim de abrir-lhe uma vagina e limpar a criança recém-nascida do sangue do parto. Chegando no porto, o líder suprêmo dos Ūmurĩ mahsã pegou o seu brinco feito de pedra preciosa e a forquilha de cigarro e, com eles, fez um corte no lugar que seria a vagina. O sangue começou a jorrar, como se fosse a cabeceira de um igarapé. Neste momento, os Ūmurĩ mahsã, que esperavam o menino dentro da maloca, ficaram embriagados como nunca, começando a perder todo controle de si¹⁷⁴.

169 - Sīgābu numino wi'i.

170 - Ūnama wuhu siburu, "peneira de uarumã de veado", moaweru wuhu siburu, "peneira de uarumã de sapo moaweru", dehko wuhu siburu, "peneira de uarumã de água", ōsū wuhu siburu, "peneira de uarumã de massa de mandioca", pīrō wuhu siburu, "peneira de uarumã de cobra" e bo wuhu siburu, "peneira de uarumã de fartura".

171 - Os nomes dos desenhos são os seguintes: yawiri goari, pamani goari, wāhĩ yēkūpū goari, wahsū dūhpuri goari, biapōrā maani goari, guikuri nuhtāni goari, pikaru goari e mahā bohana goari.

172 - Daqui deriva uma praga para estragar uma mulher grávida, fazendo-a morrer na hora do parto. Há uma oração para curar chamada numino moaniye soropari turimaye bayiriye.

173 - Aqui há uma doença chamada mahīna sininiye siburu turimaye: o nenê não consegue sair da barriga da sua mãe, fez côco na vagina dela. A mãe está com muita dor de cabeça e com febre. Há uma oração para curar essa doença.

174 - Daqui deriva uma oração (nihi dihsi amoniye bayiriye) para benzer a mulher no primeiro parto.

Depois que a vagina foi aberta, saiu o nenê, Sīgābū mahsū ou “Gente caapi”. O seu corpo continha todas as variedades de caapi¹⁷⁵ que nós conhecemos e usamos. Eles cortaram o cordão umbilical. Saiu muito sangue. Aqueles que se encontravam dentro da maloca ficaram ainda mais embriagados pelo caapi.

Depois de ter limpado o nenê, pintaram-no com carayuru, colocaram-no em seguida em cima das peneiras e levaram ele, por fim, para dentro da maloca. Assim que o menino entrou na maloca, aqueles que estavam dentro perderam todo controle de si. A maloca ficou cheia de sangue. Assim ela aparecia aos olhos das pessoas! Os Ūmārī mahsā não tinham mais coragem de comer a criança recém-nascida. Todavia, um deles, Suña ñehkū, que ia ser o avô de todos os Yepá mahsā¹⁷⁶, criando coragem, correu em direção da criança, arrancando-lhe a cabeça que começou a devorar. Vendo isso, os líderes dos Ūmārī mahsā se precipitaram perto da criança para comê-la mas, como haviam chegado depois de Suña ñehkū, somente puderam arrancar e comer os membros superiores e inferiores da criança¹⁷⁷. De Sīgābū mahsū ficou somente o tronco, em forma de pênis humano¹⁷⁸.

175 - Isto é, pū gahpi, “caapi de folha”, kuri gahpi, (caapi de ?), mene gahpi, “caapi de ingá”, dī gahpi, “caapi de sangue”, sei poreru gahpi, “caapi do macaquinho sem rabo” e tarobū gahpi, “caapi do sapo taro”. Esses caapi são aqueles usados exclusivamente pelo pajé (ye). O caapi que se bebe nos dabucuris chama-se sīgābū gahpi.

176 - Isto é, os Eduria, Kawiria, Suria e Ahūnina (N. do R.).

177 - Por isso, o caapi dos Tukano ou dos Desana não é muito forte e é preciso benzê-lo para ter visões. Enquanto isso, o caapi dos Yepá mahsā é muito forte (é a cabeça de Sīgābū mahsū) e não precisa ser benzido para provocar visões. A partir do mito de Sīgābū mahsū há uma oração para benzer o caapi (gahpi pūrī sārīye bayiriye).

178 - As flautas miña são o símbolo do pênis. É por isso que elas são sagradas e não podem ser vistas pelas mulheres. O nome mini que designa as flautas sagradas vem de Mirupu.

A criança disparou pelo ar e foi-se esconder no universo, na casa de Trovão, envergonhada de ter ficado na forma de um pênis. Também foi para pedir ao Trovão os seus venenos mais fortes, a fim de se vingar dos seus irmãos pelo que lhe haviam feito.

Naquele momento, a mãe da criança voltou a si e correu à procura do seu filho. Entrando na maloca, ela viu os seus irmãos comendo a carne e os ossos dele. Estavam todos embriagados e o sangue da criança se espalhava dentro da maloca. Ao ver isso, a mãe se assustou. De susto, ela ficou gritando:

— “Noge aninini magã?”

(Cadê o meu filho?¹⁷⁹)

Reinava uma confusão danada na Sīgãbu wi'i. A cutia, não sabendo mais o que estava fazendo, perguntou para Wihsõe o que ele estava fazendo. Este respondeu brincando:

— “Estou muito bêbado. Para diminuir as visões, estou comendo o meu rabo”.

No entanto, ele estava comendo o osso da criança. Ouvindo isso, a cutia e a anta*, que estavam perto de Wihsõe, começaram a comer os seus rabos. É por isso que hoje em dia a cutia e a anta não têm rabos.

A vingança de Mirupu ou Miñapõrã mahsũ

O tronco de Mirupu disparou pelo ar levando consigo o ritmo dos instrumentos musicais. De fato, o tronco de Mirupu era o instrumento musical das flautas miñapõrã. Os Umurĩ mahsã o procuraram em vários lugares no universo, mas não o encontraram. Eles precisavam achá-lo para poder aprender os

179 - Por isso, os cantos de kapiwaya são cantos criminosos que repetam a confusão daquele tempo. A mulher (Yuhugó) que entra na maloca entoando “yu yu yu” é o símbolo da mulher que entrou na maloca procurando o seu filho.

rítmos musicais das miñapõrã. Por fim, quando o acharam perto de Trovão, pediram que lhes ensinasse os rítmos das flautas. Mas ele se negou a fazê-lo. Ele estava com muita raiva dos seus irmãos pelo que estes lhe haviam feito. Depois de acalmá-lo, conseguiram convencê-lo de tomar conta dos jovens que se preparavam para a maturidade¹⁸⁰. A partir desse momento, ele tomou o nome de Miñapõrã mahsũ.

Miñapõrã mahsũ tomou conta da juventude dos Ûmurĩ mahsã durante muito tempo, fazendo esse trabalho muito bem. Os jovens tinham um regulamento estrito que deviam respeitar no tempo da sua iniciação. Assim, por exemplo, eles não deviam comer coisas assadas, nem quentes ou apimentadas. Mas um dia, os jovens muito teimosos, comeram frutas de uacum* assadas às escondidas de Miñapõrã mahsũ. Todavia, este se deu conta da desobediência dos jovens pelo cheiro de queimado do uacum que veio tocar o seu nariz. Por isso, ele prometeu se vingar pelo que os pais desses jovens lhe haviam feito a algum tempo, decidindo devorar os jovens. Para isso, ele fez cair muita chuva e, abrindo o seu ânus em forma de pau oco, ele convidou os jovens a se abrigarem nele:

— “Vem se esconder da chuva nesse pau oco!”

Os jovens entraram. Logo depois que eles entraram, ele os engoliu. Ficou somente de fora o marianita Gãhêpãyẽ que estava encostado no pau oco. Vendo isso, Miñapõrã mahsũ - que tomou desde já o nome de Gãmoyeri wãhtĩ quando engoliu os jovens - cercou o lugar onde ele estava, impedindo-o de escapar e o levou para a sua maloca de pedra¹⁸¹. Guardou-o lá com a intenção de comê-lo um dia. A maloca de Gãmoyeri wãhtĩ não

180 - Gãmoyeri-nu: “dia/tempo dos iniciados” (N. do R.).

181 - Daqui deriva uma oração usada para impedir que um pássaro domesticado fuja, para que ninguém encoste nele ou para que ele não seja comida pelos gaviões (êhõrã were moaniye bayiriye).

tinha nenhuma porta. O marianita morria de medo de ser também comido por ele. Ele corria chorando daqui para lá, procurando um lugar para sair. Mas não encontrava nenhuma saída¹⁸².

Gãmoyeri wāhtī, de vez em quando, abria a boca, soltando um fedor podre horrível. O fedor enchia a maloca toda. Não dava realmente para aguentar¹⁸³. Ele perguntava então para o marianita se este estava gostando do seu fedor. Se este respondesse pela negativa, ele o comeria na hora. Por isso, o jovem marianita sempre respondia que gostava. De tanto respirar o ar fedorento da casa de Gãmoyeri wāhtī, ele ficou doente. Começou a ficar amarelo¹⁸⁴. Para poder escapar do seu inimigo, ele se pôs a roer a parede num canto da maloca. Gãmoyeri wāhtī, ouvindo o barulho, perguntou o que ele estava fazendo. O jovem respondeu que estava comendo os grãos de milho que se encontravam naquele canto. Ele trabalhou muito para conseguir abrir um orifício naquela parede de pedra. Quando o buraco ficou pronto, ele começou a experimentar a sair da maloca. Quando descobriu a maneira mais rápida de sair, ele tampou o buraco com um pedaço de panela de tuiuca e esperou a melhor oportunidade para fugir.

No dia seguinte, Gãmoyeri wāhtī soltou um fedor horrível e, como de costumê, perguntou ao jovem se ele gostava do seu fedor. Deste vez, o jovem respondeu com brutalidade, dizendo

182 - Daqui deriva uma praga para estragar uma mulher (nihipópapore boariye bayiriye). O nenê, na hora do parto, fica procurando um canal para sair e, não encontrando a vagina, acaba por morrer dentro da barriga da sua mãe. A mãe não agüenta tanta dor e morre também.

183 - Daqui deriva uma praga para estragar a barriga de uma pessoa (hūrīf ahiriye). O doente está cheio de gazes e solta fedor pela boca.

184 - Daqui deriva uma praga para a criança ter verminose (di pereriye). Ela tem as pernas inchadas, fica amarela e morre rápido se o kumu não a trata logo (di pereriye bayiriye).

que não gostava de ser tratado dessa maneira e que nem gostava desse seu fedor horroroso. Dizendo isso, ele voou imediatamente rumo ao buraco que havia aberto na parede da maloca. Gãmoyeri wãhtĩ correu para pegar um puçá e impedí-lo de fugir. Mas era tarde demais. O jovem marianita já havia saído do buraco e estava voando em direção à maloca dos seus pais.

Os pais dos jovens não sabiam o que havia acontecido com eles. Por isso, quando o jovem marianita contou toda a história, eles se puseram a chorar. Eles ficaram muito tristes por terem perdido todos os seus filhos. Restou somente um, o jovem marianita que havia conseguido fugir. Este estava muito doente. Por isso, o benzeram e ele ficou curado. Decidiram então matar Gãmoyeri wãhtĩ pelo mal que este lhes fez comendo os seus filhos e começaram desde então a procurar um meio de acabar com ele.

Gãmoyeri wãhtĩ acaba no fogo

Gãmoyeri wãhtĩ, depois de ter comido os filhos dos seus irmãos, nunca mais apareceu na sua maloca. Todavia, ela sabia de tudo o que acontecia lá e soube assim que eles estavam procurando um meio de acabar com ele.

Os Umurĩ mahsã decidiram queimá-lo enquanto estivesse embriagado de caxiri. Sabendo disso, ele os avisou que não queimaria com qualquer lenha, somente com lenhas de ingazeiras. Então, os Umurĩ mahsã plantaram muitos pés de ingás, de todas as variedades¹⁸⁵ que conhecemos. Quando os pés de ingá ficaram maduros, eles tiraram as suas cascas para secá-las e usá-las depois de secas como lenhas¹⁸⁶. Quando as

185 - Dehko menemu, õsũ menemu, mene behsu menemu, duhpia menemu, mahã menemu e momona menemu.

186 - Daqui deriva uma praga (gõãrĩ murã) para fazer o corpo da pessoa ficar seco. O homem almadichoado fica como esqueleto e acaba por morrer.

cascas de ingá estavam secas, os ʔmuri mahsã prepararam um grande caxiri temperado com as batatas doces ñahpĩ e foram convidar Gāmoyeri wāhtĩ a vir beber desse caxiri. Mas ele se negou a vir, dizendo que já havia provado daquele caxiri. Os ʔmuri mahsã prepararam outros caxiris temperados com diferentes tipos de batatas doces¹⁸⁷, mas ele sempre se recusava a vir beber desses caxiris pelo mesmo motivo. Por fim, prepararam um caxiri temperado com abacate* e foram de novo convidá-lo a beber. Pela primeira vez, ele aceitou vir: ele nunca havia bebido esse caxiri e queria prová-lo.

Logo que ele chegou, os ʔmuri mahsã lhe ofereceram o caxiri. Á certa hora, ele ficou embriagado. Mesmo estando bêbado, ele lhes explicou como eles deveriam fazer para queimá-lo e para conseguir as flautas miñapōrã. Enquanto estava falando com eles, dando-lhes todas essas explicações, ele caiu de repente no chão. Sem esperar nem um segundo, os ʔmuri mahsã o agarraram, o levaram perto do fogo que já haviam preparado, e o jogaram por dentro. No mesmo instante, o fogo aumentou de volume. A intenção de Gāmoyeri wāhtĩ era, de fato, acabar com o mundo pelo fogo. Mas os ʔmuri mahsã logo o cobriram com uma bacia de tuiuca grande para impedir o fogo de queimar o mundo inteiro¹⁸⁸.

Depois que o fogo se acalmou, os ʔmuri mahsã destamparam a bacia e ficaram esperando a paxiúba*¹⁸⁹ aparecer. Ninguém sabia de que lado viria ou como se parecia essa paxiúba. Ouvia-

187 - Ñamō pearu, duhtu pearu, duhtupoata pearu, ñahĩrō pearu, ñahĩrōmana pearu, huhusika pearu, etc.

188 - Daqui deriva uma praga para matar uma mulher depois do parto (nihigoro sinini bayiriye).

189 - ʔmuko muru yuhku nō em desana. Somente se fabrica as flautas sagradas com essa paxiúba que é a mais fina de todas.

se o som das miñapõrã em todos os cantos. Zoava no mundo inteiro. O líder suprêmo dos Ûmurĩ mahsã, para tentar localizar a origem do som, quis se abaixar para colocar o ouvido no chão. Foi nesse momento que a paxiúba disparou para fora, pegando-o de raspão no ouvido¹⁹⁰.

Depois que as coisas se acalmaram um pouco, os Ûmurĩ mahsã mediram o tamanho das miñapõrã que queriam e mandaram o animal chamado bahká trepar na paxiúba a fim de cortá-la em pedaços. Este, ao chegar no pé das folhas, começou a roer a árvore para cortá-la, mas como os seus lábios logo ficaram feridos, ele retornou ao chão. Mandaram então Wihsõẽ fazer a mesma coisa, mas este não conseguiu chegar até o pé das folhas, ficando somente no meio do tronco da paxiúba. Por último, mandaram o esquilo* mehesubabero. Chegando lá, ele começou a roer a árvore de cima para baixo. Quando cortou o primeiro pedaço, a cabeça da árvore caiu no chão com as folhas para a frente¹⁹¹.

Os pedaços cortados entre as partes mediana e superior da paxiúba viraram as flautas miña pequenas que são chamadas miña muru yuhkũ manapó, “as esposas das flautas”. Os pedaços do meio viraram as flautas grandes, as rainhas, que chamamos dianayõ. São essas: tanasã, ãsĩ, ñama, doe e behepubero¹⁹². Por fim, os pedaços inferiores da paxiúba deram as flautas pequenas, as flautas moleques, com nomes de nahsĩ, “tucano” e buha, “pomba”. Depois disso, eles prepararam as flautas para soprar, fechando o buraco de soprar com barro de tuiuca,

190 - Por isso, às vezes, pode sair um tumor debaixo do ouvido (gãminu dohka mahãno bihiribu muru yuhkũ turimaye). Há uma oração para curar essa doença (gãminu dohka mahãno bihiribu muru yuhkũ turimaye bayiriye).

191 - Por isso, às vezes, o kumu faz a criança sair pelos pés na hora do parto (nĩgãrĩ pawere siariye). Há uma oração para reverter essa situação (nĩgãrĩ pawere siariye bayiriye).

192 - Essas flautas são as únicas a serem empacotadas por cascas de ingá.

empacotando-as em seguida com cascas de ingá, fechando o buraco de controle do som com folhas e, por fim, colocando ganchos para segurar as flautas quando se está soprando nelas. Ajeitaram o buraco de soprar com uma lâmina de uarumã¹⁹³. É assim que os ʘmurĩ mahsã conseguiram realizar o seu sonho de ter flautas independentes.

As mulheres roubam as flautas sagradas

O líder dos ʘmurĩ mahsã tinha duas filhas, chamadas Wihsu e Yugupó, e um filho, o caçula delas, chamado Wahori. Quando este completou a idade da maturidade, o líder dos ʘmurĩ mahsã resolveu transmitir-lhe o seu poder. Por isso, um dia, ele disse:

— “Amanhã, de madrugada, você irá tomar banho no porto. Aqui estão as tochas de turi para alumiar até o porto. Chegando lá, você encontrará as flautas sagradas no pé da árvore omamo¹⁹⁴. Você aprenderá a tocá-las conforme lhe ensinarão os meus auxiliares. Eles estarão te esperando”.

As duas filhas do líder dos ʘmurĩ mahsã também ouviram as explicações que o pai estava dando para o irmão caçula sem serem percebidas por ele. Quando chegou a madrugada, o caçula dormia profundamente. O pai fez tudo para acordá-lo, mas sem sucesso. Ele continuava a dormir. As duas irmãs acordaram nesse momento e pediram ao seu pai as tochas de turi. Depois desceram para o porto para tomar um banho. Chegando lá, procuraram as flautas no lugar indicado pelo pai. As flautas, vendo as mulheres aproximarem-se delas, tentaram se esconder. Foram se esconder em cima da árvore omamo mas as moças já estavam subindo atrás delas. Chegando nos

193 - Por isso, às vezes, uma criança recém-nascida não consegue fazer xixi (gõrê wiri biriye). Há uma oração para curar esse problema (gõrê wiri biriye bayiriye).

194 - Pau próprio (não identificado) para fazer os cabos de machado. É uma árvore cheia de buracos (N. do R.).

galhos, as flautas voltaram para baixo, até o pé da árvore onde foram, finalmente, agarradas pelas mulheres¹⁹⁵.

Depois de ter conseguido agarrar as flautas, as duas irmãs tentaram obrigar os mestres das músicas a ensiná-las a tocar. O pacu* se negou, assim como o aracu e o aracu pintado. A pescada* também se negou a ensinar para as mulheres a música das flautas. Elas jogaram então pedras em cima da sua cabeça. É por isso que a pescada tem hoje em dia pedras brancas em cima da cabeça. Depois de ter feito isso, agarraram o jacundá*, obrigando-o a ensiná-las a tocar as flautas miñapõrã. Este, por medo de que algo de ruim acontecesse com ele, ensinou-lhes a música das flautas.

Como elas tinham as flautas em seu poder, as mulheres viraram os líderes dos Umurĩ mahsã e passaram a mandar em todos os seres vivos do universo. Mandaram durante muito tempo. Desgostoso, o uirapuru*, que era o coração, a alma das flautas, saiu delas e foi morar separado no universo. Se um homem houvesse pegado as flautas, estas iam tocar sozinhas. Não seria necessário soprar. Bastaria segurá-las e elas já estariam zoando. Mas, como as mulheres se apoderaram das flautas, o uirapuru saiu e, desde esse dia, precisa-se soprar nas flautas para que elas toquem¹⁹⁶.

As mulheres começaram então a mandar no universo. Era uma grande tristeza para os homens ficar como escravos das mulheres. Os homens passaram a cuidar dos trabalhos que eram anteriormente tarefas das mulheres¹⁹⁷. Até preparavam o caxiri para as festas que elas estavam organizando. Mas as mulheres não souberam administrar o universo, o destruindo

195 - Os buracos que se encontram no tronco da árvore omamo são os lugares onde as flautas se esconderam, tentando escapar das duas mulheres.

196 - É por isso que, hoje em dia, as flautas miña são sopradas pelos seres humanos.

197 - Pelo fato dos homens terem se encarregado, nessa época, das tarefas outrora femininas, existem hoje em dia homossexuais.

completamente, abusando das coisas sagradas dos homens, tocando as flautas em qualquer tempo, em qualquer dabucuri de frutas da capoeira, quando elas deviam, na realidade, ser tocadas somente nos dabucuris especiais, isto é, nas festas de iniciação masculina.

Desgostosos com isso, os homens resolveram, um dia, retomar as flautas. Para fazer isso, fabricaram dois outros tipos de flautas, chamadas pōrērō e sīmiomi. São flautas que têm um som vibrante e forte. Para fabricar essas duas flautas, Wahori, o filho do líder do universo, mastigou muitas pimentas, cuspidando a sua saliva no chão. Ele estava em cima de um cunurizeiro e cuspiu em direção do chão, formando um tipo de linha ou de corda com a sua saliva. Depois de formar uma corda, ele cortou um pedaço e, com ele, fabricou esses dois tipos de flautas¹⁹⁸. Ele tinha feito isso para que o som das flautas fosse vibrante e forte como é a pimenta. Os homens atacaram as mulheres na hora do dabucuri de frutas tōkãna. As mulheres, assustadas com o som forte das flautas que desconheciam, saíram correndo da maloca. Enquanto estavam saindo, as duas mulheres-chefes enfiaram nas suas vaginas as duas flautas rainhas. Wihsu fugiu para o poente, enquanto Yugupó se arrastou em direção do nascente. Ninguém sabe onde elas estão atualmente. Mais uma vez, os homens conquistaram os seus poderes, continuando a ser os donos do universo e logo, eles trataram de preparar a transformação dos seres vivos em seres humanos.

198 - A flauta pōrērō, hoje em dia, é fabricada a partir do pau carauatana; ela é usada nos dabucuris de peixes e de carne de caça (baarisen) e zoa "pōrē pōrē". A segunda flauta sīmiomi, de tamanho pequeno, é fabricada a partir do cipó dihkame e zoa "sīōwē sīōwē" (N. do R.).

O LÍDER DOS ʔMURĪ MAHSĀ REPARTE A ALIMENTAÇÃO E OS INSTRUMENTOS MUSICAIS

Baaribo, depois que acabou o seu tempo de trabalho, guardou a comida dos ʔmurĭ mahsĀ dentro de uma grande árvore chamada em desana wayuku-gu. Era uma árvore de pedra preciosa. Naquela época, os animais, as aves, os peixes, os insetos e os ʔmurĭ mahsĀ alimentavam-se das mesmas coisas. Por isso, a comida não dava para todo mundo. Vendo isso, o líder do universo, antes de iniciar a transformação, resolveu dividir os alimentos que se encontravam na árvore entre todos os seres vivos daquele tempo. Queria igualmente dividir entre eles os instrumentos musicais que se achavam também naquela árvore.

Um dia, ele convocou todos os seres vivos do mundo para receber os alimentos e os instrumentos musicais. Isso aconteceu ao redor da maloca chamada Payasaro wi'i. Naquela época, alguns ʔmurĭ mahsĀ já tinham forma de animal, mas não eram verdadeiros animais. Seria somente através dos alimentos e dos instrumentos musicais que o líder iria lhes dar, que eles ficariam como verdadeiros animais. Os instrumentos musicais tinham os nomes das aves, dos animais e dos peixes de hoje. Recebendo um instrumento musical, ficava-se com sua voz e o animal ou o inseto tomava também o seu nome. Quando todos estavam reunidos no pé da árvore, começaram a derrubá-la. Alguns pedaços rachados voaram, transformando-se em serras e cachoeiras. É por isso que, hoje em dia, o Rio Apaporis é cheio de cachoeiras. É também por essa razão que nos Rios Traira e Japurá há muitas serras¹⁹⁹. Os outros pedaços da árvore

199 - É nessas serras e naquelas cachoeiras do Rio Apaporis que os nossos avós iam buscar a pedra de quartzo branca (h̄tābo) e o ouro para fabricar os seus brincos.

se amontoavam nos seus pés. Por isso, para poder continuar a derrubar a árvore, os Ŭmũrĩ mahsã tiveram de carregá-los com cestos e de jogá-los para mais longe²⁰⁰.

Depois que a árvore caiu ao chão, eles a racharam e encontraram no seu âmago a semente de todo tipo de comida, bem como os instrumentos musicais. O líder começou a distribuí-los conforme o desejo de cada um deles. Todavia, antes disso, ele reservou para a futura humanidade o caule de maniva, assim como vários instrumentos musicais como o japurutu, o caracol sũũ, a flauta caniço wãñabari. São esses instrumentos que se toca hoje em dia nos caxiris e nos dabucuris a fim de se divertir.

Depois de cada um ter recebido a sua comida e o seu instrumento musical, os Ŭmũrĩ mahsã sentaram no chão para tocar. Era para fazer ouvir aos outros o som do instrumento que haviam ganhado. O líder tocou primeiro os instrumentos musicais que havia reservado para a futura humanidade, depois pediu aos outros que fizessem o mesmo. Naquele momento, chegou a anta. Ela não havia participado à derruba da árvore wayuku-gũ e queria saber se o líder havia guardado alguma coisa para ela. O líder respondeu pela negativa. Ouvindo que ele já havia distribuído tudo para os outros, a anta foi logo procurar no pé das folhas da árvore que estava deitada no chão. Lá, encontrou o instrumento musical chamado em desana uririru. É um tipo de apito. Vendo-a com o apito, o líder dos Ŭmũrĩ mahsã pediu que ela tentasse de tocar, o que ela fez. O instrumento encontrado pela anta produziu um som enorme, vibrante e grosso. A terra tremeu, as folhas das árvores caíram e os Ŭmũrĩ mahsã desmaiaram. Vendo eles desmaiarem de susto, a anta gostou e disse:

200 - Às vezes pode sair um tumor na íngua (wayu). É por causa dos pedaços da árvore que, voando, vieram bater entre as coxas dos ancestrais. Esse tumor surge quando a pessoa faz muita força ou carrega coisas pesadas. Há uma oração para curar essa doença (wayu bayiriye).

— “Com esse som, espantarei os Ʋmurĩ mahsã que não guardaram nada para mim. Assim, eu poderei comê-los com toda tranquilidade”.

Depois disso, o líder dos Ʋmurĩ mahsã começou a revistar os instrumentos musicais de cada um. Quando estava fazendo isso, notou que os instrumentos do macaco guariba* e da anta eram parecidos. Sem ser percebido pela anta, ele pediu para o guariba que trocasse o seu instrumento musical com aquele da anta. Depois de ter revistado todos os instrumentos musicais, ele disse :

— “Agora, nós vamos experimentar tocar os instrumentos dos outros. Que cada um de vocês empreste seu instrumento ao seu vizinho”.

Assim fizeram. Cada qual começou a tocar o instrumento musical do seu vizinho e, tendo feito isso, o devolvia para o seu dono. Quando foi a vez do guariba tocar o instrumento musical de sua vizinha, a anta, ao invés de lhe devolver o instrumento, ele lhe deu o seu próprio instrumento, conforme o líder dos Ʋmurĩ mahsã havia pedido.

A anta estava muito feliz com o instrumento com o qual, por certo, ela poderia espantar o mundo inteiro. Antes de ir embora, ela quis tocar outra vez o seu instrumento. Queria espantar todos aqueles que estavam presentes. Mas o instrumento zoou como um assobio “wiiii”. Logo, a anta correu atrás do guariba, o qual enfiou o apito dentro da sua garganta²⁰¹ e fugiu subindo numa grande árvore²⁰².

Enquanto isso, os Ʋmurĩ mahsã se preparavam para voltar para os seus lugares de origem. Naquele momento, Gubusu, o

201 - Por isso, hoje em dia, pode sair um tumor debaixo do queixo chamado una bihiribu. Há uma oração para curar esse tumor (una bihiribu bayiriye).

202 - É por isso que, hoje em dia, a anta vive assobiando e o macaco guariba vive zoando.

bicho de pé, apareceu, pedindo comida para o líder dos ʘmuri mahsã. Este respondeu que não lhe restava nada. Gubusu decidiu então comer os ossos dos ʘmuri mahsã. Ele queria matá-los desta maneira, já que eles não haviam guardado nenhuma comida para ele.

Ouvindo isso, o líder dos ʘmuri mahsã perguntou ao bicho de pé de qual jeito ele pensava matá-los. Este o mandou sentar e entrou no seu pé até chegar no osso. Quando chegou lá, estava doendo muito mas, mesmo assim, o líder, sem demonstrar algum sinal de dor, disse:

— “Eu não estou sentindo nada! Não é assim que você vai conseguir matar os ʘmuri mahsã! Porque você não tenta ficar debaixo da pele? Experimenta para gente ver se isso doe!”

Ouvindo isso, Gubusu entrou debaixo da pele onde ficou. O líder dos ʘmuri mahsã fez de conta que estava sofrendo muito e simulou um desmaio. Vendo o líder a ponto de desmaiar de dor, Gubusu ficou muito satisfeito e resolveu matar dessa maneira os ʘmuri mahsã, enfiando-se debaixo da pele do pé. É isso que ele faz até hoje.

Depois disso, o líder dos ʘmuri mahsã voltou para a sua morada. Chegando lá, dois kumu, que trabalhavam para ele, vieram reclamar os seus alimentos. Eles também queriam a sua comida separada, como ele havia feito para os demais. Mas o líder não havia guardado nada para eles, pensando que eles fossem continuar a comer com ele. Vendo isso, um dos kumu, Bogaram²⁰³, pensou em comer as plantas dos ʘmuri mahsã. por isso é que, hoje em dia, este tipo de formiga fica na beira da roça para comer as plantas da gente.

O outro kumu do líder dos ʘmuri mahsã, Pigo, isto é, Tapuru, que come hoje em dia os dentes da gente, ficou também

203 - É um tipo de formiga saúva.

chateado vendo que o líder não havia reservado nenhum alimento para ele. Muito aborrecido, ele pegou a sua rede, a canoa, o remo e o pilão que sempre usava quando estava a serviço do líder dos ʻUmurĩ mahsã e foi embora com a intenção de criar um novo sítio para ele. Enquanto ele estava saindo da maloca do líder, ele disse:

— “Como eu não recebi nenhum alimento, eu comerei o que fica preso entre os dentes”²⁰⁴.

Pĩgõ preparou um sítio. Depois de ter preparado a sua casa, colocou em cima do jirau de moquear as coisas que havia trazido da maloca do seu antigo chefe, deixando-as moquear sobre o fogo. Enquanto a canoa, o remo, o pilão e a rede estavam pegando a fumaça do fogo, os olhos do líder dos ʻUmurĩ mahsã começaram a arder. Quanto mais ele socava ipadu com o pilão do líder, mais os dentes deste último doiam²⁰⁵. O líder dos ʻUmurĩ mahsã ficou doente durante muito tempo. Ele estava muito magro e não conseguia mais comer. Só faltava morrer. Então, ele mandou uma pessoa chamar Pĩgõ a fim de que este o benzesse. Antes de deixarem a maloca, Pĩgõ e Bogoramu eram, como vimos, os seus kumu. Por isso, ele mandou alguém convidar Pĩgõ a curá-lo. Assim que Pĩgõ chegou, ele benzeu o líder que ficou curado.

Depois de ter repartido a comida, o líder começou a preparar a transformação dos ʻUmurĩ mahsã para que se tornassem os seres humanos de hoje.

204 - É a origem da cárie dental (N. do R.).

205 - A dor nos olhos e nos dentes causados por Pĩgõ chama-se pĩgõ behsu. Há uma oração para acalmar essas dores (pĩgõ behsu bayiriye).

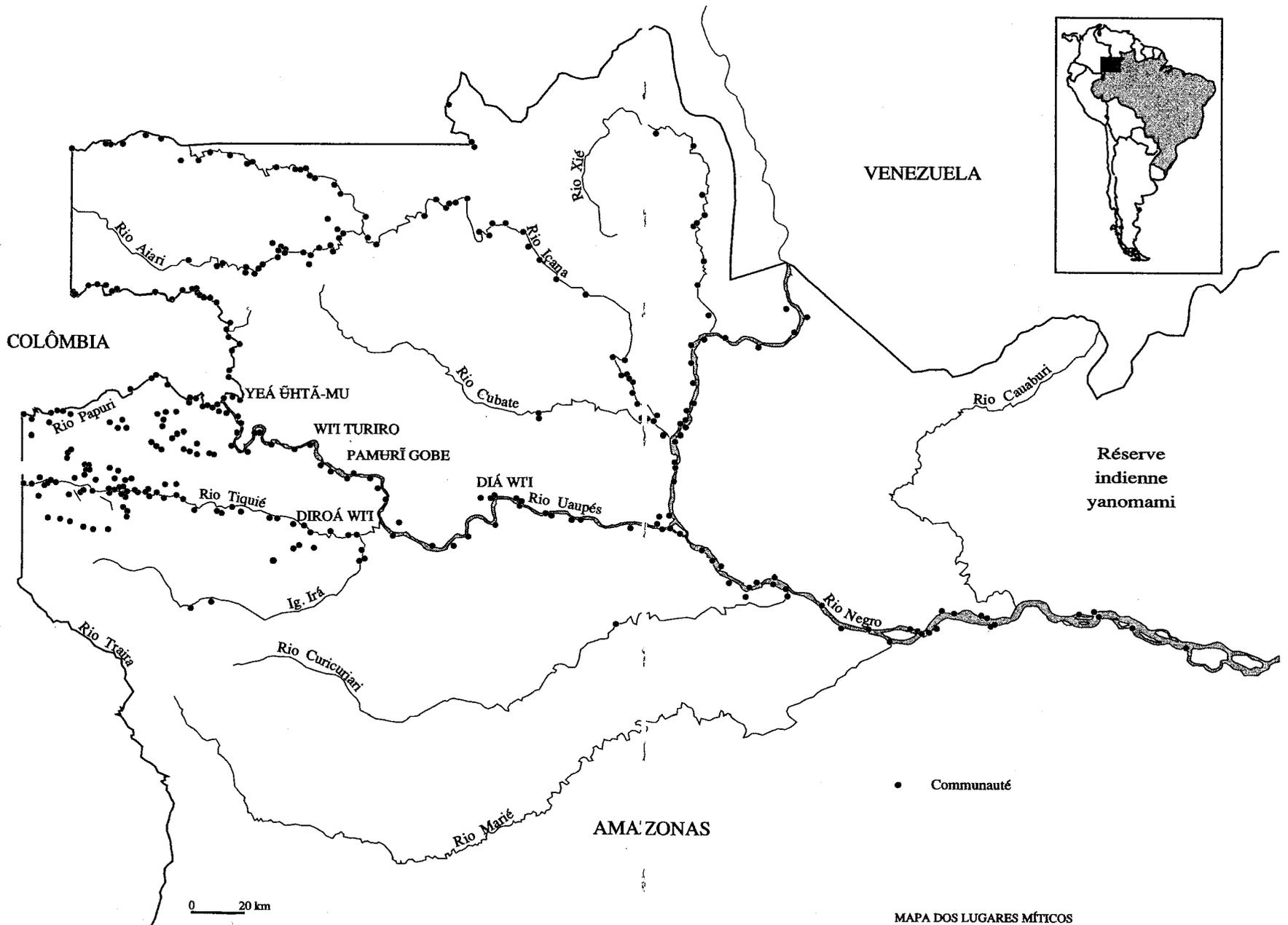
OS UMURÍ MAHSÃ SE TRANSFORMAM EM SERES HUMANOS

Quanto mais tempo passava, mais parentes havia na nossa terra como animais, aves, peixes, insetos, répteis etc. Os Umurí mahsã casavam com qualquer bicho da natureza. Os filhos pegavam sempre a forma da mãe, ou seja, se fosse filho de uma mulher cutia a criança era cutia, se fosse filho de uma mãe ave, ela era ave, se fosse filho de uma mãe peixe, ela era peixe e assim por diante.

O líder Buhsari gõãmu, cansando de ver que os Umurí mahsã estavam se acabando porque viravam animais através do seu casamento com mulheres-animais, procurou uma outra maneira de viver, como nós vivemos hoje em dia. Para iniciar a transformação dos seres humanos, ele entrou em contato com o Avô do Universo para receber informações e pedir-lhe seu apoio. Este lhe explicou várias coisas. Primeiro, que somente aqueles que tinham sangue da Gente do Universo iriam se transformar em seres humanos; segundo, que haveria duas cuias de transformação preparadas e benzidas por ele, uma no universo, a outra na terra; terceiro, que a transformação em seres humanos iria se iniciar na cuia do universo e de lá até a cuia da terra através do cipó tõpa; quarto, que se precisava de uma canoa grande para viajar até Pamurí gobe, o Buraco de Transformação²⁰⁶ por onde a futura humanidade iria sair para pisar na terra pela primeira vez; quinto, que se devia escolher sob qual forma de seres vivos seria iniciada a transformação da futura humanidade; sexto, que a transformação seria guiada pelo líder do universo, isto é, por Buhsari gõãmu e, por fim, que a transformação dos seres vivos em seres humanos aconteceria no período da enchente da Constelação de Tatu²⁰⁷.

206 - Na Cachoeira de Ipanoré, no Rio Uaupés.

207 - Pãmo puiuru, isto é, em fevereiro (N. do R.).



VENEZUELA

COLÔMBIA

Réserve
indienne
yanomami

• Communauté

AMA'ZONAS

0 20 km

MAPA DOS LUGARES MÍTICOS

Antes de chegar o tempo da enchente da Constelação de Tatu, Buhsari gõamu se reuniu com seus irmãos para escolher sob qual forma de seres vivos seria iniciada a transformação. Decidiram em conjunto pela forma de peixes.

Chegando a data marcada, o Avô do Universo abençoou a cuia do universo, dizendo:

— “Abepa koásoro, mahsã dotoari koásoro, mahsã sīyārī koásoro, umurī mahsã diro koásoro. Tōpa-dá, duhkapa-dá, duhka-nome-dá, duhka-bori-dá, diari-dá, ñiri-dá, dehko tōrī mērã dehko mesũ peopũ”.

— “Uhtābu koásoro, mahsã dotoari koásoro, mahsã sīyārī koásoro, umurī mahsã diro koásoro. Tōpa-dá, duhkapa-dá, duhka-nome-dá, duhka-bori-dá, diari-dá, ñiri-dá, dehko tōrī mērã dehko mesũ peopũ”.

— “Wayuku koásoro, mahsã dotoari koásoro, mahsã sīyārī koásoro, umurī mahsã diro koásoro. Tōpa-dá, duhkapa-dá, duhka-nome-dá, duhka-bori-dá, diari-dá, ñiri-dá, dehko tōrī mērã dehko mesũ peopũ”.

Isto é, traduzindo:

(Bacia de pedra preta, bacia de encarnação da Gente do Universo, bacia de ar puro, bacia de sangue da Gente do Universo. Cipó tōpa, (cipó) de fruta grande, (cipó) de fruta pequena, (cipó) de fruta branca, (cipó) de fruta vermelha, (cipó) de fruta preta, (eu) tempero com o suco das frutas essa bacia de pedra preta.

Bacia de pedra branca, bacia de encarnação da Gente do Universo, bacia de ar puro, bacia de sangue da Gente do Universo. Cipó tōpa, (cipó) de fruta grande, (cipó) de fruta pequena, (cipó) de fruta branca, (cipó) de fruta vermelha, (cipó) de fruta preta, (eu) tempero com o suco das frutas essa bacia de pedra branca.

Bacia de pedra wayuku, bacia de encarnação da Gente do Universo, bacia de ar puro, bacia de sangue da Gente do Universo. Cipó tōpa, (cipó) de fruta grande, (cipó) de fruta pequena, (cipó) de fruta branca, (cipó) de fruta vermelha, (cipó) de fruta preta, (eu) tempero com o suco das frutas essa bacia de pedra wayuku).

Depois, esticando o cipó tōpa, ele ligou a cuia do universo com a cuia da terra, abençoando:

— “Tōpa-dá, dūhka-dá, dūhka-nome-dá, mahsā dotoari dá, mahsā sīhārī dá, ũmurī mahsā diro dá, bori-dá, diari-dá, ñiri-dá, dehko torī mērã, dehko mesu peo, sīhāsã peopu”.

(Cipó tōpa, de fruta grande, de fruta pequena, cipó de encarnação da gente, cipó de sangue da Gente do Universo, cipó de cor branca, cipó de cor vermelha, cipó de cor preta, com o suco de frutas (eu) tempero a água do cipó e faço correr ar puro para baixo).

Depois, pegando a cuia da terra²⁰⁸ ele abençoou:

— “Koásoropa koásoro, mahsā dotoari koásoro, mahsā sīhārī koásoro, ũmurī mahsā diro koásoro. Tōpa-dá, dūhka-dá, dūhka-nome-dá, dūhka-bori-dá, diari-dá, ñiri-dá, dehko torī mērã dehko mesū peopu”.

— “Ñahsāpa koásoro, mahsā dotoari koásoro, mahsā sīhārī koásoro, ũmurī mahsā diro koásoro. Tōpa-dá, dūhka-dá, dūhka-nome-dá, dūhka-bori-dá, diari-dá, ñiri-dá, dehko torī mērã dehko mesū peopu”.

— “Bayerikopa koásoro, mahsā dotoari koásoro, mahsā sīhārī koásoro, ũmurī mahsā diro koásoro. Tōpa-dá, dūhka-dá, dūhka-nome-dá, dūhka-bori-dá, diari-dá, ñiri-dá, dehko torī mērã dehko mesū peopu”.

208 - Chamamos hoje em dia essa cuia da terra “Diá ohpekō dihtaru”, isto é, “Lago de Leite do Rio”. É na Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro.

— “Koásoro nomepa koásoro, mahsã dotoari koásoro, mahsã sîhãrî koásoro, umurî mahsã diro koásoro. Tõpa-dá, dahkapa-dá, dahka-nome-dá, dahka-bori-dá, diari-dá, ñirî-dá, dehko torî mërã dehko mesû peopu”.

Isto é, traduzindo:

(Bacia da fruta-cuia de esfera, bacia de encarnação da Gente do Universo, bacia de ar puro da Gente do Universo, bacia do sangue da Gente do Universo. Cipó tõpa, (cipó) de fruta grande, (cipó) de fruta pequena, cipó de fruta branca, cipó de fruta vermelha, cipó de fruta preta, (eu) tempero com o suco das frutas a água dessa bacia.

Bacia da fruta-maracá, bacia de encarnação da Gente do Universo, bacia de ar puro da Gente do Universo, bacia do sangue da Gente do Universo. Cipó tõpa, (cipó) de fruta grande, (cipó) de fruta pequena, cipó de fruta branca, cipó de fruta vermelha, cipó de fruta preta, (eu) tempero com o suco das frutas a água dessa bacia.

Bacia da fruta-cuia de benzer, bacia de encarnação da Gente do Universo, bacia de ar puro da Gente do Universo, bacia do sangue da Gente do Universo. Cipó tõpa, (cipó) de fruta grande, (cipó) de fruta pequena, cipó de fruta branca, cipó de fruta vermelha, cipó de fruta preta, (eu) tempero com o suco das frutas a água dessa bacia.

Bacia da fruta-cuia pequena, bacia de encarnação da Gente do Universo, bacia de ar puro da Gente do Universo, bacia do sangue da Gente do Universo. Cipó tõpa, (cipó) de fruta grande, (cipó) de fruta pequena, cipó de fruta branca, cipó de fruta vermelha, cipó de fruta preta, (eu) tempero com o suco das frutas a água dessa bacia).

Os Umurî mahsã, suas esposas-animais e seus filhos subiram por esse cipó até o céu. No céu, encarnando-se nesse cipó, eles

correram para baixo, como se fossem água desse cipó, até a cuia da terra. Lá, começaram a se amamentar com o leite de mama e o mel das frutinhas do cipó tōpa colocado pelo Avô do Universo através da oração. Transformaram-se então em peixes.

Logo após, o Avô do Universo abençoou o lugar onde os Ūmurĩ mahsã iam morar enquanto estivessem fabricando o barco de transformação:

— “Koásoropa wi’i, imipa wi’i, ūmurĩ wi’i, sīhãrĩ wi’ika, mahsã diro wi’i, mahsã dotoari wi’i, mahsã ohpekō wi’i sīhãrĩ peopu”.

(Maloca da fruta-cuia esfera, maloca da praia, maloca de ar puro da Gente do Universo, maloca de sangue da Gente do Universo, maloca de encarnação da Gente, maloca de leite da Gente do Universo (eu) faço correr ar puro).

Morando nessas malocas os Ūmurĩ mahsã, que tinham então a forma de peixes, começaram a fabricar a Canoa de Transformação, Pamurĩ yuhkūsiru. Essa Canoa de transformação se parecia com as lanchas dos Brancos de hoje: as cavernas entre as costelas representam as costelas do ser humano, o quilhão do barco, o seu espinhaço, a cobertura, a sua barriga e a tampagem, a sua pele. Eles construíram o barco com a madeira da árvore abiurana do rio e pintaram-na em seguida com tintas brancas, cinzentas e vermelhas²⁰⁹. Para os Ūmurĩ mahsã ela era uma canoa, mas na realidade era uma cobra. Por isso, os antigos a chamavam também de Pamurĩ pirō, isto é, “Cobra de Transformação”.

O barco ficou rapidamente pronto. Antes dos Ūmurĩ mahsã embarcarem nele para viajar, o Avô do Universo abençoou-o dizendo:

209 - Respectivamente em desana, bore, “tabatinga”, nihtĩ, “cinzas” e nugūyē, “carayuru”.

— “Pamurĩ yuhkusiru, umurĩ mahsã sîhãrĩ yuhkusiru, diro yuhkusiru, ohpekõ yukhusiru, sîhãrĩ yuhkusiru sîhãsã peopũ”.

(Canoa de Transformação, canoa de ar puro da Gente de Transformação, canoa de sangue da Gente de Transformação, canoa de Leite, (eu) faço correr ar puro).

Depois, o Avô do Universo esticou o cipó tōpa da Bacia da Guanabara até a Cachoeira de Ipanoré para que a Canoa de Transformação seguisse através desse cipó. Deu-lhe o nome de sũmu sîgã-dá, isto é, “cipó de cordão umbilical”, para que esse cipó acompanhasse o crescimento da Gente do Universo, para que ela ficasse sadia. Deu-lhe também o nome de ohpekõ sũmu sîgã-dá, isto é, “cipó de cordão umbilical de leite”, para que esse cipó amamentasse a Gente do Universo durante a viagem.

Os Umurĩ mahsã embarcaram então na Canoa de Transformação abençoada pelo Avô do universo. Foram com eles os animais e os peixes verdadeiros. O barco partiu em direção ao norte, debaixo da água²¹⁰. Com a língua, a cobra abria um canal na terra para passar. Fazia isso com sua língua de leite e de mel das frutinhas tōkana. Por isso, os rios que abriu com a língua são todos de água doce. O barco estava cheio de leite e de mel das frutinhas tōkana. Com esse leite e esse mel, os Umurĩ mahsã estavam crescendo durante a viagem, como a criança se desenvolve na barriga da mãe. Cada noite, o barco parava numa Maloca de Transformação (Pamurĩ wi'i) onde deixava alguns animais e peixes verdadeiros para morar. Fazendo isso, o líder já estava dividindo o terreno entre eles. Por isso, em cada lugar, há animais e peixes diferentes²¹¹.

210 - A Canoa de Transformação era guiada por Buhsari gōãmũ e Deyubari gōãmũ.

211 - Por exemplo, no igarapé Cucura, afluente da margem esquerda do Rio Tiquié, não há piraíba, aracu pintado, aracu de cinza, etc., que somente vivem nos rios.

O Barco de Transformação subiu até o atual Belém do Pará pelo mar e, de lá, entrou no Rio Amazonas²¹² e, em seguida, no Rio Negro²¹³. Os Umurĩ mahsã pernoitaram em várias malocas. Entre elas, há cinco malocas sagradas que os velhos sempre invocam quando dão o nome a uma criança recém-nascida. A primeira maloca cerimonial é Koásoro mome wi'i, "Maloca das Crianças". Ela fica no litoral brasileiro. É nessa maloca que a Gente do Universo tomou pela primeira vez aparência humana, em forma de crianças. Até aí, tinham forma de peixes.

A segunda maloca importante é Bayeriko wi'i koásoro mome wi'i. É a maloca dos jovens de 12 a 15 anos de idade. Fica no nordeste brasileiro, no meio de uma ilha grande.

A terceira maloca cerimonial é Ñahsãpa koásoro wi'i²¹⁴. É a maloca das mulheres, isto é, onde as mulheres tiveram sua primeira menstruação. Foi nesse lugar que as cobras e os monstros quase acabaram com os Umurĩ mahsã, jogando contra eles o que os Brancos chamam pororoca. Fizeram isso porque não agüentaram o cheiro do sangue menstrual. Todavia, com os poderes do Avô do Universo eles conseguiram passar. Essa Maloca das mulheres fica na boca de uma lha grande, próximo à foz do Rio Amazonas.

Prosseguindo a viagem, o barco entrou no Rio Amazonas e, depois no Rio Negro. Chegaram então em Tëña wi'i, isto é, "Maloca dos Cunhados", a quarta maloca mais importante para os Desana. Foi nessa maloca que o líder fez a Gente do Universo falar várias línguas e onde eles ficaram como cunhados. Nessa maloca, ele se reuniu com os Umurĩ mahsã para decidir em conjunto como conseguir cunhados.

212 - Ohpekõ sũmume, isto é, "Rio de Espuma de Leite".

213 - Ohpekõ diá, isto é, "Rio de Leite".

214 - Essa maloca tem a forma de uma maracá, daí seu nome.

— “Ter cunhados que falam a mesma língua não adianta”, diz ele.

Por isso, os outros disseram que seria melhor criar outras línguas para que se pudesse distinguir os cunhados dos parentes. O líder concordou com essa idéia. Primeiro, ele abençoou o ipadu, depois o cigarro e, por fim, o caapi. Ele fez isso para trocar as línguas dos ʘmuri mahsã. Assim, ao invés de fazer aparecer visões de cores diferentes, ele faria aparecer várias línguas, as línguas que nós falamos hoje em dia, como o tukano, o desana, o tuyuka, o bará, o miriti-tapuio e assim por diante.

Fizeram uma grande festa. De noite, chegou a hora de dançar gahpi bayabu, “a dança de caapi”. Antes dos ʘmuri mahsã iniciarem a dança e o canto, ele os fez fumar o cigarro e comer o ipadu abençoados. Os homens estavam sentados esperando a cuia de caapi. Depois, eles começaram a cantar e a dançar os kapiwaya, ficando logo embriagados. Sob o efeito do caapi, cada homem começou a inventar uma língua. Deu uma confusão danada: ninguém entendia mais ninguém. Quando amanheceu, os ʘmuri mahsã já haviam esquecido a sua língua original, passando a falar a língua que haviam criado durante a embriaguês de caapi. Somente o líder dos ʘmuri mahsã conservou a língua original, isto é, o desana. Com a mudança das línguas, os ʘmuri mahsã passaram a se chamar Pamuri mahsã, isto é, “Gente de Transformação”. Hoje em dia, essa maloca tem o nome de Temeda wi’i.

Foi nesse lugar que eles deixaram o resto dos animais e dos peixes verdadeiros que não iriam se transformar em seres humanos²¹⁵. Naquele lugar, deve ter todas espécies de peixes e de animais. Somente ficaram no barco aqueles que iam se transformar em seres humanos.

215 - Todos os animais e os peixes deixados nessas malocas subterrâneas viraram wai mahsã, “gente peixe”. Eles têm muita inveja da gente pelo fato de não ter tido a possibilidade de também se transformar em seres humanos.

Depois de ter trocado as línguas, os ʘmuri mahsã embarcaram de novo na canoa e prosseguiram a viagem, entrando no Rio Uaupés²¹⁶. Muitos dos seres vivos que moravam nesse rio tinham inveja dos ʘmuri mahsã. Como Nahsi-pĩrõ, isto é, a “Cobra-tucano” que queria devorá-los assim que eles passassem perto dele. Mas Deyubari gõãmu, que já sabia disso, saiu do barco e foi na frente para matar a cobra. Matou-a com a zarabatana e o veneno que havia usado quando matou Bohse-pĩrõ. Isto aconteceu no lugar atualmente conhecido pelo nome de sítio São Pedro.

Por fim, depois de vários meses, eles chegaram em Koásoropa wi’i, “Maloca dos Adultos”, já com corpo humano. Essa maloca é também chamada Sīgãbu wi’i, “Maloca dos Conjuntos de Caapi”, Bayabuya wi’i, “Maloca dos Enfeites”, sendo mais conhecida com o nome de Diá wi’i, “Maloca do Rio”. É a quinta maloca mais importante. Ali, fizeram uma grande festa, a festa de despedida de sua vida anterior. Durante essa festa, sob as visões de caapi, o líder da transformação Buhsari gõãmu recebeu algumas informações do Avô do Universo sobre o que iria acontecer na chegada em Pamuri gobe, isto é, no Buraco de Transformação. Assim, ele soube que ninguém poderia sair na terra abençoada pelo Avô do Universo com venenos; que os Pamuri mahsã iriam achar na Praia de Transformação vários enfeites destinados aos líderes; que eles encontrariam cinco cuias diferentes; que achariam também duas cuias especiais: a “cua de pele branca” (bore pũri koásoro) que serviria para limpar a sujeira da água e a “cua para mudar de pele” quando for velho (suri weri koásoro), isto é, a cua da vida eterna. Avisou-lhe, por fim, que haveria um chapéu que os líderes deveriam usar, já que continha inteligência e, também, uma espingarda com a qual eles deviam atirar no ar para ter progresso.

216 - Diápaya em desana.

Depois dessa festa, os Pamurĩ mahsã embarcaram de novo na Canoa de Transformação e prosseguiram a sua viagem no Rio Uaupés, até Ipanoré. Chegaram na enchente chamada Pũ pĩuru, isto é, “Enchente de Folha”, depois de nove meses de viagem sub-aquática. Antes do barco atracar no porto, o Avô do Universo abençoou a terra assim:

— “Suñeba, ohpekõba, mome kãrēba, sñhãpeopu”

(Terra doce, terra de leite, terra de mel de abiu, (eu) faço (nela) correr ar puro).

O barco encostou então no Pamurĩ gobe, “Buraco de Transformação”, que, para eles, era como uma porta através da qual eles pisariam na terra.

O Avô do Universo estava esperando. Como ninguém podia sair com venenos, paricás e sopros de matar na terra abençoada com coisas boas pelo Avô do Universo, o líder dos Ūmurĩ mahsã, que carregava consigo o cesto de venenos que havia obtido com muito sofrimento antes de se transformar nos Diroá²¹⁷, decidiu ficar no universo para procurar uma outra maneira de continuar a mandar os seus irmãos. Ele passou então o cargo de liderança para o seu irmão Deyubari gõãmũ. Este ficou assim comandando a saída por terra dos Pamurĩ mahsã através do Buraco de Transformação. Ele ficou como líder dos Pamurĩ mahsã. Posteriormente, ele será chamado Wauro, sendo o líder do grupo Tukano atual.

Os marinheiros da canoa de transformação eram os Maku. Aquele que estava na proa da embarcação correu para sair primeiro através do Buraco de Transformação, mas o Avô do Universo o segurou e o empurrou pelo pé para dentro do buraco. Por isso, os Maku foram os últimos a sair.

217 - Ver pp. 107.

Logo depois, os Pamurĩ mahsã começaram a sair por terra, cada líder saindo já com os seus kumu e os seus servos. Depois de abençoá-los, o Avô do Universo começou a entregar-lhes os brincos e os colares de dança, conforme havia avisado para o líder da Transformação.

O primeiro a sair da canoa foi Wauro, que recebeu das mãos do Avô do Universo uma bola de penugem de multiplicar gente, a lança-chocalho, o escudo, os enfeites de dança, o colar de ouro amarelo e o colar de miçangas chatas²¹⁸.

O segundo a sair da canoa de transformação foi Kisibi, futuro Dura, que também recebeu enfeites e colares do Avô do Universo: quatro colares dahsiri, dois pares de brincos amarelo e vermelho²¹⁹, assim como um par de flautas ãhõno enfeitadas com miçangas, um conjunto de acangataras e, por fim, a lança-chocalho.

Todos os Pamurĩ mahsã saíram da Canoa de Transformação, cada um recebendo enfeites e colares, à exceção dos dois últimos. O penúltimo a sair da canoa foi o Branco e o último, o Maku, como já dissemos. Os dois não receberam nada do Avô do Universo.

Depois que todo mundo saiu do buraco de transformação, o Avô do Universo mostrou para os Pamurĩ mahsã cinco cuias: mahsã dotoari koásoro, “cuia de gerar filhos”, tōkanako koásoro, “cuia de mel de tōkana” para formar sangue, ohpekō koásoro, “cuia de leite de mama” para amamentar a futura geração, sihãĩ koásoro, “cuia de ar puro” para a futura geração respirar ar puro e weri koásoro, “cuia de remédios” para a humanidade viver sadia. Ao lado dessas cuias, havia uma

218 - Respectivamente, em desana, wĩhtō goro mahsã poreri goro, yegu, wabero, bayabuya, abepaparu e ñagĩ poada.

219 - Respectivamente, abepa mihĩ e mēgã diari poa mihĩ.

espingarda e um chapéu. Aquele que pegaria a espingarda teria o poder de fabricar e industrializar. O chapéu iria lhe proporcionar a inteligência técnica. Ele era o companheiro da espingarda. Por fim, ao lado do chapéu, havia duas cuias especiais: bore pūrī koásoro, “cua para ter a pele branca” e suri weri koásoro, “cua para mudar de pele quando for velho”. Em outras palavras, era a cua da vida eterna. Os Pamurī mahsã lamberam o conteúdo das cinco primeiras cuias com uma folha de tōkana, mas não desmonstraram nenhum interesse para a espingarda e o chapéu. Deixaram também de lamber o conteúdo das duas últimas cuias.

Aquele que ia ser o ancestral dos Brancos lambeu também as cinco primeiras cuias. Vendo que ninguém havia tocado as duas últimas cuias, ele se aproximou delas. Todavia, vendo na beira da cua da vida eterna jararacas, aranhas, baratas e outros animais e insetos peçonhentos, ele não teve coragem de lamber o seu conteúdo. Depois, ele foi se limpar na cua para ter a pele branca. É por isso que, hoje em dia, o Branco tem a pele do seu corpo branca. Como ele não havia recebido nada das mãos do Avô do Universo, e vendo o desinteresse dos seus companheiros para a espingarda e o chapéu, ele foi pegá-los. Logo, ele atirou no ar com a espingarda e botou o chapéu na sua cabeça. De fato, o Avô do Universo queria que Kisibi ou Wauro pegasse a espingarda e o chapéu. Por isso, vendo o ancestral dos Brancos se apropriar dessas coisas, ele ficou com raiva e o chutou para fora do lugar, o expulsando em direção ao sul.

Vendo que o Branco tinha se lavado na cua borepūrī, e que não devia-se temer nada, os líderes se precipitaram perto dela para também se limpar. Mas sobrava pouca água! O Branco, de fato, havia passado no seu corpo quase toda a água dessa cua. Somente deu para eles passarem um pouco de água no seu corpo e molhar a palma das mãos e a planta dos pés.

Quando o ancestral dos Pretos se aproximou, por fim, da cuia para fazer a mesma coisa que os outros, a cuia estava sem água. Por isso, ele somente pôde esfregar a palma das suas mãos e a planta dos seus pés. Depois disso, o Avô do Universo entregou na mão do Maku um arco com as flechas e o mandou para o mato. O ancestral dos Maku se dirigiu então para a cabeceira do igarapé Cabari, afluente do Rio Uaupés.

Cada um se dirigiu então para o seu lugar. Liderados por Kisibi, os Desana se dirigiram para o igarapé Macucu, afluente do Rio Papuri. Lá, começaram a preparar a sua morada. Vendo que o lugar estava bom para morar, ajeitaram os seus instrumentos musicais, os seus enfeites e começaram a treinar, tocando as flautas sagradas e cantando os cantos de kapiwaya.

Um dia, quando todo mundo já sabia cantar e tocar as flautas, os líderes dos Desana, Kisibi, Diakara, Diakuru e Wahori se reuniram à proximidade da maloca para abençoar os instrumentos musicais e os enfeites cerimoniais. Nesse local, os amontoaram e defumaram com cigarro e breu. Naquele momento, apareceu no meio da fumaça do breu um homem, carregado de um cesto cheio de paricás e de outros venenos, que ninguém conhecia. Ele não disse nada, esperando que eles iniciassem a conversa. Ofereceram-lhe um banco para sentar. Ele aceitou. Um dos líderes o chamou então de “Kāmi”, isto é, “Irmão menor”, mas ele continuou calado. Então Kisibi, que era o líder de todos os Desana, disse-lhe:

— “Ariarimũ gãmũ?”, isto é, “Você chegou Irmão maior?”
Ouvindo isso, o estranho respondeu:

— “Ariabũ kamisã”, isto é, “Cheguei, meus irmãos menores”. Depois, eles o levaram para dentro da maloca. Eles queriam saber de onde ele vinha e para qual fim ele estava ali. O homem disse que ele era ʘmũrĩ tōrãmũ, quer dizer, “o universo se enrolou para virar gente”. Ouvindo isso, os seus irmãos disseram:

— “O seu nome será Tōrāmū”.

No fim, eles se deram conta de que ele era o líder suprêmo dos Ūmūrī mahsã e que era ele que os comandava antes da saída por terra em Ipanoré. Como ele estava chegando do universo, os Desana tomaram de novo o nome de Ūmūrī mahsã. Os Desana são também chamados pelos outros grupos Uhpī mahsã, isto é, “Gente veneno”, visto que Tōrāmū trouxe consigo o cesto de venenos e ensinou para os outros líderes dos Desana os meios de estragar os outros. Enquanto Tōrāmū estava explicando isso a eles, os líderes dos Desana lhe ofereceram a cuia de farinha de milho, bem como um cigarro que ele havia abençoado para eles serem kumu, isto é, sábios. Ele trouxe tudo isso do universo. Comendo a farinha de milho e fumando o cigarro, os líderes dos Desana começaram a criar idéias.

Tōrāmū lhes ensinava cada noite os mitos, os sopros para curar, bem como os meios de estragar uma outra pessoa. Ele ensinava isso pouco a pouco. Os líderes dos Desana passaram assim muito tempo estudando com ele. Tōrāmū queria que eles fossem tão sábios quanto ele. Nesta época, os líderes dos Desana eram cinco: Tōrāmū, o líder suprêmo, Kisibi, o segundo líder, Diakara, o terceiro e Diakuru, o quarto. Wahori era o quinto líder.

Durante o aprendizado dos líderes, a serva de Tōrāmū ficou grávida. Ninguém sabia quem era o pai do nenê. Depois da criança nascer, Tōrāmū ajudou a serva a criá-la. Todavia, um dia, cansado de cuidar do nenê, ele resolveu procurar seu verdadeiro pai. O menino já estava engatinhando. Depois de comer quinhapira, Tōrāmū fez os líderes dos Desana formarem uma roda e botou o menino dentro dela. Depois, ele correu para ocupar um lugar na roda. Ele explicou então para os outros que o pai será aquele no qual o menino encostar. Como a criança

conhecia Tōrām̄ mais do que os outros, já que este cuidou dele deste o seu nascimento, ele correu logo na sua direção, sentando-se no seu colo. Vendo isso, os outros disseram:

— “Não quebra a sua palavra, essa criança é seu filho!”

— “Eu não fiz, talvez eu fiz em sonho²²⁰!”, respondeu ele.

Os outros disseram então:

— “Tōrām̄ Kēhōrī será o nome dessa criança”.

Os irmãos de Tōrām̄ queriam que a criança ficasse como primogênito dos seus filhos, mas o líder supremo não aceitou isso por ele ser filho de uma serva. No entanto, diz que Tōrām̄ Kēhōrī seria o sexto líder dos Desana. Ouvindo isso, Wahori não gostou, considerando que filho de líder deve assumir o cargo do pai.

Tōrām̄ continuava a negar as propostas dos seus irmãos. Vendo isso, Wahori decidiu ceder para Tōrām̄ Kēhōrī a sua posição de quinto líder. Ele fez isso porque queria ser o líder supremo dos avós²²¹ dos líderes. Por isso, ele passou a ser o sexto líder dos Desana.

Depois disso, Tōrām̄ prosseguiu o seu ensino para os seus irmãos. Quando terminou o ensino, mandou que as mulheres preparassem caxiri para a festa de kapiwaya. Para essa festa ele preparou caapi, misturando-o com dois paricás usados para ser pajé²²² que ele havia trazido do universo. No dia da festa, enquanto tomavam caapi, os líderes dos Desana começaram a ter visões de pajé. Foi a maneira encontrada por Tōrām̄ para transformar os seus irmãos em pajés. No dia seguinte, ele lhes

220 - Iribu kērōgē iriya em desana.

221 - Ñēhkūsūma em desana, ou seja, os kumu, o guardião das coisas sagradas e os servos dos líderes (N. do R.).

222 - Gūrūyē wīhō, “paricá de carayuru” e gahsiri wera wīhō, “paricá de casca de árvore”.

fez cheirar vários paricás: gūrūyē wīhō, “paricá de carayuru”, nihtī wīhō, “paricá de cinza”, bore wīhō, “paricá de tabatinga” e gahsiri wera wīhō, “paricá de casca de árvore”. Eles tiveram que jejuar durante três meses. Depois disso, já eram pajés. Depois de um certo tempo, ele os fez cheirar o paricá ye baari wīhō, isto é, o “paricá de virar onça”. Esse paricá se encontrava num tipo de frasco chamado em desana abeseri, isto é, “pênis da lua”. O frasco tinha a forma de um tubo enrolado, como lembrança da maneira pela qual Tōrāmū havia chegado na terra para se transformar em ser humano a fim de poder continuar a dirigir os seus irmãos.

Os líderes dos Desana cheiraram somente uma vez o paricá de virar onça. Nas suas visões, foram até o pé da tucunzeira do universo²²³. Deviam tirar as folhas dessa árvore. Para fazer isso, Tōrāmū deu a cada um deles um cabo de enxó. Na extremidade do cabo, havia uma linha de tucum do universo. O líder ficou de oferecer um dos dois frascos de veneno que ele possuía, bem como um brinco de pedra verde transparente²²⁴, a quem fizesse cair de uma só vez com o seu cabo de enxó seis folhas de tucum. O brinco tinha a forma de uma concha e servia para provocar malária e sarampo. O frasco de veneno era feito com o caroço de tucum do universo²²⁵ e continha cinzas. Essas cinzas eram usadas em tempo de guerra para deixar os inimigos paralisados de modo a matá-los sem que eles reagissem. Logo, os seis líderes formaram uma fila para fazer cair seis folhas da tucunzeira do universo com seu cabo de enxó. Tōrāmū foi o primeiro a tentar acertar as folhas. Mas não conseguiu. Os quatro líderes seguintes, isto é, Kisibi, Diakara, Diakuru e Tōrāmū Kēhōrī, também não acertaram. Então, Wahori, o

223 - Essa tucunzeira não existe no universo.

224 - Ńahpā mihī koro em desana.

225 - Ūmāri kā duhka űo kā duhka karu, em desana.

último deles, isto é, o sexto líder dos Desana, atirou o cabo de enxó bem na direção das folhas, conseguindo fazer cair de uma só vez as seis folhas. Conforme havia prometido, Tōrāmū deu-lhe um dos seus frascos de veneno bem como o brinco de pedra verde transparente. Depois disso, os líderes tiraram a fibra de tucum, enfiando-a nos dois buracos de um tipo de disco de pedra chamado em desana uhtābose e enrolando as extremidades da fibra dobrada ao redor de duas serras: Abe murī mahā dihsi maturu, no nascente e Abe yāri mahā dihsi maturu, no poente. Quando estavam fiando, passavam no fio um pouco de leite de tururi para segurar os pelos de macaco. Depois de fiar, todos sentaram-se para tecer. Antes de iniciar o trabalho, Tōrāmū disse:

— “Eu vou tecer para mim uma pele de onça branca de aracu”.

— “E eu vou tecer para mim uma pele de onça cheia de desenhos”, falou Kisibi.

— “Eu vou tecer para mim uma pele de onça com desenho de carçoço de tucumã”, continuou Diakara.

— “Eu vou tecer uma pele de onça com desenho de carçoço da fruta bugu”, falou Diakaru.

— “Eu vou tecer para mim uma pele de onça branca”, disse Tōrāmū Kēhōri.

— “Eu vou tecer para mim uma pele de onça de cabeça chata²²⁶”, falou por fim Wahori.

A partir desse momento, os líderes dos Desana passaram a se chamar pelo nome da pele de onça que haviam tecido, ou seja Boreka para Tōrāmū, Duru para Kisibi, Sūmeyeri para Diakara, Dihputiro para Wahori e assim por diante. O nome da pele de onça ficou também como denominação do grupo de cada um deles. Quando as peles de onça ficaram prontas, os

226 - Respectivamente em desana, boreka ye, duru ye, sūmeyeri ye, buguyeri ye, ye bori ye e ye dihputiro ye.

líderes dos Desana as vestiram para começar o seu trabalho. Eles costumavam atacar grupos que moravam longe da sua maloca. Chegando perto da maloca que haviam escolhido, eles procuravam saber, através de um tipo de espelho mágico, chamado em desana komepi diuru, isto é, “espelho de breu”, onde se encontrava o tuxaua daquela maloca. Com efeito, com esse espelho eles podiam ver dentro da maloca. As onças preferiam atacar os tuxauas que ficavam sempre no meio do seu grupo. Calculando a distância, eles jogavam então o cabo de enxó na direção da maloca, o segurando por uma linha de tucum do universo. Guiavam o cabo de enxó através do espelho mágico. Quando o cabo de enxó entrava na maloca, ele tinha a forma de um beija-flor*. Por isso, ninguém se espantava ao ver um beija-flor. Todavia, quando este se aproximava do tuxaua, ele se transformava logo numa onça e o agarrava. Naquele momento, o pajé que estava guiando o cabo de enxó para fora da maloca, o atirava de volta pela linha de tucum do universo. O cabo de enxó saía então para fora da maloca gritando “ye baakumi”, isto é, “a onça está me comendo” e levando o tuxaua que abandonava num lugar para as onças verdadeiras comê-lo.

Os líderes dos Desana cheiraram esse paricá de virar onça uma única vez, mas o seu efeito durou seis meses. Todos os dias, eles saíam da maloca para fazer esse tipo de trabalho, voltando somente na boca da noite. Viviam, nessa época, numa maloca separada dos outros, sendo cuidados por uma menina de uns dez anos que lhes dava de comer farinha de tapioca e manicuera. Somente disso é que eles se alimentaram durante esses seis meses! Quando eles saíam para fazer esse trabalho, deixavam os seus corpos físicos dentro da sua rede: pareciam mortos, com os olhos virados para trás e o corpo seco, cheio de mofo. Pareciam esqueletos. Todavia, quem os encontrava no caminho os via com a mesma aparência física que conheciam. Quando eles encontravam uma pessoa, colocavam a pele de

onça no seu ombro. É somente antes de atacar uma maloca que eles usavam essas peles de onças. Quando eles não as usavam, as colocavam dentro de duas serras: Wagaro wi'i, localizada na cabeceira do igarapé Turi, afluente do Rio Papuri e Suriru wi'i, no alto Uaupés, na Colômbia, próximo de Mitu.

Quase no final dos seis meses, eles começaram a roubar as mulheres nas malocas distantes para casar com elas, logo após o término do seu aprendizado como pajé. Eles faziam isso de noite. Nessas ocasiões, eles não matavam ninguém, só espantavam o pessoal da maloca. Quando atacavam uma maloca para roubar-lhe a sua mala de enfeites, faziam isso durante o dia. Nessas ocasiões, eles matavam o tuxaua que é o guardião da mala de enfeites. No resto do tempo, passeavam no mato, tocando as suas flautas e demais instrumentos musicais.

Depois de três anos, eles tornaram a cheirar o paricá de virar onça. Era, desta vez, para formar a juventude como pajé. Os Desana usaram esse paricá durante vários anos, matando dessa forma numerosos tuxauas para roubar-lhes a mala de enfeites.

Com o tempo, a maloca do igarapé Macucu se encheu de gente. Então, o filho de Boreka resolveu dividi-los em vários grupos. Na primeira divisão ficou assim: Boreka, Dura, Sūmeyer, Buguyeri e Ye bore. Boreka ficou como líder supremo de todos. Todos esses líderes ficaram morando juntos na mesma maloca. Numa outra maloca, foram viver os avós dos líderes, ou seja os wi'iseri kumu bem como o avô das coisas sagradas. Estes estavam liderados por Wari Dihputiro, o sexto líder dos Desana, que passou a morar com eles. Os avós deviam prestar serviços ao grupo dos líderes quando fosse preciso. Para consolar o seu irmão Wari Dihputiro, que teria de viver separadamente dos outros líderes, Boreka lhe deu um par de brincos de ouro amarelo, um par de colares dahsiri, assim como uma flauta ãhõno enfeitada com miçangas. Por fim, ele lhe deu também um grupo de servos para seu uso pessoal, os Oyoa dayana.

Depois de muito tempo, a maloca de Boreka ficou cheia de gente. Por isso, Boreka decidiu dividi-los de novo, cada liderança com o seu grupo devendo passar a morar numa outra maloca. Os descendentes de Boreka, isto é, os Boreka pōrã, ficaram numa maloca tendo como os seus servos os Oyo wuana; os descendentes de Dura ficaram como segundo grupo, tendo como servos os Gãinoa. Eles foram viver numa maloca separada. Assim fizeram também os descendentes dos outros líderes dos Desana: os descendentes de Sūmeyerí ficaram como terceiro grupo, tendo como servos os Mimi wuana. Os Buguyeri pōrã ficaram como quarto grupo, tendo como servos os Mimi dayana. Por fim, os Ye bore pōrã ficaram como quinto grupo, tendo como servos os mesmos servos de Boreka.

Antes dos líderes irem morar com o seu grupo numa outra maloca, Boreka deu para cada um deles um acangatara e um cinto de dentes de onça que se usam nas danças de kapiwaya. Como Wari Dihputiro morava numa maloca separada dos outros, já que ele estava com os avós, Boreka se esqueceu de lhe dar também os enfeites de penas e o cinto de dentes de onça. Sabendo da distribuição de Boreka, e não tendo recebido nada, Wari Dihputiro foi cobrar a sua parte de Boreka. Mas este o recebeu muito mal. De raiva, Wari Dihputiro decidiu fazer do seu grupo um grupo independente daquele dos líderes, guardando junto com ele os kumu mais sábios e poderosos. Voltando para a sua maloca, ele começou a dividir o seu grupo: como líder suprêmo ficou Wari Dihputiro; o líder do segundo grupo foi Bihtiri niani, do terceiro Sorobu sāyana, do quarto Poeié e do quinto Sipiá. Ele também dividiu os grupos de kumu em Wahsupu pōrã, Yuhugu pōrã, Toapiana pōrã e Toroyuhkã pōrã. Como avô das flautas sagradas, ele colocou Pūbora. Por fim, ele ficou com os servos Oyoa dayana e Pahsá wīna. Os grupos de Boreka até Wari Dihputiro são todos grupos primitivos. Deles, originaram-se vários grupos menores com apelidos.

Com aquela divisão do seu grupo, Wari Dihputiro ficou como chefe de todos os avós. Ele ficou inimigo de Boreka. Tinha tanta raiva dele que começou a usar o brinco de pedra verde ñahpá para provocar malária e sarampo. Como ele não possuía os enfeites de dança dos kapiwaya que os outros líderes haviam recebido das mãos de Boreka, ele procurou conseguí-los usando, para isso, o frasco de veneno que havia ganho de presente de Boreka depois de ter conseguido fazer cair seis folhas da tucunzeira do universo. As cinzas serviam para paralisar o inimigo que, desse modo, não conseguia mais se defender. Ele e o seu grupo iam sempre atacar malocas distantes, na Colômbia, isto é, as malocas dos Eruria, Suria, Munea, Pamoá, Kawiria etc. para roubar deles as malas de enfeites. Desta forma, eles conseguiram muitos enfeites. Os outros os amaldiçoaram. Por isso, Wari Dihputiro não teve mais lugar fixo por onde morar.

Ele e seu grupo ficaram um tempo no igarapé Macucu. Depois, passaram a morar no lugar chamado Koaravero, na cabeceira do igarapé Urucu, afluente do Rio Papuri. Ficaram lá durante muito tempo até que, um dia, eles foram atacados por Brancos que levaram todo o pessoal da maloca de Wari Dihputiro, inclusive os servos Oyoa dayana e os kumu. Os Brancos os levaram através de um caminho que ligava a cabeceira do igarapé Urucu até o povoado atual de Santa Luzia, no Rio Tiquié. Somente conseguiram escapar dos Brancos o irmão do tuxaua chamado Kisibi, bem como a sua esposa e os seus velhos pais. Ele voltou da caça depois que os Brancos haviam levado os seus parentes. Fazia pouco tempo que ele estava casado. Quando a sua mulher estava grávida do terceiro mês, ele pegou uma doença terrível e morreu. Sabendo da morte do seu parente, o tuxaua do grupo Sūmeyerí, irmão maior de Wari Dihputiro, amigou-se com a mulher gestante. Ele a levou para morar no Rio Papuri, no lugar atualmente conhecido como

Santa Teresita. Fica na margem esquerda deste rio, no lado colombiano. Quando o nenê nasceu, deu-lhe o nome de Dihputiro Wahori. O tuxaua Sãmeyeri o criou até a idade adulta.

Um dia, Wahori soube que os Pahsá wina, isto é, os servos do grupo Desana que moravam numa maloca separada dos seus mestres, haviam atacado o seu avô na maloca Koaravero, onde o velho havia ficado com a sua mulher. Sabendo disso, ele resolveu vingá-lo na hora. Por isso, ele foi pedir para o seu padrasto que o liberasse. O padrasto ordenou que voltasse perto de seu avô. Quando Wahori chegou na maloca de Koaravero, ele viu o avô com o corpo inteiro cortado. O velho chorou muito ao ver o neto pela primeira vez. Depois de falarem muito, Wahori pediu ao velho o frasco de veneno que ele queria usar na hora de atacar a maloca dos Pahsá wina. Quando ele atacou a sua maloca com os seus irmãos do grupo Sãmeyeri, ele não deixou ninguém escapar: matou velhos, homens adultos, mulheres e crianças. Somente deixou vivas as cinco mulheres más bonitas da maloca para ficarem como suas esposas. Ele ficou morando com as cinco. Algum tempo depois, escolheu a mais bonita das cinco mulheres para ficar como sua esposa verdadeira. Depois que as mulheres se acostumaram a viver com ele, ele mudou de lugar, passando a morar em Diakara dihtaru, isto é, na Lagoa dos Patos. Essa lagoa fica na cabeceira do igarapé Ingá, afluente do igarapé Urucu. Lá, ele teve vários filhos com as cinco mulheres. Antes de morrer, ele resolveu reformar o grupo Wari Dihputiro através dos filhos dessas cinco mulheres.

Ele teve com a esposa verdadeira três filhos, dos quais um morreu. Os dois outros, que se chamavam Wahori e Kisibi, ficaram como líderes de todos os outros irmãos, passando a chamar-se Dihputiro põrã, isto é, “Descendentes de Dihputiro”. Kisibi era um menino muito caprichoso. Por isso, o seu pai o

mandava sempre preparar “iscas para pegar onças”. Assim, ele ficou conhecido pelo apelido de Āhūrō, isto é, “isca” em desana. Seus descendentes ficaram com o nome de Āhūrō pōrā. Na realidade, eles são Dihputiro pōrā.

A segunda mulher teve dois filhos: o primeiro recebeu o nome de Bihtiri niani, o segundo de Sorobu sāyana.

A terceira mulher também teve dois filhos: o primeiro recebeu o nome de Poeié e o segundo de Sipiá.

A quarta mulher teve quatro filhos: o primeiro recebeu o nome de Wahsupu, o segundo de Yohogu, o terceiro de Toapiagu e o quarto de Toroyuhku. São todos kumu.

A quinta mulher somente teve um filho, sendo as outras crianças mulheres. Ele fez desse único filho o avô das coisas sagradas.

Por isso, hoje em dia, todos esses grupos dizem que são Dihputiro pōrā.

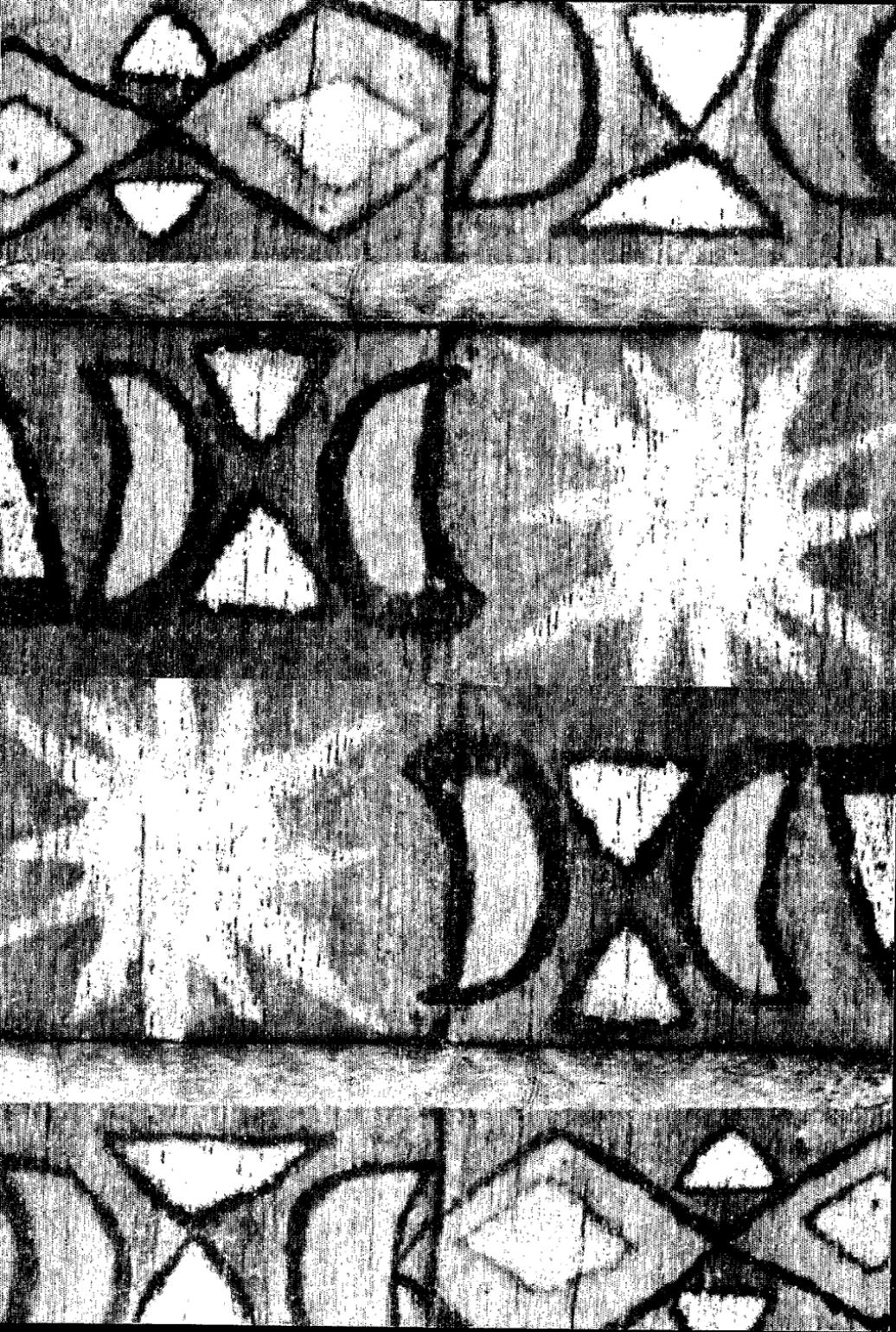
Faltavam os servos! Como ele não tinha mais nenhum filho para colocar nesse lugar, ele começou a empregar os Maku que, a partir dessa época, ficaram como os seus nihikuina, isto é, seus servos.

Depois de muito tempo, Dihputiro os deixou viver em malocas separadas nos lugares que eles escolheram. Cada um desses grupos ficou assim vivendo numa maloca separada. Mas não perderam o contato com Dihputiro, indo sempre acompanhar o seu chefe nas festas de danças. Ficaram na maloca de Dihputiro somente os descendentes dos dois filhos da primeira esposa: Wahori e Kisibi.

Kisibi é o bisavô de Diakuru, um dos autores desse livro. Kisibi era tuxaua, pajé, kumu e bayá, isto é, mestre de cerimônia. Ele teve um filho chamado Diakuru, cujo nome português era Manuel Ramos.

Diakuru teve vários filhos. Por ordem de nascimento são estes: Tōrām̄, Miripu, Diakuru, Gui (apelido de Sokete) e Kisibi (ou Venâncio). Como seu pai, Kisibi era tuxaua, pajé, kumu e bayá. Embora caçula da família e, por isso, não podendo ter o cargo de tuxaua, ele passou todavia a ocupar esse cargo devido ao fato de seus irmãos terem morrido nos seringais.

Kisibi (Venâncio Ramos) teve vários filhos: Miyō (Amélia), Diakuru (Américo), Yuhusio (Ercilia), Kisibi (Feliciano), Diakuru (Américo) e Tōrām̄ (Daniel). O primeiro Diakuru (Américo) bem como Kisibi (Feliciano) morreram. O segundo Diakuru (Américo) é o atual tuxaua dos Desana do grupo de descendência Wari Dihputiro que mora no povoado Cucura, no igarapé Cucura, afluente do Rio Tiquié, cujo nome português é Américo Castro Fernandes. Ele tem vários filhos: Kisibi (com nome português de Dorvalino), Miyō (Clarinda), Yuhsuru (Elsa), Tōrām̄ (Nazareno), Diakara (Jaime) e Diakuru (Genival). Diakuru, o atual tuxaua de Cucura e seu filho primogênito Kisibi são os autores deste livro.





Glossário de nomes científicos das plantas e animais citados na mitologia

1. Plantas

Abacate	<i>Persea gratissima</i>
Abiu	<i>Pouteria caimito</i> L.
Bacaba verdadeira	<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.
Caapi	<i>Banisteriopsis</i> sp.
Carajuru	<i>Arrabidaea chica</i> Verl.
Caruru	família das <i>Amarántaceas</i>
Cipó ambé-açu	<i>Philodendro imbe</i> Schott
Cipó-de-timbó	família das <i>Sapindáceas</i>
Cipó rabo-de-arara	<i>Philodendro scabrum</i> Krause
Cipó-titica,	<i>Heteropsis</i> aff. <i>Spruceana</i>
Cipó Tõpa	<i>Sabicea amazonica</i> Wernh.
Cunurizeiro	<i>Cunuria spruceana</i> Baill.
Curare	<i>Strychnos</i> sp.
Embaubá (imbaúba)	<i>Cecropia</i> sp.
Ingá	<i>Inga</i> sp.
Ipadu	<i>Erythroxylum coca</i> var. <i>ipadu</i>
Jenipapo	<i>Genipa americana</i>
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Cranz
Paricá	<i>Piptadenia peregrina</i>
Pau mucuracaá	<i>Petiveria alliacea</i>
Paxiúba	<i>Iriartea exorrhiza</i>
Sabão da selva	<i>Calliandra</i> sp.
Sorva	<i>Couma guianensis</i>
Timbó	<i>Lonchocarpus</i> sp.
Tucum	<i>Astrocaryum tucuman</i>
Turi	<i>Licania</i> sp.
Tururi	<i>Brosimum krukovii</i> Standl.
Uacum (uacu)	<i>Monopterix uauca</i> Spar. et Benth.
Uarumã (arumã)	<i>Ischnosiphon</i> sp.

2. Animais

Abelha	Meliponídeo
Acará	família dos Ciclídeos
Andorinha	Iridoprocne sp.
Anta	Tapirus terrestris
Aranha	ordem dos Aracnídeos
Aracu (peixe)	Leporinus sp.
Aracu pintado	Leporinus friderici Bloch.
Arara	Ara sp.
Araripirá	Leporinus moralesi Fowl.
Arraia (d'água-doce)	sub-classe dos Seláquios
Beija-flor	família dos Troquilídeos
Besouro	Ordem dos Coleópteros
Bicho de pé	Tunga penetrans L.
Borboleta wataporo	Morpho sp.
Caba	Vespídeo
Calango wabuguro	Plica plica L.
Camarão	Crustáceo da família dos Peneídeos
Cancã	Cyanocoras cyanopogon Wied.
Caracaráí	Daptrius ater Vieil.
Caranguejo	Crustáceo decápode
Carapanã	Culicídeo
Carará	Anhinga anhinga L.
Cascudo	família dos Loricarídeos
Centopéia (Lacraia)	Artropóde miriápode, quilópode
Cobra	Ofídio
Cobra cega	gên. Siphonops Wagl. e Caecilia L.
Cobra-coral-venenosa	gênero Micrurus Wagl.
Cobra d'água	gênero Helicops Wagl.
Coruja	Pulsatrix perspicillata
Cujubim	gênero Pipile
Cupim	Inseto da Ordem dos Isópteros
Cutia	Dasyprocta aguti L.
Garça	Leucophoyx thula
Gavião	Busarellus nigricollis
Guariba	Alouatta sp.

Inambu	Crypturellus sp.
Inambu-rei	Crypturellus sp.
Irará	Tayra barbara Lin.
Jaburu	ordem dos Ardeiformes
Jabuti	Geochelone carbonaria
Jacamim	Psophia sp.
Jacaré	família dos Crocodilídeos
Jacu	Penelope jacucaca
Jacundá	gênero Crenicichla
Jacupemba	Penelope superciliaris Tem.
Japu	Ostinops sp.
Jararaca	Bothrops sp.
Jeju (peixe)	Hoplerythrinus unitaeniatus Spix
Lagartixa	família Iguanídeos
Macaquinho preto	do gênero Cebus Erxleben
Macaco da noite	família dos Cebídeos
Maniuara (tanajura)	Atta sp.
Marianita	Pionites leucogaster Kuhl.
Micura (mucura)	Caluromys phillander
Mosca	inseto díptero
Mosquito	Culicídeos
Mutuca	família das Tabânidas
Mutum	Crax sp.
Onça	Panthera onça
Pacu	gên. Metynnis Cope e Mylossoma
Papagaio	Amazonas sp.
Peixe curubiça	família dos Ciclídeos
Periquito	Brotogeris tirica
Pescada	família dos Cienídeos
Piaba	gên. Leporinus
Pica-pau	Ordem dos Piciformes
Piranha	Serrasalmus spilopleura
Pirarara	Phractocephalus hemiliopterus
Pirarucu grande	Arapaima gigas Cuv.
Porco queixada	Tayassu pecari
Preguiça	família dos Bradipodídeos

Rato	família dos Murídeos e Cricetídeos
Sarapó (carapó)	<i>Cymnotus carapo</i> L.
Sauvá	gênero <i>Atta</i> Fabr.
Socó	<i>Nycticorax nycticorax</i>
Tapuru (verme)	gênero <i>Camponotus</i>
Tocandira	<i>Dinoponera grandis</i>
Taira	<i>Hoplias malabaricus</i>
Tukano	gênero <i>Ramphastos</i> L.
Urubu	<i>Coragyps atratus foetens</i>
Urubu-rei	<i>Sarcoramphus paga</i> L.
Uirapuru	gêneros <i>Pipra</i> L. e <i>Chiroxiphia</i> Cab.
Veado	família dos Cervídeos



COLEÇÃO
NARRADORES
INDÍGENAS
DO RIO NEGRO

VOLUME 2

MEMÓRIA

IDENTIDADE

PATRIMÔNIO CULTURAL

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

CRSOM

L'INSTITUT FRANÇAIS
DE RECHERCHE SCIENTIFIQUE
POUR LE DÉVELOPPEMENT EN COOPÉRATION

UNIRT / FOIRN
FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES
INDÍGENAS DO RIO NEGRO